

Trabalho de Projecto

de

Sara Di Chiazza

**Primeiras abordagens a uma fenomenologia do
limpo e do sujo. Objectos, práticas e experiências
entre passado e actualidade.**

Orientação de:

Professor Doutor Joaquim Pais de Brito
Professora Doutora Paula Godinho

FCSH_UNL, Lisboa

Setembro de 2011

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Mestrado em Antropologia da Cultura Material e dos Consumos

Trabalho de Projecto de

Di Chiazza Sara

**Primeiras abordagens a uma fenomenologia do limpo e do sujo.
Objectos, práticas e experiências entre passado e actualidade.**

Orientadores:

Professor Doutor Joaquim Pais de Brito, Director do Museu Nacional de Etnologia de Lisboa

Professora Doutora Paula Godinho, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

A Daniela e Stefano,
Pilares das minhas asas.

Às surpresas dos futuros voos.

“Mas será necessário repetir que a erudição e a imaginação são complementares e
não antagônicas?

Jacques Le Goff

Se não formos audazes, o que não é sinónimo de irresponsabilidade, se não formos terrivelmente audazes com os nossos sonhos e não acreditarmos neles até os tornar realidade, então os nossos sonhos murcham, morrem, e com eles, nós também.

Luis Sepúlveda

Índice

Agradecimentos	13
Overture	15
Advertências	17

Primeira Parte. Diálogo entre passado, presente e futuro

I. INTRODUÇÃO. HISTÓRIA DE UM CAMINHO <i>IN FIERI</i>	20
1.1. A <i>Colecção de Escovaria</i> dentro e fora do Museu Nacional de Etnologia	20
1.2. Escovas, vassouras, pincéis: que abordagens?	25
II. AS PERGUNTAS INSATISFEITAS: VELHAS QUESTÕES EM FALTA PARA NOVOS CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO	30
2.1. Contra Descartes. Prolegómenos a um <<facto social total>>	30
2.2. Universalidade e contingência do limpo e do sujo, dos <<homens que limpam>> e dos <<homens que sujam>>	36
2.3. Os paradoxos do limpo como projecto de investigação: a estética, a moral e a burocracia performativa	40
2.4. A ordem da ostentação	43
III. PROPOSTAS DE DESENVOLVIMENTO	46
3.1. Porque estudar o lixo	46
3.2. Como estudar o lixo	49

Segunda Parte: corpos e experiências

IV. CORPO FILOSÓFICO, CORPO FÍSICO E CORPO SOCIAL	54
4.1. O <<homme total>>: do “ <i>habitus</i> ” ao “ <i>hábito</i> ”	56

V. A LIMPEZA DOMÉSTICA. COISAS DE MULHERES: A DELEGAÇÃO HORIZONTAL	61
5.1. As <<fadas do lar>>: questões de <i>habitus</i>	63
5.2. Dói, mas cheira bem! Questões de <i>hábito</i>	66
VI. A LIMPEZA PÚBLICA: UMA ALQUIMIA MAL APROVEITADA. A DELEGAÇÃO VERTICAL	72
6.1. Qualidade <i>e / ou</i> Quantidade: que conjunção?	72
6.2. O desembaraçar dum embaraço. A produção da vergonha e do risco	80
6.3. O trabalho de Cantoneiro de Limpeza e a vergonha	91
6.4. O trabalho de Cantoneiro de Limpeza e o risco	95
VII. LIXO: O OURO <<SUJO>>	99
7.1. As riquezas da sujidade	99
7.2. A falta de reversibilidade	104

Terceira Parte: conclusões e reflexões finais

VIII. ONDE COMEÇA E ONDE ACABA A LIMPEZA	114
8.1 Limpo e sujo não existem	114
8.2 Civilizados e primitivos: outra vez?	119
8.3 Melhores do que os antropólogos, os Poetas e os Cantoneiros de Limpeza	123

Anexos

Anexo 1.....	128
Anexo 2.....	133
Anexo 3.....	134
Anexo 4.....	135
Anexo 5.....	135
Anexo 6.....	136
Anexo 7.....	136
Anexo 8.....	137
Anexo 9.....	137

Referências Bibliográficas	139
----------------------------------	-----

Agradecimentos

O fim dum caminho é sempre uma óptima ocasião para agradecer as pessoas que connosco o têm partilhado, tanto na distância quanto na proximidade. É na impossibilidade de mencionar uma a uma estas pessoas que aqui expresso a minha sincera e profunda gratidão.

Agradeço os meus excelentes orientadores: o Professor Doutor Joaquim Pais de Brito, que me acolheu no seio duma *Casa*, o Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, onde tem sido possível conjugar a profissionalidade e a paixão da pesquisa antropológica com a estima, a disponibilidade humana e pessoal e, não por última a amizade, que aí encontrei; a Professora Doutora Paula Godinho, que aceitou o desafio de me orientar num percurso inexplorado e incerto, e que se revelou um suporte constante, tanto académico quanto moral nas etapas mais difíceis deste percurso. Aos dois, vão os meus mais sinceros agradecimentos, para a confiança, a ajuda e a disponibilidade humana com que me acolheram. Com eles, cada uma das sessões de orientação tem sido uma aula de aberta e estimulante partilha, tanto de sugestões quanto de conversas e ensinamentos que nunca esquecerei, prendas inestimáveis as quais devo o crescimento dum Trabalho de Projecto ambicioso, o fim dum Mestrado, a realização dum Sonho antigo e, ao mesmo tempo, o crescimento íntimo e pessoal, resultado inesperado que se tornou possível através da grande atenção e cuidado que ambos me reservaram. Sinceramente Obrigada.

Um agradecimento particular vai para todos os funcionários do Museu, à equipa técnica e científica como igualmente aos seguranças (o Sr. Vítor em particular), às secretárias (Isabel e Cristina), à cozinheira Manuela e às empregadas de limpeza, que me acolheram com muito calor e simpatia. Nos corredores do Museu encontrei pessoas valiosas, que me aceitaram como uma verdadeira colega e que muito me ajudaram, contribuindo não pouco à elaboração deste Trabalho de Projecto. É com eles que partilhei a maior parte do ano, entre momentos de alegria, sincera amizade e também de crise e grandes dificuldades. Um agradecimento especial vai para a Ana

Botas, orientadora doce e escrupulosa, ao João, ao Paulo Maximino, à Cláudia, ao Alexandre Raposo, à Cármen e à Ana Pinedo, colegas que mais do que os outros tiveram que lidar com a minha presença não sempre leve e que nunca recusaram de oferecer o seu suporte e a sua disponibilidade para me ajudar.

À todos os Informantes com que me relacionei ao longo do trabalho de campo, sem os quais nenhuma destas páginas teria sido escrita, outros Orientadores, mais anónimos e informais do que os primeiros e igualmente preciosos, valiosos e importantes. Um agradecimento particular para o Luís Filipe Maçarico, a Senhora Alice da Vassouraria da Esperança, a Senhora Teresa Cardoso da Pollux, o Senhor Hermógenes Rosa, o Fernando Teixeira da Fapil, o Senhor António da Lisbonense, o Senhor António da drogaria da rua Nova da Piedade e o Senhor José, engraxador da Praça de Rossio.

Aos meus colegas de Mestrado, muitos dos quais agora Amigos. Aos meus Amigos e à minha Família, sem o calor e o amor dos quais não haveria suficiente força para a realização dos nossos grandes e pequenos sonhos.

Overture

Ler o mundo e interpretá-lo não significa dizer a verdade sobre ele. Significa, mais humildemente, interrogar as coisas do mundo, até quando as perguntas diminuem, porque, depois de muito tempo, elas vão encontrar as suas respostas, e não urge tanto como no começo.

Também as perguntas encontram a paz. Salvo se novas perguntas chegarem.

As respostas do investigador nem sempre são as melhores, mas mesmo as imperfeitas constituem passos positivos em direcção à paz das perguntas: são passos que avizinham as respostas perfeitas e mais importantes.

Pardom, nunca se chega às respostas perfeitas e mais importantes: elas não são do investigador. Elas são as que todos temos que procurar para nós próprios, qualquer que seja o trabalho que fazemos e as perguntas que dirigimos ao mundo.

O investigador, como todos, é um simples colector de fruta, embora mais do que os outros tenha o privilegio de interrogar mais árvores.

S.D.C.

Advertências

As citações das seguintes obras foram traduzidas do italiano para o português pela autora, embora por razões práticas no texto não se encontre reportada a formula “trad. minha”:

BAUDRILLARD, Jean (2009) *Il sistema degli oggetti*, Milano, Bompiani; ed. or.(1968) *Le système des objects*, Gallimard, Paris.

BATESON, Gregory (2008)(1972) “Contatto tra culture e schismogenesi”. Gregory Bateson, *Verso un'ecologia della mente*, Milano, Adelphi, pp.95-107.

DOUGLAS, Mary (1996) *Purezza e pericolo. Un'analisi dei concetti di contaminazione e tabù*, Bologna: Il Mulino; ed. or. (1966) *Purity and danger. An analysis of concepts of pollution and Taboo*, Harmondsworth, Penguin Books.

DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD Baron (1984) *Il mondo delle cose. Oggetti, valori, consumo*, Bologna, Il Mulino, pp. 66. Ed. or. (1979) *The world of goods*, New York, Basic Books.

FUSASCHI, Michela (2008) *Corporalmente corretto. Note di antropologia*, Roma, Meltemi.

GALIMBERTI, Umberto (2002) (1983) *Il corpo*, Milano, Feltrinelli.

GALIMBERTI, Umberto (2009) *I miti del nostro tempo*, Milano, Feltrinelli.

GRAMSCI, António (1934) “Americanismo e fordismo”. António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 22, pp- 2137-2181.

GRAMSCI, António (1934) “Ai margini della storia (Storia dei gruppi sociali subalterni)”. António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 25, pp- 2277-2294.

GRAMSCI, António (1934) “Osservazioni sul <<Folclore>>”. António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 27, pp- 2309-2217.

LA CECLA, Franco (1998) *Non é cosa. Vita affettiva degli oggetti*, Milano, Elèuthera.

SELLERS, Susan (2003) “Spose meccaniche”. Raimonda Riccini (eds.) *Imparare dalle cose. La cultura materiale nei musei*, Bologna, Clueb.

Primeira Parte: diálogo entre passado e futuro

I. Introdução. História de um caminho *in fieri*.

O objectivo principal do trabalho de projecto é apresentar, por um lado, a natureza e as características da pesquisa até agora desenvolvida ao longo do ano académico 2010/2011, e por outro, definir o conjunto de objectivos futuros que constituem o projecto que se entende desenvolver.

Afrontar-se-ão, nesta introdução, as etapas mais importantes que vieram a designar o assunto da investigação, salientando os aspectos teóricos que mais contribuíram para a sua definição e interpretação, ilustrando, em seguida, os objectivos que constituem a proposta da futura indagação. Deixamos aos capítulos seguintes o objectivo de ilustrar, mais aprofundadamente, as trajectórias específicas que a pesquisa tem vindo a tecer, conjugando em si a trama que os dados de campo relevaram, com a urdidura das teorias socioculturais, onde merecem particular destaque as da cultura material, dos consumos, das comunicações, do património, da identidade e da globalização.

1.1. A “Colecção de Escovaria” dentro e fora do Museu Nacional de Etnologia

A investigação acerca da temática da limpeza teve origem em Setembro de 2010, ao começar um longo percurso de estágio no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa. Sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Pais de Brito, Director dessa instituição, dediquei-me à pesquisa dum conjunto de peças pertencentes à *Colecção de Escovaria*, um imponente núcleo museológico composto por mais de 2600 objectos, oriundos duma antiga fábrica lisboeta, a *Raul Torres Brito*. A empresa ocupava-se da produção de artigos de escovaria, isto é, diferentes tipos de escovas, vassouras e pincéis, muitas vezes criados sob medida e destinados às mais variadas actividades, tanto de domínio doméstico (vassouras e escovas para o chão, escovas para ladrilhos, para os móveis, etc.), quanto pessoal (escovas para cabelos, para unhas, para fato e sapatos, etc.), como também público e industrial (vassouras de estradas, escovilhões para a limpeza de peças de máquinas, etc.).

A vida produtiva da *Raul Torres Brito* desenvolveu-se num arco temporal de cerca sessenta anos (a fábrica abriu em 1925 e fechou em 1984¹), a maior parte dos quais

¹ Matias, Isabel (2005) *Fábrica de escovas, pincéis e vassouras Raul Torres Brito, Colecção de Escovaria*, Setembro de 2005, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia (relatório interno não publicado).

caracterizados por um contexto histórico e social dominado pela ditadura salazarista e por um sistema económico de tipo autárquico, elementos que levam a considerar o carácter obsoleto das suas peças. Em geral, não se trata duma obsolescência dos objectos em si, nem das suas funções, (trinchas, broxas, vassouras ou escovas constituem utensílios ainda procurados e comuns): trata-se, neste caso específico, duma distância em relação ao presente calculada a partir das técnicas do seu fabrico, ainda fortemente manuais² e caracterizadas pelo recurso a matérias primas em grande parte de origem natural (fibras vegetais e animais, madeira, papel, cartão), características já não comuns aos hodiernos circuitos produtivos.

A *Colecção de Escovaria* representa o conjunto museológico a partir do qual a pesquisa teve origem: embora a investigação se tinha desenvolvido em territórios aparentemente distantes da colecção em si, a ligação com os seus objectos tem vindo a constituir o irrenunciável pressuposto empírico de partida. Ainda hoje, depois de um ano de trabalho, esta colecção permanece no centro dos meus interesses antropológicos, pela vastidão das possibilidades teóricas que suscita e a profundidade do seu significado social, entendendo como social o complexo entrelaçamento de factores históricos, culturais, económicos, estéticos e morais, tanto da época de fabrico dos objectos, quanto do nosso presente actual, a partir do qual a encaramos e interrogamos.

Em Setembro de 2010, no início da minha actividade como estagiária, começou o processo de familiarização com os diferentes conjuntos da colecção³, que, reunidos em sucessão, ilustram o processo de produção dos objectos na sua totalidade, desde os desenhos de pedido dos clientes até à venda final. Até ao mês de Janeiro, o trabalho foi de tipo exclusivamente museológico, desenvolvido com a ajuda e a colaboração da equipa profissional do Museu. Os resultados finais deste trabalho foram sistematizados e resumidos em dois relatórios distintos, ambos orientados por Ana Botas: o “*Primeiro Relatório de percurso. Abordagem e liminaridade: verificação e controlo do estado actual da Colecção de Escovaria*” (Outubro de 2010), e o “*Segundo Relatório de percurso. Pós-liminaridade: cinco anos depois.*”

² Apenas dois dos instrumentos de trabalho oriundos da fábrica não são totalmente manuais: trata-se de duas máquinas de furar. Embora a acção furadora da máquina propulsionada pela energia fosse de um motor eléctrico, a manualidade técnica do operário permanecia necessária: a madeira que era preciso furar era posta em contacto com a máquina e aí trabalhada por meio de técnicas corporais ainda de tipo artesanal.

³ Contam-se actualmente nove conjuntos diferentes, assim denominados: “Mobiliário e Material de Escritório”, “Maquinaria Ferramenta e Utensílios”, “Moldes”, “Cepos e Moldes”, “Cepos”, “Material de Pincelaria”, “Matérias Primas”, “Produtos Acabados”, “Equipamento dos Caixeiros Viajantes”.

Transformações da Colecção de Escovaria entre ontem e hoje” (Dezembro de 2010). Em ambos os trabalhos realizados, não foi possível incluir nenhuma abordagem propriamente antropológica, já que o trabalho de revisão e de sistematização duma colecção tão ampla quanto desconhecida, precisou de muito tempo e muito investimento para ser cumprido⁴.

Acabada a primeira fase museológica, distante dos objectivos estabelecidos pelo percurso de estágio, mas absolutamente imprescindíveis à finalidade da obtenção dum profundo conhecimento da colecção e da sua sucessiva análise, resultou finalmente possível dar início à uma nova investigação, agora sim, no seio da antropologia, por meio da qual estudar um conjunto limitado de peças. Nas reuniões de orientação com o director do Museu, Professor Doutor Joaquim Pais de Brito, decidiu-se concentrar todas as atenções no conjunto dos “*Produtos Acabados*”⁵. Para o abordar, foi importante, por um lado, ir à procura do maior número de informações certas relativas ao maior número possível de objectos, e, por outro, seleccionar um pequeno grupo de estudo, destinado a uma pesquisa mirada. Foi assim constituído o conjunto de base da minha investigação, formado por acerca de cento e cinquenta objectos destinados à limpeza e manutenção do corpo (tanto da sua higiene pessoal quanto do cuidado reservado aos fatos e aos sapatos, atributos externos mas que pertencem ao domínio corporal), e, enfim, da casa. A esfera privada e a doméstica compõem o fundo principal por meio das quais entender as peças seleccionadas, cuja presença dentro das paredes do lar resulta enquadrável numa lógica de dupla combinação entre actividades e espaços a eles destinados. Grande consideração foi também reservada a um pequeno segmento de objectos formados por vassouras e escovões utilizadas na limpeza das estradas e dos espaços públicos da cidade, e que acabaram por ser incluídos na secção de estudo. Assim constituído, o aglomerado de objectos da pesquisa permite focar a temática da limpeza no seu complexo cruzamento entre

⁴ A minha estranheza face à colecção resume-se em “distância geracional”, ou seja, o facto de ser composta por objectos do passado que nada me sugeriam além da sua crua materialidade, e em “distância cultural”, pelo facto de eu ser estrangeira, residente em Portugal desde Outubro de 2010, sem memórias directas ou indirectas dos acontecimentos do passado nacional, nem das formas e dos estilos de vida do passado. O que tentei desenvolver foi essencialmente a capacidade de ir mais longe do que a forma, aprendendo os nomes e as características – muitas vezes técnicos – dos objectos, e de os entender mantendo estável, atrás deles, a presença constante das mulheres e dos homens que os agarraram, os manipularam, os utilizaram no seu dia a dia.

⁵ O conjunto dos Produtos Acabados é composto por 465 objectos muito diversificados entre si em termos de funções e de evolução histórica até os nossos dias. Sem entrar na especificidade do conjunto, basta dizer que escovas, vassouras, pincéis e escovilhões formam os seus subconjuntos mais importantes e numericamente consistentes. Em cada um deles é ainda possível operar ulteriores distinções, as vezes bem marcadas, outras vezes lábeis e duvidosas, no que toca as características existentes em cada subcategoria de objectos.

esfera pública e esfera privada, tomando particularmente em conta a ambígua zona de fronteira que as dividem.

Informações detalhadas, memórias e contos acerca das funções e dos contextos de utilização de cada artigo, constituíram o objectivo principal do trabalho de campo, desenrolado entre os meses de Fevereiro e os finais de Abril. Foi assim que procurei colectar notícias, produzindo arquivos fotográficos, gravando pequenos filmes documentais sobre a história do uso e do desuso de muitos deles. A comparação constituiu o elemento constante da pesquisa, já que as valências culturais das práticas quotidianas de passado e presente podem-se entender melhor quando as formas confrontando entre si, relevando delas tanto as permanências quanto as mudanças ocorridas.

Varias vezes me interoguei sobre a natureza dum trabalho assim tão heterogéneo e amplo, que nem sempre parecia ter o mesmo horizonte comum de fundo. A variedade dos lugares visitados, as diferenças entre os objectos em si, a amplitude do universo humano que encontrei e não entendi e compreendi e interoguei e que me interrogou e que não me compreendeu, foi tão heterogénea quanto desafiante, desoladora às vezes, e às vezes tanto mais estimulante. Fui-me adaptando a muitos registos sociais diferentes, por vezes não compatíveis entre si próprios, às vezes impenetráveis, como no caso da pesquisa sobre os pincéis para barba, que me levou às margens das entradas das barbearias, passagem liminar dum mundo masculino onde, na maior parte das vezes, tive que ficar atrás das portas de vidro fechadas, interdita a uma linha de demarcação sócio-ritual que não consegui ultrapassar. Falei e confrontei-me com engraxadores de rua, chefes da administração pública, funcionários, empregados comerciais, elementos da alta burguesia e operários, interoguei artesãos e carpinteiros, senhoras refinadas representantes dum *bom-tom* à antiga, ex-varinas, pintores de construção civil e cantoneiros, fui perseguindo vassouras e pincéis nos centros comerciais, nas históricas lojas da Baixa lisboeta, nas velhas drogarias de bairro e nas mãos das pessoas. Nem sempre foi fácil manter em vista o “fio de Ariana”, e nem sempre resultou imediata a ligação entre uma escova qualquer e o poder político económico e social que contribui para a sua definição.

Cheguei à consideração de não estar a fazer uma “etnografia de urgência”, embora a minha preocupação central fosse a de perceber como os objectos da Colecção de Escovaria eram utilizados nos tempos da sua produção, se hoje em dia ainda são utilizados, e, em caso afirmativo, com que mudanças em relação ao passado. A

investigação das formas da sua utilização, todavia, não constituiu o centro unívoco das minhas interrogações: mais importante, foi o captar os mundos sociais à volta dos objectos, sem os quais deixariam de ter tanto fascínio e interesse. Que pequenos, distraídos e automáticos rituais acompanhavam os gestos da limpeza do chão? Que ocasiões particulares se escondiam por detrás do recurso ao pó de arroz, e quem podia beneficiar dos seus efeitos de beleza? Quem escovava os sapatos, e quando? A escova de unhas sempre esteve presente nas casas de banho e nas malas dos portugueses? Qual era o calendário das limpezas domésticas, e por meio de que imaginários sociais foi ensinado aos homens que não era trabalho para eles? Enfim, quais são os imaginários que regulamentam as limpezas do nosso presente? Não, a etnografia de urgência não era o meu propósito. Para ser cumprida, ela precisava de outros assuntos e outros recursos. O que estava a fazer então? Simplesmente, respondi-me, estava a documentar um universo de objectos do passado, alguns dos quais já se tinham tornando obsoletos, por vezes já tinham caído em desuso, outros ficaram esquecidos já há muito tempo e nem as novas gerações os podem reconhecer, outros ainda se podem encontrar no comércio mas com novas funções e utilidades, enquanto que muitos tornaram-se objectos de amostra nas colecções privadas dos mais nostálgicos, ou até, símbolos das modas mais recentes (como a vassoura de mato, verdadeira atracção ecológica de último grito).

A presença inalterada de muitos dos objectos da colecção no seio do comércio contemporâneo não constitui a garantia da não alteração do seu valor de utilização, bem como do seu valor simbólico. Embora idênticos aos do passado, no que toca ao seu valor de uso, sofrem da concorrência provocada pelo surgimento de novas ferramentas mais tecnológicas e potentes, muitas vezes difundidas massivamente, que vieram substituir (gradualmente ou de repente) os primeiros, afirmando o seu domínio nas nossas actividades quotidianas e relegando os velhos utensílios a uma utilização esporádica e ocasional (como no caso do aspirador em relação à vassoura de interior ou da máquina de barbear eléctrica em relação ao pincel para a barba). Em termos simbólicos (mas também retóricos e políticos), tudo aquilo que passou a ser utilizado com menor frequências, adquiriu, automaticamente, o estatuto de “objectos obsoletos”, com todo o fascínio e a ambiguidade que isso comporta. Por um lado, a memória e o valor afectivo emergente da história de vida dos objectos, (interconectada com a nossa e precisamente por isto igualmente importante e significativa) e, por outro, a inutilização que os objectos podem adquirir, jogam o

papel de árbitros imprevisíveis que decidem da sorte das velhas ferramentas, seja num sentido de espontânea salvaguarda e patrimonialização, seja no sentido oposto de um igualmente espontâneo esquecimento ou mesmo destruição. Concluindo, podemos afirmar que o meu trabalho foi basicamente um exercício de verificação do destino e dos acontecimentos ocorridos aos objectos ao longo do tempo, e, com estes, às pessoas que os utilizavam.

Durante os meses de trabalho de campo não foi possível completar e aprofundar algumas questões particularmente interessantes surgidas ao longo do caminho percorrido, e, entretanto, o estágio no Museu Nacional de Etnologia, tornou-se uma colaboração mais douradura, até agora em curso. Os limites duma investigação tão fragmentária quanto intensa incidiram muito sobre a forma de eu acabar o mestrado em Antropologia da Cultura Material e dos Consumos: as características da pesquisa desenvolvida pareciam ultrapassar os objectivos estabelecidos para a formulação de um Relatório de Estágio, mas, ao mesmo tempo, não suficientemente adequados com os fins da redacção duma Tese. Já identificadas algumas pistas de investigação bem maiores do que os objectivos estabelecidos pelo trabalho de campo, a minha orientadora da Faculdade, a professora Paula Godinho, o meu orientador no Museu Nacional de Etnologia, o Professor Director Joaquim Pais de Brito e eu, optámos para concluir o percurso de mestrado com a submissão de um Trabalho de Projecto que deixasse aberta a possibilidade de levar os passos feitos mais à frente.

1.2. Escovas, vassouras, pincéis: que abordagens?

A escolha de estudar o segmento dos Produtos Acabados inerente à limpeza do corpo, dos acessórios, da casa (em particular o chão) e das ruas públicas, levou a organizar o trabalho de campo através de contactos formais e informais com três tipos de pessoas: 1) os actuais fabricantes de produtos de limpeza, e, quando foi possível encontrá-los, os poucos e já velhos fabricantes artesanais ainda activos no circuito comercial; 2) os vendedores de produtos de limpeza, com particular destaque dos merceiros e droguistas de bairro; 3) os consumidores, mulheres e homens que partilharam comigo as suas memórias e as suas experiências.

A preeminência dada à recolha das informações mais “formais” dos objectos (função, destino de uso, maneiras de emprego, técnicas de manuseamento, etc.) acabou com não deixar muito tempo para uma abordagem aprofundada no que toca

aos fluxos das memórias pessoais. A tentativa de estabelecer contactos estáveis com diferentes informantes a fim de desenvolver histórias de vida, também não resultou possível, dada a constante fragmentação e heterogeneidade dos objectivos de investigação: o elevado número de artigos em estudo e a constante peregrinação em sítios diferentes constituíram os obstáculos maiores no final duma recolha de informações mais densa.

A investigação efectuada sobre escovas e vassouras começou com a leitura de livros dedicados à história social das práticas da limpeza, relativamente às quais assumem um papel central os costumes da aristocracia e da burguesia franceses do século XVIII⁶. Para Portugal, enfrentei a história dos objectos com base numa bibliografia inexistente, facto que levou a justificar uma abordagem de terreno antes de tudo extensa mais do que profunda. A dificuldade em termos de documentação foi de facto um dado tanto penoso quanto significativo: escovas, vassouras e pincéis raramente saíram do domínio hermenêutico do “banal” e do “quotidiano” para serem entendidos nas suas enormes valências sociais e culturais.

A interrogação de objectos *comuns*, facilmente reduzíveis a um nível puramente funcional, exigiu uma atenção dirigida tanto aos contextos das relações humanas em que estes se inserem, e que com a sua presença contribuem para moldar (A. Appadurai, 1986; F. La Cecla, 1998; P. Bourdieu, [1979]2001), quanto às finalidades técnicas das suas utilizações, entendendo estas últimas como produtos de específicas idiosincrasias sociais⁷. Com base nesta abordagem, o trabalho de campo assentou inicialmente numa perspectiva fortemente comparativa, por meio da qual foi possível indagar a memória relativa às técnicas de limpeza do passado, postas em relação com as do presente. Depois de algum tempo, todavia, a pesquisa tornou-se um trabalho mais abrangente, em que começaram a ser questionadas as problemáticas dimensões que os conceitos de limpo e de sujo levam consigo. A limpeza, elemento tanto fisicamente intenso e profundamente abrangente quanto idealmente elaborado, emergiu como um <<facto social total>>, isto é, como um complexo universo de sabedorias e práticas presentes e comuns em todos os níveis da estrutura social, embora as suas manifestações tomem formas diferentes, e propositadamente

⁶ Vigarello, Georges (2004) *Histoire de la beauté. Le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*, Éditions du Seuil, tr. it. (2007) *Storia della bellezza. Il corpo e l'arte di abbellirsi dal Rinascimento a oggi*, Roma, Donzelli Editore.

⁷ Mauss, Marcel (1936) “Les techniques du corps”, pp. 368. Marcel Mauss (1950) *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF, pp. 363-386.

diferenciantes, em cada um. É nas declinações contingentes do seu carácter universal que se afirmam as múltiplas e entre si contraditórias definições do *limpo* e do *sujo*, definições desafiantes, porquanto não podem ser fixadas, e em definitivo não existem, porque só tomam forma na óptica dos actores sociais que as pensam e as produzem⁸. Dada a impossibilidade de se definirem a priori, limpo e sujo têm sido questionados através da análise de muitos elementos heterogéneos, como fossem um fio de Ariana deslocado em diferentes corredores do mesmo labirinto.

Ao longo deste percurso, ainda em fase de desenvolvimento, tem sido possível avançar algumas primeiras reflexões, aqui parcialmente apresentadas, que pela sua complexidade têm sido solicitadas por argumentos profundamente concatenados, embora aparentemente divergentes, entre os quais merecem particular destaque: os usos do corpo e das memórias, as tendências das modas, dos mercados e dos consumos, a influência resultante dos saberes científicos, os hábitos quotidianos e as mitologias que os sustentam, enfim, as novas formas de poder, difundidas tanto pelos *media* quanto pelos aparelhos burocráticos – sempre mais virtuais e centralizados – dos Estados.

Com o objectivo de conhecer a vida passada dos objectos da Colecção de Escovaria, pretendi conhecer outrossim o mundo paralelo dos sabões, detergentes e ferramentas com eles combinados, para ter uma ideia mais geral do que era, dantes, a limpeza. Por sua vez, a procura de informações sobre os detergentes e as ferramentas auxiliares (tanque, balde, pá de latão, lixívia, etc.), levou-me à pesquisa do panorama produtivo do País antes dos anos 80 (os anos de produção dos objectos da Colecção de Escovaria), quando Portugal apresentava uma situação de atraso considerável em relação aos outros países europeus, seja quanto às tecnologias produtivas, seja quanto às condições habitacionais (A. Costa Pinto, 2004; M. Filomena Mónica, 1996). A consulta do *Inquérito Habitacional* de 1941, organizado pela Direcção Geral de Saúde Pública⁹, foi uma óptima guia para compreender o grande, enorme salto que o País tem feito ao longo dos últimos tempos, mais especificamente, nos últimos trinta anos .

⁸ Douglas, Mary (1996) *Purezza e pericolo. Un'analisi dei concetti di contaminazione e tabù*, Bologna: Il Mulino, pp. 32. Ed. or. (1966) *Purity and danger. An analysis of concepts of pollution and Taboo*, Harmondsworth, Penguin Books.

⁹ Niny, Henrique Jorge (1941) *Inquérito Habitacional*, Lisboa, Direcção Geral de Saúde Pública, Instituto Nacional de Estatística, Ministério do Interior.

Pelo que toca ao contexto actual, constatou-se que as drogarias e as fábricas de escovaria “à antiga” que ainda sobrevivem (únicos sítios onde ainda se podem encontrar marcas esquecidas, produtos já quase “míticos” - num sentido popular -, ou então desaparecidos), constituem os últimos vestígios duma época que já não conta muitos representantes, e que de Certeau não hesitaria a definir como típica daquela “beleza do morto” para a qual se torna desejável tudo aquilo que já não há ou está a desaparecer¹⁰. Atrás dos balcões de venda ou das maquinarias manuais encontram-se senhoras e senhores idosos, ou muito idosos, na maior parte dos casos sem herdeiros ou jovens ajudantes ao seu lado. Os filhos dos droguistas, e os dos operários-artesãos não seguiram o trabalho dos pais: as velhas actividades estão a fechar, ou a converterem-se em lojas modernas, a esvaziarem-se, tornando-se armazéns e depósitos¹¹. Se por um lado, representa o fim dum sistema económico e social baseado em modelos educativos, familiares e de emprego que podemos definir como tradicionais, por outro, isto não significa o fim do comércio dos produtos antigos, que, ao contrário, estão a ganhar novos mercados e novos horizontes. A moda e a saudade do passado, todavia, não incluem nos seus circuitos todos os objectos sem antes ter efectuado precisas avaliações e distinções: o sistema do mercado livre, quando não afecta as técnicas de produção, afecta a imagem do produto: às regras económicas somam-se as regras de distribuição e de comunicação, muitas vezes mais exigentes e severas do que os meros parâmetros monetários¹². Só por si, a nostalgia, não se presta a ser comercializada: tem que se adaptar aos cânones por meio dos quais pode ser exportada, difundida, trocada.

Ao longo dos presentes capítulos, iremos conectando entre si, os corpos, os objectos, os lugares, as políticas económicas nacionais e europeias com as imagens mediáticas, as memórias, o património e o horror das novas discriminações sociais

¹⁰ Certeau, Michel de (1990) “A beleza do morto: o conceito de <<cultura popular>>”, pp. 45. Jacques Revel, *et al*, *A invenção da Sociedade*, Lisboa, Difel, 45-75.

¹¹ O valor do “antigo”, neste caso, não reside univocamente na capacidade de interpelar o “autêntico”, mas tem a ver com uma materialidade muito mais concreta do que ilusória: normalmente as antigas lojas têm rendas muito baratas e quem investe na sua conversão não quer perder este raro benefício, agora que os preços na cidade subiram exponencialmente, até se tornarem insustentáveis.

¹² Porquanto possam aparecer adaptações óbvias ao mercado, estas reformas de imagem que as empresas são chamadas a realizar, podem significar um obstáculo enorme para as marcas locais, familiares, de médias e pequenas dimensões. Revolucionar as embalagens ou a estética duma marca significa um dispêndio de energias e de capitais raramente disponibilizáveis por parte destes produtores. Ainda quando afirmadas e estáveis, as empresas de nível nacional, não podem concorrer contra as grandes marcas internacionais: comunicação publicitária, estudos de marketing e aquisição de espaços comerciais nas grandes superfícies constituem terrenos de luta desiguais já à partida. Consequentemente a esta assimetria, não é raro o caso de empresas nacionais facturarem mais do que algumas concorrentes multinacionais, e todavia ganharem muito menos. Entrevista com Fernando Teixeira, responsável comercial da *Fapil*, 18 de Maio de 2011.

segundo um percurso que considera a *sinédoque* como seu paradigma funcional. Como acontece na utilização desta figura retórica, consideram-se diferentes partes do sistema social para evidenciar, antes de tudo, o papel individual de cada um dos seus membros. Assim separados, distanciados uns dos outros, os vários órgãos da estrutura social podem ser analisados nas suas características principais como se fossem, eles próprios, corpos autónomos e distintos, mas que nunca podem ser considerados separados do organismo maior que constituem juntos. Só depois de ter analisado a esfera reduzida do particular podemos finalmente alcançar melhor as lógicas das interconexões que cada membro entretém com os outros, contribuindo para a definição das características do funcionamento do heterogéneo aglomerado que chamamos sociedade.

II. As perguntas insatisfeitas: velhas questões em falta para novos caminhos de investigação

Queremos acabar esta primeira parte introdutória do trabalho de projecto com a apresentação das questões que não puderam ser resolvidas, mas só parcialmente aproximadas e abordadas. Embora inacabadas, constituem os núcleos centrais, ainda desconstruídos e desordenados, das futuras investigações.

Qualquer projecto, implica um estado de necessidade que o projecta para o futuro. Escrever algo que desejamos e antevemos, implica uma grande esperança. Contudo, acreditamos no dito de Marrocos, segundo o qual talvez, as caravanas nunca cheguem à cidade de Utopia, mas é Utopia que as faz andar.

2.1. Contra Descartes. Prolegómenos a um <<facto social total>>

Incipit

- Abril de 2011 tem sido um mês crítico para a ilha de Lampedusa¹³. Enquanto se anunciava a possibilidade de difusões epidémicas depois das chegadas de novos barcos de imigrantes oriundos da África subsaariana, o governo italiano ficou empenhado, por um lado, a gerir o problema da imigração nos bancos institucionais da Europa, e, por outro a tentar estipular acordos profícuos com os países de origem dos “desesperados”, com o fim de cessar a sua chegada - também na óptica de salvaguardar a estação turística que se avizinhava. Entretanto, a imprensa nacional lançava mensagens preocupantes acerca do possível risco epidémico devido às péssimas condições higiénicas nos centros de acolhimento. Alguns jornalistas, enfrentaram o problema pondo em relevo o desconforto dos prófugos, amontoados em condições altamente críticas, enquanto que outros sublinharam o dos italianos, preocupados com as supostas epidemias e com a competição na esfera do trabalho, talvez mais psicológica do que real.

¹³ Ilha maior do arquipélago das Ilhas Pelagie, no Mar Mediterrânico, pertencente à ilha italiana da Sicília, nomeadamente ao distrito da cidade de Agrigento. Lampedusa situa-se a 205 quilómetros da costa siciliana mas está, na realidade, mais perto da costa da Tunísia, distante 113 quilómetros. Esta vizinhança fez com que a ilha se tornasse o ponto de desembarque mais favorável pelos muitos imigrantes ilegais dos países africanos que tentam a entrada na Europa. Lampedusa, sítio vulnerável e discutido muitas vezes comparada com Ellis Island, representa o espelho das problemáticas das políticas europeias e internacionais, sobre a perturbante temática da imigração.

- Em Abril de 2011, depois de um mês dos acontecimentos, a imprensa italiana começa a reflectir e a fazer os balanços dos efeitos sanitários da catástrofe nuclear que no dia 11 de Março se abateu na prefeitura japonesa de Fukushima. A danificação dos reactores número 1 e 3 dos seis instalados na central nuclear nipónica teve como consequência o desperdício de gás e substâncias radioactivas na atmosfera. O acidente, inicialmente classificado de nível 4 numa escala de 7, foi afinal declarado de grau máximo, o 7, o mesmo de Chernobyl. A imprensa internacional acusou a japonesa e o seu governo por ter minimizado e escondido a real situação das emissões.

O nascimento de uma Intenção

Dois casos diferentes da recente crónica internacional podem ajudar-nos a perceber melhor uma colecção de artigos de escovaria? Provavelmente não, ou melhor, não no imediato, mas, pelo contrário, a compreensão dos valores, dos imaginários e das práticas sociais que regulamentam e estruturam a utilização dos produtos e dos conceitos associados à limpeza, podem, sem dúvida, contribuir positivamente para a compreensão dos acontecimentos, grandes e pequenos, da nossa actualidade.

A investigação que se quer desenvolver não se quer limitar ao tratamento dos objectos e dos produtos que o acto de limpar necessita: antes de tudo, quer-se entender o que significa limpar, quais são as suas implicações, os seus efeitos, e as consequências que a sua visibilidade, ou a sua falta de visibilidade¹⁴, implicam nas complexas e interconectadas realidades sociais dos indivíduos.

Exempla

1) “Limpa a boca” é uma expressão italiana que significa “não dizer palavrões”, ou “não dizer estupidezes”. 2) A “limpeza étnica” não se refere ao estudo dos rituais de limpeza dos diferentes povos e culturas: a expressão, largamente ambígua, exprime o conjunto de acções, decisões e políticas de governo que entendem remover de um

¹⁴ Escolheu-se a palavra “visibilidade” porque fica desligada, e autónoma, da palavra e do conceito de “cumprimento” ou “realização”. O que se quer enfatizar, ou se calhar exasperar embora em termos teóricos, é a importância da operação hermenêutica do olhar. A esta faculdade complexa, que entrelaça em si os dados mais fisiológicos com os mais abstractos, pondo em sérias dificuldades o dualismo cartesiano de *res cogitans* e *res extensa* (a mente e o corpo), dar-se-ão, no curso dos capítulos, um relevo e uma importância particulares.

território os representantes de um grupo étnico. A base ideológica que sustenta tais acções reside na discriminação linguística, religiosa e cultural, ligada a estratégias políticas e económicas de ordem nacional. O objectivo dos governos que as põem em acção, dizem, é a salvaguarda da estabilidade das fronteiras, sobretudo quando os incentivos à assimilação, dizem, parecem não dar resultados. 3) “O céu está limpo”, não quer dizer que antes estava sujo, ou, pelo menos, não em termos realísticos, mas sim, figurados e metafóricos. 4) Uma pessoa “limpa” é alguém que demonstra honestidade, rectitude e clareza moral, alguém respeitável porque parece recusar acções e pensamentos impuros, nocivos, falsos, incorrectos. 5) O limpo confere-nos um senso de bem estar e sossego, enquanto que o sujo nos desgosta e irrita. Talvez por causa das infecções e das doenças que o sujo pode provocar, talvez por causa dos hábitos e das crenças religiosas (dois factores entrelaçados entre si), o sujo reposiciona-nos e deixa-nos a sensação de estar contaminados, fisicamente e até espiritualmente. 6) Em Harlem, Nova Iorque, lembro-me de ter assistido a uma missa *gospel* em que o padre repetia e gritava incitando os fieis que <<Se as nossas casa estão limpas, o nosso coração está limpo! Deus não quer que as nossas casas fiquem sujas e que os nossos corações fiquem sujos!...>>. 7) Uma publicidade de sucesso de uma marca de água mineral italiana, parceira do concurso de beleza de Miss Itália, acompanhou o crescimento das gerações dos anos 90 com o slogan “Limpos dentro, bonitos fora”. Esta água tem muito bem sponsorizadas propriedades diuréticas (mais do que as outras?), de modo que a empresa quis evidenciar, por um lado, os benefícios da actividade urinaria que o produto favorece, mas por outro, ordenou a censura à palavra “xixi”, com o efeito de tornar extremamente popular a onomatopeia “plin-plin” para a indicar. Modelos e futebolistas dos mais conhecidos, *sex symbols* e personagens de espectáculos foram assim obrigados a afirmar que eram *felizes, limpos e saudáveis* porque a tal água lhes fazia fazer muito “plin plin”. Será que dizer “xixi”, por se referir às exigências mais básicas do ser humano, não conseguia inspirar àquela sensação de magia e de renascimento individual que o consumo da água pretende vender? 8) As fábulas e os contos populares investem, muitas vezes, numa moral de subida social dos protagonistas. Estes, graças às suas qualidades morais, conseguem ultrapassar a sua condição de infelicidade, subordinação e miséria, até se tornarem príncipes ou princesas, reis ou rainhas. Ainda mais, os filmes animados, como *Fantasia*, *Cinderela*, *Branca de Neve*, *a Bela Adormecida* e *A espada era a lei*, entre outros, têm em comum o elemento da limpeza como algo que os personagens são

obrigados a fazer só na primeira parte miserável das suas existências, e é exactamente através do evidenciar desta obrigação que a miséria e a injustiça são expressas e conotadas. Quase sempre, o elemento mágico intervém em sua ajuda: muitas são as cenas em que animais amigos dos protagonistas tomam conta das tarefas domésticas, mas também os próprios objectos, sob efeito de encantamentos e feitiços (pensamos no filme *Mary Poppins* e em toda a moral burguesa que sugere), começam alegremente a auto-limpar-se, sem provocar algum esforço físico, ou fadiga aos nossos benjamins. 9) As imagens das publicidades hodiernas mostram sempre mais espaços e lugares impecavelmente limpos e brilhantes, alegres e acolhedores, espaços ideais para as famílias e para os indivíduos. Quando explícito (quase exclusivamente nos casos das publicidades dos produtos detergentes), o acto da limpeza está encenada por meio de sorrisos, felicidade, harmonia e grande satisfação das mulheres que o cumprem. Raramente, muito raramente, vemos homens ágeis e bonitos a limpar as casas de banho - já quase brilhantes -, a estender a roupa - ao sol de paisagens lindíssimas -, a engomar a roupa - com fragrâncias aliciantes e exóticas. Às vezes, todavia, eles aparecem nas cozinhas, mas limitam-se a comer, quando as cozinhas já estão limpas e bem arrumadas. 10) Frequentemente, são os homens a levar o cão a passear, pelas ruas onde sempre é primavera ou nos idílicos jardins públicos da cidade, enquanto que os gatos, animais que não necessitam de passeio nenhum, ficam associados com mais facilidade às mulheres.

O olhar, o entender, o interpretar

Dez exemplos, aparentemente não interligados entre si, demonstram, ou pelo menos tentam demonstrar, como a educação, os mitos, a *forma mentis*, as ideologias, os rituais não pertencem ao passado primitivo da raça humana, mas constituem, silenciosamente, os elementos com que estabelecemos, lemos, interpretamos e avaliamos o nosso mundo interior e exterior. Exterioridade – a do olhar - e interioridade – a do entender e interpretar – se reúnem e se formam *no meio e por meio* do instrumento mais natural e mais cultural de que dispomos: o nosso corpo.

O corpo do investigador olha e interpreta os Outros a partir dos seus corpos em acção (também quando imóveis, em silêncio); corpos, que por suas vezes olham e interpretam o do investigador, os dos outros e os próprios. É nesse círculo hermenêutico que o *campo* da antropologia encontra lugar, parecido, e em parte

coincidente, com o campo dos fluxos quotidianos feitos de encontros, conversas, opiniões e olhares, totalmente semelhante ao primeiro, mas diferente, enquanto campo *normalmente* menos atento, salvo descobrir alguém que tem um *block notes*, ou um gravador, onde fixar os acontecimentos sobre os quais reflectir, discutir, escrever.

Os *modi operandi* do *Incipit* e dos *Exempla* são sistemas sociais materializados, culturas naturalizadas, em que corpos e mentes agem em conjunto. Ao abordar a limpeza como temática de pesquisa será fundamental considerar a importância dos gestos do corpo à luz dos seus significados históricos e culturais: “Contra *Descartes*”, parágrafo com que afrontamos, e sustentamos, as etapas deste trabalho, quer exprimir a recusa epistemológica e metodológica de qualquer desmembramento do dado psíquico com o dado corporal. O que temos questionado, encontrado e conhecido têm sido corpos pensantes e mentes agentes: é essa mesma relação entre crenças, desejos e ideias por um lado, e por outro as reacções e os movimentos dos corpos e das suas partes específicas que aqui se pretende tratar. Dito com outras palavras, questionar-se-ão os processos de incorporação do imaterial no material e dos efeitos imateriais *das e sobre as* práticas materiais.

A dúvida cartesiana: “Enfim, o que, portanto, sou Eu?” paradoxalmente, já estava definida no prosseguimento das próprias palavras do filósofo francês, embora escondida e camuflada sob o paradigma idealista, quantitativo e matemático do seu método. À pergunta, Descartes responde: “Uma *coisa* que pensa”¹⁵. Eis, aqui está o paradoxo: na nossa leitura da frase, ao definir o Eu como uma “coisa”, o filósofo admite a sua natureza de objecto (neste momento não nos importa definir o objecto como material ou imaterial); enquanto “coisa que pensa”, admite também a existência de uma correspondência entre o Si enquanto objecto-Coisa, e a actividade própria do Eu, que pensa e que é Coisa, ou seja é o Eu-Coisa que Pensa, e que lhe permite definir e experienciar o campo da sua própria subjectividade, ou seja do Eu-pensante. Logo, o resultado da nossa interpretação à explicação cartesiana admite que a resposta à pergunta: <<O que sou Eu?>> possa ser dada na forma seguinte: <<Um corpo que pensa>>. Sabemos, todavia, que na óptica de recusa do corpo e dos seus sentidos - culpados de enganarem o homem -, como também do mundo - suspeito de ser uma ilusão -, Descartes nunca teria incluído o “corpo” como fundamento da sua filosofia.

¹⁵ Descartes, René (1641) *Meditationes de prima philosophia*; tr. it. Meditazioni metafisiche sulla filosofia prima, in (1986) *Opere filosofiche*, Bari, laterza, voll. 2, Seconda meditazione, pp. 27, 31-32. Citado em U. Galimberti, (1983)(2002) *Il corpo*, Milano, Feltrinelli, pp. 70. Itálico meu.

Como ele mesmo viria a precisar: “Dado que os sentidos às vezes nos enganam, eu quis acreditar que nenhuma coisa fosse igual a como fazem-nos imaginar. (...) Logo depois, me dei conta de que no acto em que eu quis pensar assim, que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu que o tinha pensado fosse alguma coisa. E observando que esta verdade, penso logo existo, era tão forte e certa até não poder abalar (...), julguei de a poder aceitar sem escrúpulo como o primeiro princípio da filosofia que procurava. Depois dalgum tempo, examinando cuidadosamente coisa eu era, vi que podia fingir de não possuir um corpo e de não haver o mundo, nem lugar onde eu estivesse, mas não por isso eu podia fingir que eu não fosse; pelo contrário, o próprio fato de duvidar da verdade das outras coisas, significava com grande certeza que eu existia”¹⁶.

Afastando-nos da certeza de René Descartes segundo o qual “nós não concebemos os corpos se não pela faculdade de entender que está em nós (...) e não os conhecemos pelo facto de os ver ou de os tocar, mas apenas pelo facto de que os concebemos por meio do pensamento”¹⁷, adoptamos a perspectiva metodológica da fenomenologia filosófica do antropólogo americano Thomas Csordas, e ainda uma vez contra a dualidade cartesiana de *res cogitans* e *res extensa*, afirmamos que o corpo é “uma figura metodológica não dual”, ou seja não distinguível nem da mente e nem da sua interacção com essa¹⁸, devida ao homem ser “simultaneamente indivíduo zoológico e criador de memória social”¹⁹. Contra a banalidade da limpeza e contra a ideia comum que essa seja uma obvia necessidade, pretender-se-á estudar as praticas do limpo através das perguntas: como, quando, porque, coisa e com coisa se limpa?

¹⁶ Descartes, René (1637) *Discours de la méthode*; tr. it. (1986) Discorso sul método, in *Opere filosofiche*, Bari, Laterza, voll. 1, pp. 312. Citado em U. Galimberti, (2002) *Il corpo*, Milano, Feltrinelli, pp. 70. Itálicos do autor. Texto original: “Dato che i sensi a volte ci ingannano, volli supporre che nessuna cosa fosse tal quale ce la fanno immaginare. (...) Ma subito dopo mi resi conto che nell’atto in cui volevo pensare così, che tutto era falso, bisognava necessariamente che io che lo pensavo fossi qualcosa. E osservando che questa verità, penso dunque sono, era così salda e certa da non poter vacillare (...), giudicai di poterla accettare senza scrupolo come primo principio della filosofia che cercavo. Poi, esaminando attentamente che cosa ero, vedevo che potevo fingere di non avere un corpo e che non esistesse il mondo, né luogo in cui mi trovassi; ma non per questo potevo fingere che io non fossi; al contrario, dal fatto stesso di pensare a dubitare della verità delle altre cose, seguiva con grande evidenza e certezza che io esisteva”.

¹⁷ Descartes, René (1641) *Meditationes de prima philosophia*; tr. it. Meditazioni metafisiche sulla filosofia prima, in (1986) *Opere filosofiche*, Bari, laterza, voll. 2, Seconda meditazione, pp. 27, 31-32. Citado em U. Galimberti, (2002) *Il corpo*, Milano, Feltrinelli, pp. 71. Texto original: “noi non concepiamo i corpi se non per mezzo della facoltà di intendere che é in noi (...) e che non li conosciamo per il fatto che li vediamo o li tocchiamo, ma solamente per il fatto che li concepiamo per mezzo del pensiero”.

¹⁸ Csordas, Thomas (1990: 9), citado em M. Fusaschi (2008) *Corporalmente corretto. Note di antropologia*, Roma, Meltemi, pp. 37.

¹⁹ Leroi-Gourhan, André (2002) *O gesto e a palavra*, vol. 2, Memória e ritmos, Lisboa, Edições 70, pp. 22. Ed. or. (1965) *Le geste et la parole – la mémoire et les rythmes*, Éditions Albin Michel.

2.2. Universalidade e contingência do limpo e do sujo, dos <<homens que limpam>> e dos <<homens que sujam>>

Cada investigação começa com, pelo menos, uma pergunta. Com base nos dados recolhidos durante o trabalho de campo, as perguntas que não consegui satisfazer iam crescendo e aumentando ao longo do tempo, vindo a constituir a base da pesquisa que deixo para as possibilidades futuras de trabalho e que aqui irei formular. O núcleo de perguntas centrais com o qual todas as outras se relacionam é: que relação se estabelece entre limpeza e racismo, entre a limpeza e os desejos identitários, entre o conceito de desenvolvimento e o intolerável comportamento de intolerância, entre o poder e os comportamentos resistentes dos indivíduos, entre a fruição dos espaços e a exibição dos corpos? Este, o cume. Mais em baixo, um vale de outras perguntas, que, contrariamente à altitude do primeiro núcleo, querem-se agarrar a problemáticas menores, mais circunscritas, através das quais têm sido delineadas as etapas do caminho de investigação que queremos apresentar nas suas linhas gerais.

A redefinição do nosso dia a dia passou pela redefinição dos nossos rituais, dos nossos hábitos²⁰ e dos valores simbólicos a estes associados. A crescente auto reflexividade das nossas sociedades tem vindo a pôr em frente dos nossos caminhos novas perguntas, novas dúvidas e também novos fantasmas e novos gurus, para os seguirmos ou exorcizarmos. A palavra “tradição” está agora associada à “globalização”; o “património”, enquanto bem partilhado pelas comunidades, está agora a ser hiper-burocratizado nos processos de programação cultural internacional; a noção de “identidade”, tão desconfortável quanto necessária, não pode ser disjunta das relações do Self com o Estrangeiro, o Outro, o Diferente; enfim, as Nações, são cada vez mais compostas por indivíduos deslocados e globalizados, o que leva a pensar o que significa, por exemplo, ser português para uma criança nascida em Portugal de mãe e pai estrangeiros, da mesma nacionalidade ou até de duas nacionalidades diferentes.

Como foi parcialmente evidenciado pelos dez *Exempla* acima referidos, em que o limpo e a limpeza jogam um papel às vezes predominante e outras vezes mais escondido, o limpo e o sujo constituem dois dos pólos maiores com que nos

²⁰ A palavra “hábitos” é aqui utilizada propositadamente na sua forma português, para a diferenciar do conceito de “habitus” de Pierre Bourdieu, e para a avizinhar com a proposta de Jean-Claude Kaufmann de “hábito” (1997), discutida no capítulo 3.

orientamos no mundo, enquanto nos provocam reacções de atracção ou repulsa, tanto cognitivas quanto corporais, por meio das quais endereçamos as nossas escolhas e preferências no nosso dia a dia. Em termos estruturais, eles constituem os dois opostos que Lévi-Strauss entenderia como elementos duma “*estrutura binária*”, mas que preferimos encarar como “*factos sociais totais*” segundo a celebre definição maussiana, ou como “*estruturas estruturadas estruturantes*”, na lógica da sociologia de Pierre Bourdieu. Limpo e sujo são conceitos universais, presentes em todas as culturas de todo o mundo. Na dificuldade de os definirem segundo lógicas homogéneas e vinculativas, estes constituem conceitos altamente variáveis, cacofónicos, e que portanto precisam de serem analisados na pontualidade da sua manifestação. Por um lado a visão historicamente informada da realidade, por outro a fantasia²¹ - ambas como elementos cultural e socialmente estruturados - estabelecem os parâmetros com que entendemos o que é o limpo, o que é o sujo, quando o limpo se torna sujo, até que ponto toleramos o sujo, etc.²². Estes parâmetros variam segundo as crenças dos diferentes grupos sociais e com o passar do tempo, e podem serem entendidos tanto em perspectiva sincrónica (comparação horizontal), quando em perspectiva diacrónica (comparação longitudinal).

O olhar crítico nos confrontos dos actos da limpeza levou à consideração de como os corpos, os gestos e os hábitos do passado sofreram a influência das mudanças ditadas pela modernidade, que podemos resumir em: 1) mudanças económicas; 2) mudanças políticas; 3) mudanças relativas ao entendimento do espaço e do tempo; 4) mudanças dos sistemas de comunicação; e, enfim, 5) mudanças estéticas.

Em termos concretos, na actual sociedade consumista, como se manifesta o limpo? Quem é responsável por ele? Com que forma, com que técnicas ele se revela? Quais as ideias e objectivos que se querem satisfazer no acto de limpar? Quanto dura o limpo e como se muda para sujo? Quem abusa do limpo e quem o aproveita? Através estas interrogações pretende-se definir como objecto da futura pesquisa o universo dos trabalhadores empregados na limpeza pública do sujo das ruas, prevalentemente

²¹ A teoria appaduriana e as finalidades do marketing investem ambas, embora com intentos muito diferentes, nas capacidades de abstracção, na imaginação e na fantasia dos indivíduos. Com base no reconhecimento da sua importância no processo de construção das identidades, estes elementos tanto abstractos como realmente eficazes, nunca irão ser deixados à margem da nossa investigação.

²² A este propósito, a obra de Lawrence Wright (1970) *Limpo e decente*, fornece dados às vezes surpreendentes sobre as características e as grandes diferenças com que os povos da história entenderam e praticaram a sua higiene. Embora não seja um livro estritamente científico, esta obra tem o mérito de ilustrar de forma clara e bem organizada um tempo muito amplo da história da humanidade, tanto em termos temporais quanto geográficos: a viagem na história das casas de banho começa nos tempos antigos até chegar aos começos do século XIX.

de domínio masculino, e o conceito e a materialidade do lixo com que todos os dias entram em contacto, desafiando assim a comum rejeição de tudo aquilo que é descartado, e que se torna sujidade, poluição, impureza. Parece que “*os homens do lixo*” cumprem uma função paradoxal: o seu trabalho permite e legitima o funcionamento consumista da sociedade, depurando-a dos seus próprios resíduos que não é capaz de reabsorver em si própria ou de não produzir. Figuras muitíssimo valiosas, portanto, para o bem estar colectivo, tornam-se prisioneiros não só dos impulsos de desprezo de quem os associa e compara à materialidade ínfima que diariamente tratam (e que pertence aos mesmos que a desprezam), mas sim, das trajectórias sociais, burocráticas e institucionais que os enquadram nas categorias mais baixas do estrato social. Tornar puros os outros custa o sacrifício de não o poder ser. Esta é a lógica esmagadora em que muitas pessoas passam a própria vida, suportando a cegueira de quantos não vêem nem no lixo, nem nas pessoas que dele tratam, algum recurso útil ou alguma razão de agradecimento. O lixo tem uma particularidade interessante: depois de ser posto no caixote do prédio ou do bairro, ele desaparece. Só volta transformado, sob novas fisionomias, ou seja, quando já não parece lixo. Contrariamente aos sacos pretos, as pessoas, não podem desaparecer para depois se fingirem outras. A identidade dos “homens do lixo” é difícil de se levar, de se tirar ou de se tornar algo de socialmente valorizável. A desigualdade e a hierarquização dos papéis sociais, a identidade do lixo e dos homens do lixo, interessam-nos particularmente sobretudo se as formos questionando a partir dos conceitos de reversibilidade, de delegação e de regime de visibilidade.

A utilização exibicionista que fazemos do apelativo <<homens do lixo>> não deve enganar: se por um lado o seu recurso encontra uma simples justificação social pelo facto de ser um termo requisitado das expressões comuns que os definem, por outro desempenha um importante papel hermenêutico, como iremos explicar (vejam-se os capítulos 6 e 7). Uma terceira motivação é o facto desta expressão, “nua e crua”, constituir a razão para afrontarmos um jogo literário muito sério e desafiante. O jogo de palavras e de papéis é voluntário e procurado: onde colocar os <<homens do lixo>> numa suposta relação entre os elementos que o título deste parágrafo nomeia? Avançamos uma consideração: é bastante aceite que, em termos propositadamente gerais, os <<homens que limpam>> , sejam quem forem, assumem um valor positivo, tanto prático quanto moral, enquanto que os <<homens que sujam>> definem-se pelo seu correspondente negativo (seja como for, sabemos que não podemos evitar sujar: o

simples acto de comer implica manchas e resíduos, mas nem por isso deixaremos de comer). O que queremos enfatizar é a identificação do acto de sujar como algo de inevitavelmente relacionado com uma entidade que deve ser eliminada, o sujo, responsável da inversão da norma, causa de desordem e instabilidade. O sujo, concluímos, não se pode tornar um estádio permanente e tem que ser reequilibrado.

Assente nestas premissas torna-se possível fazer emergir uma inversão de valores pela qual os sujeitos da nossa futura pesquisa, comumente designados como os <<homens do lixo>>, passem de imediato a ocupar o papel mais alto da consideração social enquanto estáveis representantes oficiais da categoria, proposta no título, dos <<homens que limpam>>. A todos os outros homens “comuns” (não interessa se reis, bancários, *top model*, médicos, advogados, professores, estudantes, crianças ou reformados), normalmente entendidos em termos positivos ou neutrais pelo simples favorável destino de representar desejos identitários ou papéis sociais “naturais” da vida e das profissões, torna-se automaticamente atribuída a categoria negativa de <<homens que sujam>>. Apesar da simples utilidade de estímulo cívico à reflexão que o jogo implica (acreditamos que qualquer distanciamento, prolongado ou temporário, das categorias habituais produza um efeito de tornar relativas as certezas e as seguranças de cada um, e com este, uma maior capacidade de disponibilidade e compreensão dos outros), a inversão sugerida não se limita à esfera do jogo (tínhamos aprendido com Bateson a seriedade constitutiva de cada jogo²³): essa, ao contrário, constitui o primeiro dado etnográfico com o qual será possível afrontar as mudanças estruturais - ideológicas e administrativas - ocorridas na recente história dos igualmente recentes departamentos de limpeza municipais.

No parágrafo que segue, antes de enquadrar os pontos chave até agora delineados com a finalidade duma estruturação preliminar dos assuntos da futura pesquisa (delineados no parágrafo 2.4), queremos apresentar alguns dos principais contributos que têm vindo a estimular as primeiras e desafiantes hipóteses de investigação, sobre as quais basear-se-ão o trabalho de campo e as suas sucessivas análises.

²³ Veja-se G. Bateson, 1956 e 1972.

2.3. Os paradoxos do limpo como projecto de investigação: a estética, a moral e a burocracia performativa

No seu estimulante estudo sobre a pureza e o perigo, a antropóloga inglesa Mary Douglas ilumina a forma como a tecnologia e o progresso tecnológico foram lidos, em meados dos anos sessenta e até à trágica explosão da central nuclear ucraniana de Chernobyl, como instrumentos contra a ignorância, por sua vez associada à magia e ao subdesenvolvimento dos assim chamados “primitivos contemporâneos”. O tipo de pensamento a eles atribuído pertencia à esfera do simbólico e do irracional, em total oposição ao “nosso”, mais evoluído, que depois de ter conquistado os méritos da civilizada racionalidade científica, vê, *verdadeiramente*, o *real*. Contra qualquer expectativa, os nefastos acontecimentos de 1986, puseram em questão a fé tecnológica e obrigaram, ainda uma vez, a reformular a suposta oposição entre saber científico e saber mágico-ritual. Demonstrou-se que os rituais, palavras desconfortáveis para homens de ciência, constituíam, e ainda constituem, o fundo da nossa vivência, regulamentando as nossas acções e interacções. Segundo o filósofo Umberto Galimberti, os mitos do poder, da identidade sexual, da juventude, da felicidade, da moda, da técnica, das novas tecnologias, do mercado, da globalização, da guerra, da segurança e da raça, resumem o universo das crenças contemporâneas: cada um deles envolve e suporta uma série bem definidas de comportamentos e atitudes individuais e sociais, bem como práticas e acções socialmente reconhecíveis, embora conflituais ou não partilháveis (U. Galimberti, 2009). Como Douglas bem explica, os rituais, quando suprimidos numa forma (as regras da “tradição”), emergem em outras (as regras da “modernidade”), tanto mais fortes quanto mais intensa é a interacção social. <<Os ritos sociais>>, afirma a autora, <<criam uma realidade que seria inexistente sem eles>>, e conclui: <<Não é um exagero afirmar que o ritual representa para a sociedade mais do que as palavras representam para o pensamento: de facto é possível saber uma coisa e depois encontrar as palavras para a exprimir, mas é impossível ter relações sociais sem os actos simbólicos>> (M. Douglas, 1996: 113).

Com a ajuda da proposta teórica e metodológica de Stuart Hall²⁴, por sua vez inspirada por Foucault, aquilo que pretendemos fazer não é procurarmos uma teoria

²⁴ Hall, Stuart (1996) “Introduction: who needs identity?”. Stuart Hall & Paul du Gay (eds) *Questions of cultural identity*, London, Sage, pp. 1-17.

do “*knowing subject*”, mas sim, de uma teoria das práticas discursivas, afirmando a importância que a análise da relação entre sujeitos e práticas constitui na nossa proposta de pesquisa. Se as identidades estão apanhadas numa constante redefinição entre as interferências do global no local e vice versa, queremos então investigar os processos que, por confronto e oposição, as constroem (Ibidem). Fazêmo-lo em referência aos objectos e às práticas de limpeza actuados pelos novos sujeitos de estudo da nossa pesquisa, sem todavia perder a importância do papel que a *Colecção de Escovaria* do Museu Nacional de Etnologia tem vindo desenvolver ao longo de todo o processo de investigação. O valor da colecção reside no facto dela nos fornecer uma âncora temporal e material à qual nos agarrarmos e referirmos como ponto fixo, estrela polar dum discurso que viaja nómada entre passado e actualidade. O universo das práticas que queremos investigar compreende as práticas normativas incorporadas pelos agentes sujeitos da análise, as práticas de adaptação e de resistência que os agentes opõem à primeiras e as práticas sociais em que as dos agentes estão inseridas, olhadas e interpretadas.

Reelaborando diferentes propostas teóricas (V. Turner, 1982 e 1986; R. Schechner, 1994), entender-se-á o acto da limpeza como acto cultural e performativo, envolvido num entrelaçamento de diferentes factores, sócio e historicamente variáveis (L. Wright, 1970; J. Crespo, 1990; M. Davis, 2010), tais como: práticas técnicas e tecnológicas (A. Leroi-Gourhan, -1965-2002; J. Baudrillard, -1968-2009; S. Sellers, 2003); estratégias de auto-representação e auto-afirmação (P. Bourdieu, -1979-2001; E. Goffman, 1959; M. Fusaschi, 2008); imagem mediática da realidade e o seu impacto na realidade (A. Appadurai, 1996; M. Rosales, 2001); a importância crescente dos consumos, não só em termos identitários mas também políticos e económicos (A. Gramsci, -1934-2007; M. Rosales, 2001); a burocratização dos estados e a “estética cosmopolita” no impacto local (M. Harzfeld, 2001; D. Handelman 1990).

Se tomarmos o limpo como expressão contingente dum tempo histórico e social, como exibição, como afirmação estética, devemos interrogar os significados que estão atrás da sua manifestação, como também as reacções que nos provoca. Atrás duma afirmação como “a Suíça é o lugar mais limpo da Europa” reside um estereotipo associado à riqueza, à ordem, à pontualidade que o senso comum atribui àquele país. Não importa quão verdadeira seja esta imagem, importam os efeitos da sua retórica na

construção narrativa do nosso universo e na maneira com que imaginamos e conhecemos o mundo²⁵.

A afirmação de Richard Schechner segundo a qual “os rituais são performativos (...) e as performances são ritualizadas”²⁶, parece favorável para avançarmos uma leitura das práticas de limpeza como *rituais do self e para o self*²⁷, que cada vez mais empenham os indivíduos e as sociedades a investirem novos cuidados e atenções no objecto/sujeito “corpo”, tanto físico e pessoal quanto imanente e social. Já em 1990, o antropólogo Jorge Crespo abria a introdução do seu livro “A história do corpo” com a afirmação do que o corpo é “um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo” (J. Crespo, 1990:7). Igualmente, Miguel de Vale de Almeida sublinha a importância que o corpo tem vindo a ocupar tanto no contexto social quanto no âmbito académico, em oposição à sua grande ausência na literatura antropológica antecedente aos anos 90²⁸. Muitas foram as mudanças ocorridas no que toca as atenções e os cuidados a ele reservados na vida quotidiana, por efeito das quais veio a sofrer uma redefinição do seu estatuto em termos mais íntimos, privados, pessoais. O corpo parece agora ser uns dos fulcros centrais das práticas, das narrativas e dos imaginários da cena contemporânea, associado aos novos valores e às novas atitudes de beleza, felicidade e juventude (Crespo: 1990, Vale de Almeida: 1996, Galimberti: 2009). Se por um lado, nos interessam as práticas dos corpos, por outro, interessam-nos também os percursos que os corpos percorrem no interior da escala social, e as leituras que os seus olhos fazem dos corpos dos outros, e dos seus, em relação aos outros. Como e em que forma os corpos são moldados pelos discursos estereotipados e pelas directivas do poder? Neste sentido, na nossa sociedade europeia do sul, parece existir o “*paradoxo do limpo*”, definido pela oposição entre quem quer aparecer limpo (em sentido lato) para se distinguir - na óptica da moderna ênfase da estetização e embelezamento tanto dos corpos quanto das cidades - , e, no outro lado da balança, quem limpa os corpos - e as cidades -, pessoas chamadas a cumprir os encargos rejeitados, causa da delegação.

²⁵ Em mérito, ver os importantes contributos de Homi Bhabha (1983) sobre a questão dos estereótipos, dos seus enganos e das dificuldades de sair das suas lógicas vinculativas e constritivas.

²⁶ Schechner, Richard (1994) “Ritual and performance”, pp. 613. Tim Ingold (eds.) *Companion Encyclopedia of Anthropology. Humanity, Culture and Social Life*, Londres & New York, Routledge, pp. 613- 647.

²⁷ Lembramos o irónico quanto eficaz contributo do Horace Miner (1956) “Body ritual among the Nacirema”, *American Anthropologist*, 58: 503-507. Sourcetext as PDF: <<http://www.aaanet.org/pubs/bodyrit.pdf>>.

²⁸ Vale de Almeida, Miguel (1996) *Corpo Presente: Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*. Oeiras: Celta, pp. 2.

A tese que se quer afrontar assenta na análise do impacto das novas exigências “civilizacionais”, que por um lado tendem a aumentar os standards da higiene e da limpeza, e por outro parecem favorecer e introduzir mecanismos de “casta” na maneira de gerirem as desigualdades sociais. Por que razão, nas grandes capitais europeias do sul da Europa, é tão fácil associar os profissionais da limpeza doméstica, da limpeza urbana, da limpeza particular, aos migrantes ou aos autóctones mais desfavorecidos? A temática que se propõe pode ser resumida no título “*A moralização estética e o consumo do limpo: o paradoxo de uma hierarquia social*”.

2.4. A ordem da ostentação

Como a burocratização dos estados pode ser entendida como elemento importante no processo que chamamos “moralização estética”? Don Handelman define a burocracia como “a taxonomic exercise and an expression of a cosmological vision”, portanto, “an appropriate object of anthropological analysis”²⁹. Conjugando as propostas da antropologia da performance com a de hegemonia, pesquisando o impacto do turismo nas políticas nacionais, analisando as mudanças ocorridas nas políticas de paisagem e no *sight*, que ora procura ora descarta os sítios visitáveis, adequando-os a diferentes parâmetros de atractividade, interrogando a influência da publicidade que sugere e dirige os desejos do *sight* e dos sentidos, pretendem-se reanalisar e compreender melhor uma parte interessante dos dados de campo recolhidos à luz do paradigma handelmaniano da performatividade burocrática. Depois de algumas conversas com os informantes, resultou claro, e importante, o impacto das leis da Comunidade Europeia na reformulação das práticas de utilização dos objectos de limpeza, como dos materiais e dos produtos detergentes em comércio. Enquanto “a memória operatória é dominada pela linguagem” (A. Leroi-Gourhan, 2002: 22), com os velhos objectos, desapareceram os gestos, as palavras, as memórias e os significados sociais a eles associados. As mudanças comportam sempre uma perda. Mas quando as mudanças trazem consigo novos estereótipos e preconceitos, e, ainda mais, quando as mudanças, invocadas em nome das melhorias e da civilização produzem paradoxais fenómenos de intolerância e favorecem a desigualdade, já não

²⁹ Herzfeld, Michael (2001) “Displays of order”, pp. 255. Michael Herzfeld, *Anthropology. Theoretical practice in culture and society*, Malden, Massachusetts, Blackwell Publishers, 254-277. O capítulo do livro do Herzfeld propõe uma leitura crítica da obra do antropológico Dom Handelman (1990) (1998) *Models and mirrors: towards an anthropology of public events*, New York & Oxford, Berghahan Books.

estamos a focar o nosso interesse nos gestos e nas práticas mas alargamo-los até ao centro das relações sociais, nos seus mecanismos e nos seus conflitos. O que Herzfeld (esta vez sem chamar em causa Handelman) chama “dispositivos de ordem” tem a capacidade de reflectir e formar as transformações sociais (M. Herzfeld, 2001: 57). Segundo o autor, a ordem, figurada e concreta, é dirigida pelos aparelhos burocráticos, que no seu conjunto constituem a forma paradigmática da organização dos estados modernos, e, exactamente como qualquer forma de hegemonia, precisam da colaboração dos indivíduos para se afirmar. O que interessa aprofundar é o papel dos últimos na dialéctica de oposição que lhes confere o poder da agencialidade. A teoria de Handelman, que para já só queremos apresentar, antes de a verificar no seio do trabalho de campo, é que nos mundos tradicionais, os rituais são provavelmente a única maneira para introduzir mudanças controladas na ordem social; pelo contrário, os espectáculos modernos parecem ser instrumentos para reafirmar o *status quo* mantido pelo poder: um espelho do tipo de realidade que querem manter. “The internal logics of spectacle, taxonomize and present; those of ritual, taxonomize and transform” (Ibidem). Para o autor, o maior espectáculo burocrático do mundo actual é a sponsorização das guerras (pensámos no Iraque ou na Sérvia), onde o matar está reduzido à apresentação de virtuosismos estatísticos e tecnológicos, onde não faltam as mais retóricas exaltações dum não bem definido “bem comum”, estranhamente associado, logo depois, aos valores, aos símbolos e às virtudes nacionais .

A dominação da esfera visual, e com esta, da tecnologia mediática que a suporta e a difunde, está na base da apresentação bonita e idílica de muitos conteúdos apresentados pela publicidade e por muita parte das mensagens públicas, que parecem sofrer das mesmas regras estéticas de mercado: lugares, acessórios, corpos, casas, constituem o centro de muitos idealizados *ideoscapes* globais (A. Appadurai, 1996: 37). A limpeza, nas mensagens destes conteúdos, detém um papel extremamente importante, porque garante a forma com que os seus conteúdos se tornam credíveis e atraentes. Mas a limpeza, tão fortemente aperfeiçoada e ostentada, permanece uma actividade altamente escondida, ela só aparece, já feita, já pronta, quase como se fosse uma condição imutável, camuflando a sua presença estruturante no silêncio quase imperceptível da sua imposição. Embora escondida respeito à mensagem principal, a ordem estética e a limpeza constituem o fundo sobre o qual as mensagens são construídas, constituindo os seus pressupostos basilares e insubstituíveis. Sabemos que não é assim, e que, como sempre, atrás do lustro há quem lustra, e que atrás dos

pressupostos tem que haver quem os prepara. Queremos então interrogar o mudo, revelar o escondido, pôr em luz as sombras e fotografar as mãos imperfeitas que as fotografias dos jornais não representam, mas que arrumaram e limpam as cenas onde vão ser gravadas realidades paralelas nas quais não podem participar. Se a estetização do limpo e do higiênico fossem sinónimos de verdadeira civilidade dos costumes, os homens e as mulheres, bonitos e perfumados, não hesitariam a congratular e felicitar o trabalho de quem limpa as suas casas, de quem cuida dos seus jardins, ou, muito mais simplesmente, de quem tira o lixo que deixamos por baixo das nossas portas, e que nos permite, todos os dias, andarmos e sentarmo-nos nas ruas e nas praças das nossas cidades sem outras preocupações do que as nossas próprias.

III. Propostas de desenvolvimento

As pessoas que tratam das imundícies e o lixo, constituem o objectivo do nosso interesse e que queremos investigar. Apesar de ser um mundo de difícil acesso, e um universo que tão pouco conseguimos imaginar, as razões desta dificuldade não obstaculizam as nossas motivações; ao contrário, estas mesmas razões constituem como o primeiro dado interessante da pesquisa e que temos de analisar e questionar, ou melhor, desconstruir, na óptica de Derrida.

3.1. Porque estudar o lixo?

O projecto que queremos desenvolver, para o qual proporemos o título de *“Delegação, marginalização e alquimia do lixo. Abordagem antropológica ao mundo das imundícies”*, nasce da convicção do valor paradigmático, hermenêutico e metodológico do lixo. Em outras palavras, se já durante as nossas reflexões aqui apresentadas foi possível intuir a importância do lixo tanto como fenómeno social da contemporaneidade quanto como urgente questão ética e política no seio do xadrez internacional, queremos continuar a questioná-lo para produzir uma abordagem capaz de o entender nas suas amplas dimensões e problemáticas. Ameaça para a saúde pública, metéria anti-estética que o turismo não quer ver³⁰, “setting” goffmaniano³¹ característico dalgumas cidades (como Nápoles, se falamos de cidades sujas, ou Genebra, perenemente limpa e ordenada, se falamos de cidades limpas), “back region” (E. Goffman, 1959: 114) da sociedade de que não queremos saber, material contaminante e embaraçante que não sabemos como tratar, e que todavia, além de todos os prejuízos, constitui a par do mais célebre “ouro negro”, o “ouro sujo” do

³⁰ Em Lisboa, após várias despesas feitas para a constituição das “ilhas ecológicas” (mais conhecidas como “ecopontos”, onde os cidadãos podem encontrar os caixotes diferenciados para o papel e cartão, de cor azul, para o plástico, metal e PLA - pacotes líquidos alimentares - de cor amarela, e enfim, para o vidro, de cor verde), em algumas zonas da cidade está-se a pensar eliminar os ecopontos para que não reduzam a atracção turística das mesmas (Graça, Belém, etc.). É bem conhecido como muitas vezes os ecopontos ficam cheios de resíduos até transbordar para fora, causando uma imagem de degrado e ineficiência social que a Câmara quer evitar. Uma das hipóteses é substituir as ilhas ecológicas por postos subterrâneos de capacidade maior. (Conversa com o Eng. Fernando Santos, chefe da Divisão da Limpeza Urbana de Lisboa, 1.03.2011). Os ecopontos são interessantes, tanto a fim de estudar os comportamentos dos seus utilizadores, quanto para estudar a eficácia da recolha e a organização pública das entidades que os geram. Com frequência, assiste-se a acusações recíprocas entre os primeiros e as segundas, como se as regras que o lixo tem vindo impor não pudessem ser cumpridas eficazmente por nenhuma das duas partes em jogo. De quem é o lixo parece uma pergunta de difícil solução.

³¹ Goffman, Ervin (1959) *The presentation of Self in everydaylife*, London, Penguin Books, pp. 34.

nosso século XXI, recurso *entregue e delegado* a outros que o utilizam para dar vida a um novo ciclo produtivo de segunda mão.

Apesar de ser um recurso económico não indiferente, o lixo é antes de tudo polémica, motivo de protestos, argumento onde convergem e desordenadamente se sobrepõem os debates dos ecologistas, dos políticos, dos economistas, dos cientistas, dos engenheiros, enfim das famílias e pessoas comuns e, não últimos, também das máfias internacionais. É neste entrecruzar de perspectivas, medos, obsessões e projectos, que o lixo emerge como um sítio privilegiado de observação das estratégias de posicionamento e de acção de todos os grupos e indivíduos envolvidos no jogo chamamos sociedade. A partir do lixo e percorrendo um caminho que vai para trás, temos a possibilidade de analisar os mecanismos da estrutura social no sua renovação ou perpetuação, colhidos nas dinâmicas que descrevem os movimentos que o poder por um lado e as formas a ele opostas de agencialidade e resistência por outro, criam juntos, uns em resposta aos outros e vice versa. Todos estes movimentos, até o mais pequeno deles, são para nós fundamentais, porque descrevem e reúnem em si a Grande e a Pequena história (J. Le Goff, 1989: 87), mostrando as lutas para a definição das “estruturas estruturadas estruturantes” da sociedade e que não é difícil ver como nestes últimos anos, exactamente o lixo tem vindo a mudar, juntamente com as temáticas a ele correlatas, por um lado, a ecologia e o consumo por outro.

Num momento particular como o actual, em que os esforços para a afirmação duma Europa comunitária são muitos e tensos por causa da crise das Nações seus membros, além de todos os países terem que encontrar uma maneira para se suportar uns aos outros, é também preciso que estabeleçam regras claras em matéria de reciclagem e de tratamento dos resíduos que produzem, sejam estes lixo orgânico ou materiais químicos perigosos, a fim de definir uma estrutura legislativa que torne responsáveis os mesmos produtores, os quais, muitas vezes, se limitam a enviar para fora, quase como por correio, as matérias tóxicas residuais das actividades produtivas (ironicamente, “para fora”, não designa um lugar preciso: o importante, como afirma La Cecla, é que seja longe, escondido, segredo. É por isto que não surpreende saber que as lapas, os oceanos, a lua e o espaço fora do globo terrestre sejam os destinos preferidos onde continuamos a mandar as imundícies, estupidamente fingindo que a palavra “distância” signifique desaparecimento). Ainda, no que toca ao lixo comum, encontrar a maneira de redistribuir a riqueza que dele deriva nas mãos de quem o produz, seria também uma iniciativa agradável, dado que o lixo, antes de ser tal, é

matéria consumida, ou seja, antes de tudo, paga, facto que levaria a pensar que os consumidores tenham pleno direito em beneficiar duma parte do lucro que dele deriva³².

Pensando na óptica do Goffman: quem é o “performer” e quem é o “publico” em termos de lixo? Todos. Todos produzimos lixo e todos temos que tratar dele, até onde podemos, a fim de não viver num mundo sujo, isto é para participar na manutenção da nossa própria salubridade. A resposta indica claramente que nós somos ao mesmo tempo *performers* e público de nós próprios e isto significa que temos de ser mais responsáveis no nosso comportamento porque são exactamente as nossas acções que acabamos por julgar bem ou mal. Além da moral civil que pode ser lida nessas palavras, queremos ir mais longe e sugerir que das nossas escolhas depende a sociedade que queremos. Podemos afrontar a questão em dois diferentes níveis de análise. Primeiro nível: Se queremos que as nossas ruas sejam mais limpas não as deveremos sujar, sem esperar que chegue alguém para reparar o dano feito. Esperar que alguém faça o que nós podíamos fazer significa actuar e reificar o principio de delegação que temos individuado como primeira forma de barreira social e de marginalização. Segundo nível: Transportando o exemplo da rua no domínio sem dúvida mais complicado e obscuro do lixo que não podemos tratar pelas nossas mãos, vemos que apesar do nível de escala ter mudado, o resultado final é o mesmo. Se é verdade que temos que delegar as operações de transformação dos materiais, todavia, isto não significa dizer que temos que delegar o poder de controlar o que ao lixo acontece. Onde acaba, como é desfrutado, quem aproveita do seu valor e quem é delegado para o transformar são perguntas delicadas e sempre mais importantes a que temos de prestar cuidado, porque são as perguntas com que decidimos dos equilíbrios sociais.

Resumindo, através do lixo, elemento em contínua produção e não eliminável da sociedade, objecto das lutas e das práticas sociais, podemos afrontar tanto o problema de como “as sociedades pensam”, quanto revelar como as sociedades se moldam e se afirmam enquanto tais. Eis as razões porque o objecto do nosso estudo será o lixo.

³² A perspectiva económica acerca da riqueza gerada a partir do lixo é ampla e complexa. Para um aprofundamento mais detalhado veja-se cap. 7.

3.2. Como estudar o lixo

Tendo em vista o plano contingente de todos os dias por um lado, e, por outro, o plano institucional que regulamenta - por meio de normas e directivas europeias ou nacionais - o comportamento dos entes administrativos locais – e que acaba por influenciar o nosso dia a dia -, entender-se-á dividir a pesquisa, nomeadamente a pesquisa de campo, em dois grandes momentos de 8 e 6 meses, precedidos por um período de pelos menos 6 meses envolvidos em estudos tanto de arquivo quanto de literatura histórica e antropológica.

A) Preparação: seis meses

Estudo, recolha de material, formação e preparação em vista do “terreno”.

Estruturação do calendário e das metodologias da investigação.

B) Trabalho de campo, fase primeira: oito meses

1. Os consumidores e o dia a dia.

A fim de familiarizar com as práticas sociais do “deitar fora”, as pessoas concretas e comuns, os consumidores, primeiros produtores do lixo, constituirão o primeiro objecto de abordagem. Dois meses poderão ser dedicados à tentativa de perceber as práticas, as opiniões, as emoções que se estabelecem entre o individuo e o seu lixo.

_ Diferentes target irão ser questionados: idosos, pessoas que normalmente se acostumam com mais dificuldade às mudanças das normas e com quem será interessante desenvolver uma óptica comparativa entre passado e presente; adultos homens e mulheres de diferente estrado social e de diferente profissão; crianças, importantes para poder verificar quanto e como as campanhas de sensibilização são transmitidas e absorvidas.

_ Diferentes bairros irão ser comparados. Sabemos que em Lisboa existem diferentes sistemas de recolha e tratamento do lixo em diferente bairros da cidade, e sabemos que o sentido comum associa às zonas socialmente mais vulneráveis o apelativo de “difíceis”, “degradadas”, e “sujas”. Ambas estas situações irão ser questionadas e melhor percebidas.

Os informantes com que se entrará em contacto durante estes meses serão de importância fundamental para analisar as modalidades de pensar o lixo e as pessoas que dele tratam.

2) Os trabalhadores do lixo

Depois de familiarizarmos com os consumidores teremos que fazer o mesmo com as estratégias disponibilizadas pela Câmara Municipal no que toca a organização territorial do tratamento do lixo e das suas diferentes tipologias. Começa agora uma fase mais aprofundada de pesquisa, em que acrescentamos ao consumidor as pessoas de que ele precisa para que viva liberto dos cúmulos de material em excesso que produz: os empregados da limpeza pública. Com estes, começamos a acrescentar à pesquisa, o horizonte institucional com que teremos que constantemente lidar, se não em termos de análise pelos menos em termos de convívio.

Calculamos um tempo amplo para a abordagem ao universo dos postos de limpeza: apesar da necessidade da pesquisadora se familiarizar com estes novos terrenos de pesquisa, imagina-se que ainda maior será o tempo que as pessoas que os compõem precisarão para se familiarizarem com a pesquisadora. Tanto os trabalhadores quanto os chefes deverão acostumar-se à presença externa, o que leva a supor algumas dificuldades e obstáculos, nomeadamente pelo facto de eventualmente poder perceber a pesquisadora como elemento de intrusão e perigo. Imaginamos também que poderão surgir impedimentos e proibições a que se deverá responder com aceitação ou com acordos comuns. Igualmente, se deverão calcular as dificuldades de relação que podem surgir com os trabalhadores, para os quais poderá ser difícil o confronto com uma pessoa externa e muito diferente deles, da qual não será fácil perceber as intenções. Apesar das dificuldades, que podemos imaginar mas que não podemos prever, nesta fase quer-se interrogar o mundo émico dos trabalhadores da limpeza, olhando para eles como uma charneira de conjugação entre consumidores e instituições. O que interessa é o aprofundamento das características do trabalho, normalmente um trabalho que não se escolhe mas que se começa por falta de alternativas.

A presença do investigador durante as tarefas da limpeza pública das ruas e da recolha do lixo constitui um assunto fundamental, não só para aprender os gestos e as estratégias de limpeza, mas também para observar as mudanças ocorridas na leitura

social do trabalho da limpeza pública. Observaremos as relações entre colegas e deles com os utilizadores dos espaços públicos, tentando perceber as reacções e os comportamentos que se estabelecem entre os dois. Questionaremos as modalidades que regulamentam, implícita ou explicitamente, os critérios de assunção e de gestão do trabalho das entidades que gerem o lixo e os pedidos de assunção que lhes são dirigidos. O objectivo é desenvolvermos uma reflexão ampla e aprofundada sobre este delicado mundo laboral, em que parecem estar envolvidas as categorias sociais mais débeis e mais vulneráveis da pirâmide social. Que mudanças se observaram ao longo dos últimos anos no emprego de cantoneiro de limpeza? Que tendências se podem observar? Como mudou, se mudou e porque, a relação entre encarregados da limpeza e sociedade?

C) Trabalho de campo, fase segunda: 6 meses

Nesta segunda parte de terreno, a investigação concentrar-se-á sobre o mundo das instituições laborais, administrativas e governamentais, para ver quais canais burocráticos ou até ilegais, detêm o poder de decidir do lixo e quem e como deverá tratar dele. Se é verdade que o lixo é um grande recurso económico, a que todos querem por as mãos, será importante prever grandes debates no seio dos discursos oficiais: se por um lado as populações recusam a presença de dispositivos de tratamento do lixo³³, por outro esta recusa parece fornecer o caminho favorável para que as pessoas mais interessadas nele, sejam as grandes corporações internacionais, pouco atentas à ética do trabalho, e com estas, os organismos da criminalidade organizada. O que nos interessará maioritariamente será perceber como o lixo é gerido e organizado, quem decide por ele, e portanto, por nós. Assume-se a ideia de desenvolver uma pesquisa no mundo da legislação local, nacional e europeia associada à entrevistas e conversas com elementos da administração e do mundo das organizações não governamentais empenhadas na recuperação do “lixo”.

³³ Os tratamentos mais comuns são o aterro sanitário, a compostagem e a incineração (L. Maçarico, 1991: 30). Cada uma das técnicas mencionadas obedece a regras e características de funcionamento muito diferentes entre si, produzindo uma série de vantagens e desvantagens que dividem a opinião pública, porque é na defesa ou na rejeição de um ou de outro que a luta científica, política e mediática assenta. No que toca a Portugal, segundo os dados que Maçarico fornece, embora não actualizados, aprendemos que em Vale do Forno havia um aterro sanitário, em Beírolas havia um sistema de compostagem e é na capital que se encontram os incineradores maiores (Ibidem).

Segunda Parte: corpos e experiências

IV. Corpo filosófico, corpo físico e corpo social

“Os dois corpos são o Eu e a sociedade; às vezes eles estão tão próximos ao ponto de ser quase fundidos; outras vezes estão amplamente separados. A tensão entre eles permite a elaboração de significados”. (M. Douglas, 1996: 122)

“O corpo (...) é colocado em cena através de representações que jogam de tantas maneiras contraditórias com o biológico, o natural e o cultural como talvez nunca até hoje em dia, colocando também grandes problemas no plano epistemológico”. (M. Fusaschi, 2008: 16)

Em primeira instância, e ainda uma vez, lembramos como este trabalho se constituía na co-presença de duas diferentes perspectivas: se por um lado assenta nos resultados empíricos derivados do estudo da *Colecção de Escovaria* do Museu Nacional de Etnologia, por outro, introduz de forma iniciática as primeiras reflexões teóricas com que se pretendem estabelecer os fundamentos de uma pesquisa futura. Neste capítulo, a fenomenologia da limpeza e do limpo - temática de fundo que reúne as duas diferentes trajectórias -, desloca-se para um primeiro contexto de análise em que são apresentadas algumas reflexões acerca das tarefas domésticas do mundo feminino (cap. 4); conclui-se, enfim, com a abordagem a uma outra forma de trabalho delegado e submetido, paralela e complementar à primeira: a do mundo masculino representado pelos cantoneiros de limpeza pública (cap. 5).

Começamos agora a desconstrução em partes - e em partes das partes - da realidade que se pretende questionar, o mundo da limpeza e do limpo, tratando de um elemento que nunca deixou de estar presente durante todas as nossas heterogéneas abordagens ao argumento, isto é: o corpo. Até quando não procurado, desfocado, minimizado, esquecido, ou ainda quando o seu papel parecia ser absolutamente secundário e supérfluo, o corpo tem vindo a demonstrar o seu carácter absolutamente relevante para a nossa perspectiva, em que a limpeza desempenha um papel tanto cognitivo quanto empírico, que precisa do corpo como suporte primário de acção e interpretação, um corpo talvez subordinável, mas nunca inteiramente apagável.

O corpo é desafiante: *incorpora*, isto é, absorve e reflecte, separa e mexe toda uma série de categorias, de atributos e de propriedades, nunca perdendo uma das suas qualidades irrefutáveis: a sua materialidade. Contudo, não é sobre a sua matéria, os seus dados físicos, que podemos construir as nossas abordagens, ou pelo menos, não o podemos fazer de forma exclusiva. Como já parcialmente referido no parágrafo 2.1,

Contra Descartes, e, mais em geral, na parte primeira deste trabalho, temos avançado uma firme recusa da lógica dual que divide o homem em *res cogitans* e *res extensa*. Embora cada homem seja exactamente identificável a partir do próprio corpo, não é a partir dele que o podemos definir completamente, outrossim deveríamos deixar em suspenso o seu carácter irrepetível de *pessoa*, a que corresponde uma dada personalidade, emotividade e intelecto.

O corpo é o meio que consente ao homem afirmar a sua presença no espaço e no tempo, e por meio do qual consegue aperceber-se de si próprio, e, ao mesmo tempo, perceber o mundo circunstante. A sua percepção e as suas sensações não se limitam a ser puros dados corporais, existem e expressam-se muito além desses. Através do corpo o homem pensa, o corpo distingue-se, reconhece-se e o pensamento apercebe-se, coloca-se e desloca-se. O corpo é sempre um corpo *total*, dividido e indivisível enquanto organismo complexo e completo. É o corpo a sede onde *res extensa* e *res cogitans* se fundem e se confundem: o corpo é o produto da suas soma, mas é uma soma que não as contém, pois em qualquer manifestação do corpo total há sempre um excesso ou um defeito, tanto da uma quanto da outra, pelos quais o corpo parece uma entidade que nunca bate certo. Na finitude dos seus limites é aonde experimenta o infinito; na sua forma mortal é aonde expressa as forças imortais que o superam e que a ele sobrevivem.

Por causa dessa mesma dualidade - que é liminaridade e divergência complementar entre finito e não finito, concreto e imaterial -, o corpo representa um elemento constante na nossa abordagem ao limpo e ao sujo: interrogar-se-á para perceber a natureza das implicações que o ligam ao mundo da higiene e às práticas da limpeza, que, por sua vez, estabelecem os parâmetros através dos quais a estética e a saúde se expressam e são interpretadas³⁴. Igualmente, questionar-se-ão as dimensões dos sentidos e das emoções que instituem o corpo enquanto sede dos preceitos morais que o regulamentam tanto quanto dos pecados com que os infringem. Nesta ambiguidade, o corpo emerge como sede biológica de produção dum “sujo” natural e inevitável, e, ao mesmo tempo, como tribunal através do qual o mesmo sujo é avaliado e corrigido,

³⁴ Parece interessante avançar algumas interrogações acerca da relação entre saúde e estética: será que esta última tem vindo a impor-se sobre a primeira, ou talvez, tenha vindo a desenvolver um papel fundamental para a apreciação daquela? Será que os dois termos se tornaram sinónimos apesar de, na realidade, não o serem? Um exemplo, neste sentido, é representado pelas sempre mais difundidas “clínicas da beleza”: será que a fealdade se tornou uma doença que pode ser curada com remédios?

num complicado jogo de posicionamento em que desempenha o papel social tanto do culpado quanto do juiz e do polícia.

Depois da apresentação das teorias fundamentais que guiaram o processo de avaliação dos dados empíricos oriundos do campo, tratar-se-ão dois casos diferentes e complementares em que a limpeza privada e pública vêm a representar determinadas categorias sociais, as mulheres e os cantoneiros de limpeza, agindo como verdadeiro marcador social. Abordaremos os corpos físicos colhidos no acto de limpar para depois nos distanciarmos deles, interrogando os significados das suas acções à luz das leituras que veiculam a construção das narrativas sociais e pessoais em torno das práticas de limpeza; acabar-se-á o capítulo com o tratamento, embora pré-liminar, de algumas implicações retóricas e políticas em que o mundo do limpo e do sujo joga um papel talvez inesperado, e todavia fundamental.

4.1. O <<homme total>>: do “*habitus*” ao “*hábito*”

“Ces <<habitudes>> varient non pas simplement avec les individus et leurs imitations, elles varient surtout avec les sociétés, les éducations, les convenances et les modes, les prestiges. Il faut y voir des techniques et l’ouvrage de la raison pratique collective et individuelle, là où on ne voit d’ordinaire que l’âme et ses facultés de répétition”. (M. Mauss, 1950: 369)

Com a noção de “*idiosyncrasie sociale*”, ou seja as características específicas e peculiares duma sociedade, Marcel Mauss conseguiu resumir em duas palavras o sentido mais adequado com que a natureza das “técnicas do corpo” podem ser entendidas e explicadas. Mais em detalhe, encontramos uma sua primeira definição já no primeiro parágrafo do célebre ensaio de 1936 (apresentado dois anos antes perante à Société de Psychologie de Paris), onde o antropólogo francês afirma: “J’entends par ce mot les façons dont les hommes, société par société, d’une façon traditionnelle, savent se servir de leur corps” (M. Mauss, 1950:365). A inovação da perspectiva maussiana é a de entender o corpo dos indivíduos por meio de uma complexidade abrangente que o situa muito além das meras configurações naturalísticas, biométricas e biológicas : o corpo é sem dúvida o objecto e o meio técnico mais natural de que o homem dispõe, mas as suas capacidades físicas, puramente corporais, são, na realidade, o resultado duma mediação sociocultural que as incorpora e as naturaliza. Nadar, cavar, marchar, correr, etc., não são acções especificamente naturais: pelo

contrário, são o resultado de determinadas aprendizagens nos contextos em que nos encontramos. Até o dormir, ou o dar à luz, de natural têm muito pouco. A confirmação da sobreposição sociocultural à superfície biológica dos corpos é o facto dessas actividades diferirem muito nas diferentes sociedades onde se encontram e pela possibilidade de não existirem em algumas delas.

Não obstante a perspectiva maussiana ter deslumbrado o fundamental papel da cultura como molde activo sobre a natureza, esta teorização age de forma equilibrada, sem, de repente, deixar menorizado o dado biológico. Mauss, de facto, reclama com grande sentido holístico a necessidade das ciências do homem se enquadrarem, finalmente, na óptica de “*l’homme total*”, isto é, um ser cacofónico constituído pelas suas diferentes vertentes biológicas, sociológicas e psicológicas, chamadas a representá-lo em uníssono (Ibidem:368). Outros benefícios de não pouco valor propulsionados por esta audaz e inovadora compreensão do ser humano, superior a qualquer cisão entre *Nature* e *Culture*, é, por um lado, o ter libertado os indivíduos dos vínculos estruturais coevamente teorizados por Lévi-Strauss, e, por outro, o ter vindo a conter as ilusões de uma liberdade romântica e incondicionada. No equilíbrio entre as duas visões, a concepção maussiana visa interpretar a actividade humana como resultado de uma múltipla configuração jogada entre as possibilidades das escolhas individuais no seio das possibilidades e dos condicionamentos tanto fisiológicos quanto sociais. Exactamente estes últimos recebem, no ensaio, o devido, importante, tratamento.

A transmissão dos conteúdos do sistema social por meio da educação dos indivíduos (voluntária ou involuntária; directa ou indirecta) e a variavelmente espontânea imitação dos códigos que a regulamentam (legítimos ou ilegítimos), produzem o que Mauss define como <<habitus>>. Recorrendo à forma latina da palavra, o estudioso, forja o que será desde então um dos conceitos mais utilizados para qualquer análise que vise tratar a temática da incorporação. A silenciosa acção, profunda e constante, do *habitus*, faz com que as variegadas técnicas corporais que caracterizam as diferentes sociedades sejam percebidas como naturais, tornando não imediatos, nem fáceis, os processos da sua relativização e do seu questionamento crítico. É neste sentido que o filósofo francês Pierre Bourdieu utilizará o termo para desenvolver uma *teoria da prática* em que o *habitus*, já não representa em via unívoca o universo das técnicas corporais socialmente transmitidas e incorporadas pelos sujeitos. Ainda mais, o *habitus* bourdieiano é definido como um mais amplo sistema de disposições

interiorizadas, tanto práticas quanto mentais. Através do conceito de *habitus*, de facto, Bourdieu entende fornecer um instrumento tanto metodológico quanto teórico por meio do qual explicar o mecanismo que permite a transmissão das práticas sociais, perseguindo o concomitante objectivo de ultrapassar a fractura distintiva das ciências sociais da época, divididas entre subjectivismo fenomenológico e objectivismo estrutural (M. Vale de Almeida, 1996: 10). Entendido como objecto incorporado e sujeito de incorporação, o *habitus*, torna-se essencialmente a matriz a partir da qual é possível individuar o princípio da reprodução social, ou, dito em outras palavras, o princípio de “somatização progressiva das relações fundamentais que são constitutivas da ordem social”, relações que se traduzem em formas de dominação de uma classe social sobre uma outra (Ibidem). Não obstante a noção de *habitus* permitir a Bourdieu explicar a transposição das estruturas objectivas das realidades sociais para o domínio subjectivo dos agentes sociais, nota-se uma certa fraqueza de abordagem no que toca ao alcance dos mundos e dos modos individuais com que os agentes sociais vivem e praticam os resultados da incorporação do *habitus*: a subjectividade bourdieiana acaba por não ser indagada além do mérito funcional da sua teoria.

Se o corpo socialmente informado de Bourdieu, apesar dos intentos do autor, não alcança o reino da subjectividade até explicá-lo nas suas intimas manifestações, valerá a pena apresentar o contributo do antropólogo francês Jean-Claude Kaufmann, cujas teorias nos permitirão entender a acção pessoal dos indivíduos como o resultado de uma idiossincrasia social declinada ao irrepetível singular³⁵. Kaufmann avança uma interpretação do corpo como elemento desconstruído em três diferentes profundidades³⁶: a um primeiro “corpo visível”, exposto aos olhares dos outros e ao qual cada individuo atribui o desafio de representar a materialização visual de si, isto

³⁵ As referencias às obras do autor são contidas no texto de Michela Fusaschi, obra cit., pp. 46-50. Reportam-se os títulos completos dos trabalhos aí considerados: J-C. Kaufmann (1995) *Corps de femmes, regards des hommes*, Paris, Nathan; (2000) *Le cœur à l'ouvrage. Théorie de l'action ménager*, Paris, Pochete; (2005) “Le corps dans tous ses Etats. Corps visible, corps sensible, corps secret”. C. Bromberg, G. Vigariello, F. De Singly, J-C. Kaufmann, P. Duret (eds) *Un corps pour soi*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 67-88.

³⁶ A tripartição kaufmaniana lembra muito de perto os três planos do comportamento operatório estabelecidos por André Leroi-Gourhan e apresentados na obra de 1965 *Le geste et la parole*, vol. 2, *La mémoire et les rythmes*. Como explica o autor a página 25 da edição portuguesa (obra cit.): “o primeiro é um plano profundo, respeitante aos comportamentos automáticos directamente ligados à sua natureza biológica”, como podem ser o comportamento sexual ou alimentar; “o segundo plano é o comportamento maquinal relativo a cadeias operatórias adquiridas pela experiência e pela educação”, para que o comportamento gestual e a linguagem comecem a desempenhar o seu papel mais importante no que toca o plano funcional e simbólico; o último e terceiro plano, enfim, “é o do comportamento lúcido no qual a linguagem intervém de forma preponderante”. O autor sublinha que a distinção de três planos no âmbito do comportamento operatório “é tão arbitrária como qualquer corte na continuidade, mas permite a distinção psicológica entre o inconsciente, o subconsciente e o consciente”. (Ibidem: 26).

é, a própria imagem exterior, o autor acrescenta um “corpo segredo” e um “corpo sensível”, que aqui nos interessa aprofundar. Similarmente à noção de *habitus*, o autor entende o corpo secreto como a parte profunda do sujeito, onde se armazena uma memória que é só em mínima parte consciente. Embora semelhante ao termo bourdeiano, o corpo segredo distancia-se dele e aprofunda-o, levando-o para um território que este tinha deixado inexplorado: o da subjectividade biográfica de cada pessoa. Substituindo ao “*habitus*” o conceito de “*hábito*”, Kaufmann utiliza esta nova formulação para denotar a importância do gesto simples, repetitivo e aparentemente sem a mínima importância, com que os indivíduos constroem a suas vidas quotidianas e as suas experiências biográficas. Toda a gama de gestos banais que constituem o *habitus* socialmente dado, tornam-se no momento das suas manifestações, algo de altamente pessoal: qualquer *habitus* social deve incorporar-se nos indivíduos, um a um, e aí adquirirem o estatuto de *hábito*, inscrito não no interior do corpo biológico, mas sim no “corpo sensível” e irrepetível de cada um. O “corpo sensível”, embora muito semelhante ao corpo biológico, não coincide com ele, enquanto não é univocamente definido pelo seu aspecto ósseo, orgânico, neurológico ou químico, mas através do desenvolvimento destas suas componentes em relação ao contexto histórico e social que contribui para determinar a configuração dos *seus* sentidos e das emoções com estes relacionadas. O papel das sensações torna-se fundamental: determinadas pela mediação dos sentidos (vista, paladar, olfacto, etc.), solicitam o corpo “a um intenso trabalho de elaboração cognitiva não consciente que se encontra em estrita conexão a um determinado contexto, por sua vez definido por meio de uma história” (M. Fusaschi, 2008: 48). Os *hábitos*, então, inscrevem-se no corpo de forma tão profunda quanto pessoal porque, como sustenta Kaufmann, se encontram em acção nos movimentos, nos gestos e nos deslocamentos que cumpre: “o saber não está na carne das mãos, mas sim, nas suas habilidades” (Ibidem).

Ainda mais determinantes na definição de *hábito* são as emoções. Como sugere o título duma sua obra de 2000, *Le cœur à l'ouvrage*, as emoções, trabalham. Esse estudo das tarefas domésticas demonstra como os sentidos e as sensações são organizadas através de mecanismos muito precisos e detalhados, conseqüentemente as quais não parece suficiente quer fazer ou pensar de fazer uma tal operação (no nosso caso de pesquisa pode ser o esfregar o chão ou limpá-lo com a esfregona): antes da vontade e do pensamento, afirma Kofmann, agem as emoções, responsáveis de boa parte de qualquer acção. “As emoções trabalham. Elas não são tão opostas ao

universo da razão do que ao da fadiga. Ao contrário, estão a trabalhar todos os dias, assim como o sentimento (*cœur*) mesmo nas tarefas mais ingratas, as emoções estão no trabalho; o próprio coração está no trabalho” (M. Fusaschi, 2008: 48).

Consequentemente à já lembrada idiosincrasia sócio-corporal dos povos, quanto mais sociedades avaliemos, tanto mais *habitus* sociais encontraremos. Ainda mais, é importante sublinhar como, no interior de cada um dos conjuntos societários considerados, deveremos afinar o nosso olhar para aí vermos as múltiplas co-presenças de *habitus* diferentes: estes, de facto, variam com o variar da educação, das crenças, das modas, etc. Entre os muitos factores de diferenciação possíveis, todavia, dois elementos emergem como fundamentais, enquanto sempre presentes e universalmente válidos, activos em todas as sociedades de todos os tempos, isto é: o género e a idade (M. Mauss, 1950: 373). No que toca a limpeza, aqui considerada nos dois domínios, doméstico e público, as emoções enquadradas no domínio do género, como veremos, jogam um papel fundamental: o que significa ser mulher e tratar da casa? E o que significa ser homem e limpar as ruas? Que sensações acompanham os gestos de esfregar, varrer, limpar? Qual é a imagem do self que emerge ao cumprirem essas tarefas, e que imagem é dada aos corpos que limpam?

V. A limpeza doméstica. Coisas de mulheres: a delegação horizontal

“<<Funcional>> não qualifica de modo algum aquilo que se adapta a um fim, mas aquilo que se adapta a uma ordem ou a um sistema”. (Jean Baudrillard, 2009: 80)

Numa óptica comparativa entre o Portugal do passado e Portugal do presente, foi decisivo compreender como as grandes mudanças ocorridas tiveram origem, a maior parte das vezes, nas mais aparentemente pequenas inovações, mas que, quando analisadas sob um olhar atento, nos mostram a sua grande importância, sobretudo no que toca aos seus impactos sobre a vida dos grupos e dos indivíduos. Tome-se como exemplo, a limpeza do chão e os complexos cruzamentos de elementos que implica, enquanto regras, *habitus*, *hábitos*, gestos e condicionamentos tanto científicos quanto históricos e sociais.

As mulheres podiam ter deixado de limpar de joelhos já muito tempo antes da criação da esfregona de algodão, inventada em 1958 pelo espanhol Emilio Bellvis Montesano³⁷. Até algumas décadas atrás, costumava-se limpar os soalhos de madeira das casas (quartos, salas e escadas) utilizando a escova “tipo viola”³⁸, a característica escova com cerdas de piaçaba e cepo de madeira em forma de oito, cuja função era o esfregar. Esta tarefa implicava a utilização dum balde, normalmente de latão, enchido com água morna, do sabão amarelo, hoje já não existente no comércio, e de um pano. Basicamente, assumia-se a típica postura “à Cinderela”, com os joelhos dobrados no e os braços tensos contra o chão, antes com o sabão amarelo, tirando dele todas as sujidades, e depois com o pano molhado, para eliminar os resíduos de detergente. Depois de ser limpo, o chão tinha que ser encerado, usando uma escova macia ou um pano, segundo as preferências. A cera era espalhada na mesma posição “de gatas”, causando uma fadiga habitual que ainda permanece nas memórias de muitas informantes.

³⁷ Borja-Santos, Romana, <<As bodas de ouro da esfregona>>, Público (2/04/2008) http://www.publico.pt/Sociedade/as-bodas-de-ouro-da-esfregona_1324586, notícias em “Sociedade”, consultado em 12 de Fevereiro de 2011.

³⁸ Antigamente, esta escova era cheia com piaçaba de Amazónia, hoje em dia substituída por piaçaba chinesa ou fibras sintéticas. Não é raro encontrar escovas tipo viola completamente produzidas em plástico. Ver Anexo nº 1, imagens 1,2 e 3.

Para além da clássica escova tipo viola, que magoou mãos e joelhos de tantas mulheres ao longo da história da economia doméstica portuguesa³⁹, havia dois outros objectos que cumpriam a mesma função: existia uma escova rectangular, um pouco maior que a primeira, com uma pega de madeira colocada no topo do cepo, e uma escova chamada “chapuz”, cuja cerda se manteve rija, para esfregar bem o soalho, mas cujo comprimento era maior. A primeira, a escova com pega, se por um lado ajudava a salvar as mãos, por outro nada acrescentava a escova tipo viola quanto a protecção dos joelhos, que, portanto, ainda tiveram que ficar dobrados no chão⁴⁰. No que toca à segunda, a escova chapuz, mais do que uma escova propriamente dita era, na realidade, uma vassoura; dois buracos diagonais (às vezes um) nos dois lados do seu grande cepo de madeira, destinavam-se à inserção de um cabo, que permitia ficar de pé⁴¹.

É importante acrescentar que no contexto das tarefas domésticas as diferentes ergonomias das escovas para esfregar o chão não foram suficientes para que as mulheres conquistassem a posição erecta: a escova tipo viola - e com esta a posição “de gatas” que lhe é típica - , manteve o seu primado dentro das casas portuguesas até muito tarde. A escova “chapuz” com cabo cumprido era, de facto, um objecto destinado prevalentemente à esfera das limpezas externas (feita tanto por mulheres quanto por homens, mas, sublinhamos, era utilizada *fora* do lar), e até não domésticas, que já não pertenciam ao domínio feminino, e que portanto eram normalmente realizadas pelos homens⁴².

Em termos estritamente funcionais, apesar de um simples cabo de madeira ter tido a oportunidade de revolucionar as técnicas corporais de limpeza doméstica, ou seja

³⁹ A expressão “economia doméstica” designa tanto o ensino destinado às mulheres acerca do cuidado e da manutenção da casa, (cujos conteúdos eram altamente ideológicos, machistas e patrióticos), quanto a prática e a execução dessa manutenção. Em termos editoriais constituía um ramo bastante frutuoso e abrangente duma ampla gama de obras, desde os livros mais rigorosos e específicos até os pequenos artigos de conselhos publicados nas revistas. Em geral todos estes volumes e materiais eram dirigidos às jovens mulheres, e ao sexo feminino em geral. Como exemplo, citam-se os títulos de algumas obras referidas como fontes bibliográficas no texto de autoria de Manuel Maria Calvet de Magalhães (1946) *Economia doméstica*, Caderno do Povo, publicado pelo F.M.I.; Paulo Combres (1920) *O livro da esposa*, Porto, Ed. António Figueirinhas; (1910) *O livro da dona de casa*, Porto, E. António Figueirinhas; Maria Lúcia (1943) *A mulher dona de casa*; Virgínia de Castro e Almeida (1906) *Como devo governar a minha casa*, Lisboa, Livr. Clássica Editora; Custodia do Vale (1944) *A higiene, a criança e o conforto do lar*, Lisboa, Ed. Livr. Luso-Espanhola. Manuel Maria Calvet de Magalhães, *Economia doméstica*, Caderno do Povo, FMI, Lisboa, Oficinas Gráficas Casa Portuguesa. pp. 73.

⁴⁰ Ver Anexo nº 1, imagens 4 e 5.

⁴¹ A direcção diagonal dos buracos fazia com que o cabo se mantivesse inclinado, permitindo empurrar o chão utilizando uma força maior, a qual se concentra mais sobre um dos lados, até as cerdas da escova se tornarem gastas. Consumidas as cerdas dum lado, o cabo passa para o lado oposto, e assim de seguida, até o acabar das cerdas, que, no que toca as escovas chapuz em particular, eram quase sempre de origem natural. Ver Anexo nº 1, imagens 6 e 15

⁴² Algumas indicações tornam-se necessárias. Vejam-se as explicações propostas na nota 1, Anexo 1..

feminina, não o fez, porque estas – na prática - estavam inscritas numa visão e numa ordem organizadas segundo padrões e leituras simbólicas do género que regulamentavam e estruturavam a vida das famílias e dos grupos, nos diferentes aspectos da vida pública e privada, e na definição de papéis sociais no que toca aos diferentes domínios do económico, político, colectivo e espacial. Qualquer interpretação puramente evolucionista ou funcionalista dos artefactos, deverá portanto ser abolida, em favor da compreensão do valor dos objectos a partir do ponto de vista dos *modus vivendi* e *operandi*, isto é dos *habitus*, activos no contexto sociocultural em que os seus utilizadores agem.

Não se sabe se a escova tipo viola se tornou um objecto obsoleto porque as mulheres deixaram de esfregar o chão ou porque começaram a esfregar com escovas dotadas de cabos cumpridos. Como veremos, a resposta não se exaure nem na primeira, nem na segunda destas hipóteses. Com a ajuda de alguns testemunhos, começamos uma reflexão acerca da complexidade desta aparentemente banal circunstância. Muitos elementos heterogéneos vêm aqui a misturar-se, cruzar-se e sobrepor-se: afrontamos com ordem a intrincada questão, com a ajuda de três preciosos informantes.

5.1. As <<fadas do lar>>: questões de *habitus*

A Senhora Teresa⁴³ começou a esfregar o chão desde miúda. Hoje tem 46, e afirma:

“Eu comecei a esfregar o chão com 12 ou 13 anos, mas eu detestava....era muito trabalho...eram salas....e eu não gostava. Mais tarde optou-se por colocar o pavimento lavável, então aí era mais confortável porque era com o rodo e com um pano metido no rodo que a gente lavava, passava no balde e voltava a lavar. Assim era totalmente diferente, porque quando se

⁴³ A Senhora Teresa Cardoso tem sido uma colaboradora muito valiosa, tanto pelas suas ricas memórias biográficas quanto pela sua experiência profissional no que toca o âmbito da limpeza. Não só ela é mulher, filha, esposa e mãe, mas, nascida em 1965, pertence à geração “de meio”, ou seja, a uma geração que formou as suas experiências de vida a cavalo de dois diferentes padrões económicos e sociais: os que marcaram a sociedade portuguesa antes da Revolução de 1974, e os que ditaram as profundas mudanças de costumes ocorridas ao longo das décadas seguintes. Às relevantes características biográficas da Senhora Teresa, acrescenta-se o facto dela ser chefe da secção limpeza da Pollux (histórica empresa da Baixa lisboeta no comércio de produtos destinados ao lar), o que a torna uma óptima conhecedora dos comportamentos dos consumidores

esfregava com aquilo [com a escova tipo viola] os meus joelhos doíam muito, e demorava o dobro ou o triplo do tempo....”⁴⁴.

O que é curioso notar é que foi necessária a mudança do chão para que a limpeza resultasse uma tarefa um pouco menos pesada para as mulheres, mas no que toca a gestão das obrigações domésticas nenhuma reformulação estrutural no domínio do género ocorreu: nenhuma das minhas informantes chegou a ver um homem “de gata”, nem quando estiveram com febre ou doentes ou simplesmente impossibilitadas a cumprirem as *suas* tarefas de casa. Mas isso, as mulheres, já o tinham bem claro na cabeça e nem perderam muito tempo a fantasiar sobre o assunto, educadas, como foram, pela doutrina segundo a qual a economia domestica: “é uma enciclopédia que faz mais sólida e mais *humana* a cultura feminina; faz amar mais e melhor o lar *convertendo* a mulher no véu do fogo sagrado da *ilusão* que assegura sua felicidade e a de todos os seus”, e através da qual: “uma boa dona de casa saberá fazer frente a *todas* as contingências possíveis”. A “ciência do lar (...) é civilização, é ordem (...), é altruísmo e generosa dignidade (...), é uma virtude social”, e, enfim “é a estrada por onde avança a prosperidade e a paz. (...) No Estado, é a felicidade do cidadão e a prosperidade da nação. No lar, é a felicidade do indivíduo e a prosperidade da família” (M. M. Calvet de Magalhães, 1946: 7-9). Paz, prosperidade e felicidade, garantidas pela hierarquia dos sexos, e dos papeis sociais.

Entre outros, quatro conselhos dirigidos às mulheres, iluminam os princípios básicos dessa suposta ciência civilizadora:

“ 6º_ Ser amante da ordem sem fazer escravos os que nos rodeiam. (...) Vosso marido e vossos filhos não se sentirão bem, porque não poderão acercar-se de uma mesa sem temer que um tapete se enrugue.

7º_ Considerar-se sempre a *última* pessoa da casa e a vosso marido o primeiro, não com a baixa submissão de uma escrava, nem com o servilismo de um inferior, mas sim com a amistosa presença de uma companheira.

8º_ Não considereis nunca vosso o dinheiro que não ganhais por vossa mão (...).

⁴⁴ Entrevista com a Senhora Teresa Cardoso, 12 de Abril de 2011, Museu Nacional de Etnologia, Reserva Nova.

9º_ Se a mulher leva dote para o matrimónio, terá cuidado de nunca o recordar, nem por palavras nem por actos. Pense a mulher que o homem tem o mesmo direito e, geralmente, com mais justiça, pois o mais corrente é a mulher ter herdado, e o dinheiro do homem ser fruto do seu trabalho.” (Ibidem. Itálico nosso.)

Felizmente, na família Cardoso, as regras existiam mas não se tornaram desumanas, até porque, infelizmente, Teresa era a única pessoa de família a tratar da casa: filha de dois trabalhadores, era a mais nova entre três irmãos e dois irmãs (estas últimas já casadas e independentes). Todavia, Teresa lembra-se de famílias muito mais rígidas que a sua, nas quais os horários eram estritamente regulados e vinculados aos horários e às exigências do pai, como também dos irmãos mais velhos⁴⁵.

Apesar das palavras de Calvet de Magalhães poderem suscitar muitos comentários de possível indignação (todavia muito fáceis quando feitos com trinta ou quarenta anos de distância à luz das conquistas, embora imperfeitas, obtidas pelos movimentos feministas ocidentais), parece muito mais importante e construtivo focarmos a nossa atenção sobre a importância, e a potência, dessas palavras, e, no entanto, vê-las sedimentar-se na consciência e na experiência tanto das mulheres quanto dos homens pelas quais constituíram o fundamento *natural* da suas realidades quotidianas. Dado o clima ideológico que estas palavras exprimem, infelizmente, não surpreenderia encontrar o poder masculino, legitimado pela certeza da sua autoridade, exercido sobre a mulher na pior das suas formas, ou seja, no *manifestar-se* através da imposição duma supostamente indiscutida superioridade física. Superioridade física que, todavia, se encontrava (e se encontra) implícita (e não forçosamente ostensiva porque secularmente incorporada) no <<*poder da delegação*>> de limpeza que regulamentava (e regulamenta) a vida doméstica quotidiana.

Baseada na assimetria dos estatutos sociais, muitas vezes assentes em pressupostos de natureza biológica (branco vs negro; o sexo débil vs o sexo forte), se não até cosmogónica (brâmanes vs intocáveis), ou política (faraó vs escravo), o pedido de delegação em geral, neste caso o de limpeza, implica sempre uma entidade superior que manda, e uma inferior que efectua os trabalhos ordenados, de acordo com o valor social de quem os efectua. No seu livro *Just a Housewife*, Glenna Matthews afirma:

⁴⁵ Entrevista com a Senhora Teresa Cardoso, 12 de Abril de 2011, Museu Nacional de Etnologia, Reserva Nova.

“se o trabalho doméstico é desprezado, irá ser cumprido por aqueles que pelo sexo, classe social ou raça – ou talvez pelas três coisas juntas – serão empurrados para um estado de inferioridade”⁴⁶

A relação de superioridade e inferioridade pode dar-se de formas muito diferentes, entre as quais no nosso mundo da economia terciária, isto é, de serviços o dinheiro constitui uns dos elementos centrais. Paralela à assimetria dos papéis sociais, a relação monetária estabelece uma troca convencionalmente aceite como equilibrada entre o dar o receber, mascarando a assimetria subjacente atrás do véu das regras de mercado. Nesse sentido, no mundo de todos os dias, o dinheiro, assume uma posição ambígua: se pode ser interpretado como elemento neutral de troca supostamente equilibrada entre um serviço e um preço correspondente (por exemplo, entre um cliente e um engraxador de sapatos), todavia será preciso contextualizar o poder monetário comparado do cliente com a média do poder monetário de todos os clientes possíveis (portanto incluindo o engraxador) para revelar a assimetria dos papéis económicos que antes não podia se revelar. E no mundo doméstico? Como interpretar a assimetria dos sexos no que toca as tarefas domésticas pelas quais não há retribuição? Apesar da resposta se basear numa infelizmente histórica disparidade, podemos concluir que esta desigualdade veio constituir uma óptima escusa para a implantação do sistema capitalista moderno, no qual o trabalho não pago é indispensável e no qual o trabalho feminino foi sempre condenado a receber pouco ou menos respeito aos homens, até no caso de cumprirem a mesma actividade.

5.2. Dói, mas cheira bem! Questões de *hábito*.

Numa conversa com a Sra. Alice⁴⁷, única e última empregada ainda em serviço da histórica Vassouraria da Esperança, e a sua vizinha de casa do segundo andar, ficou claro como o esfregar o chão foi considerado uma tarefa *normal* e *habitual* que as mulheres eram chamadas a cumprir, quer mensalmente (como a Sra. Teresa), quer até

⁴⁶ Citado em Sellers, Susan (2003) “Spouse meccaniche”. R. Riccini (eds) *Imparare dalle cose. La cultura materiale nei musei*, Bologna, Clueb, pp.185.

⁴⁷ Conversa com a Sra. Alice, Vassouraria da Esperança, 11 de Março de 2011. A Vassouraria de Esperança era umas das mais antigas e conhecidas fábricas de material de escovaria, sita na Avenida Dom Carlos I, nº 98, Lisboa. Hoje já não é fábrica, e limita-se a ser um ponto de venda de artigos de escovaria que recebe de outras pequenas empresas do país. A vida da Sra. Alice cruza-se muito com a vida da “casa”, onde começou a trabalhar com 20 anos e onde, com 77, continua a trabalhar.

semanalmente⁴⁸, mas que em geral, hoje em dia, já não constitui uma obrigação para quase ninguém, excepto para as empregadas domesticas chamadas a fazê-lo.

Graças às novas soluções que o mercado tem vindo a oferecer, e à concomitante aceleração dos ritmos de vida, o soalho de madeira tornou-se algo custoso de se manter, tanto em termos económicos, quanto de tempo. A partir dos anos 60, e com ritmo crescente nas décadas sucessivas, os materiais tradicionais dos interiores das casas portuguesas, começaram a serem substituídos e inovados. Além disto, muito frequentemente, as escadas dos prédios, de madeira maciça, permaneceram inalteradas, excluídas das obras de renovação do lar, o que conduzia a que muitas mulheres já tinham deixado de esfregar o chão das suas casas, mas continuavam a fazê-lo nos patamares e nos degraus dos condomínios. Ainda mais, como no caso da Sra. Teresa, e como provavelmente no caso de muitas mulheres da mesma geração, a mudança do chão foi a razão de abandono de uma forma tradicional de limpar que não a livrou da obrigatoriedade de o fazer, embora com outros meios e instrumentos.

Umas das novas ferramentas de limpeza verdadeiramente revolucionaria, foi o binómio de esfregona / balde com espremedor: esta dupla combinação não só permitiu manter a posição que distinguiu o *Homo Sapiens*, mas também afastou o pesadelo de espremer o pano embrenhado de sujidade com as nuas e delicadas mãos do “gentil sexo” (as luvas de borracha são um luxo mais recente na área da limpeza, que teve a ver com a introdução de detergentes cada vez mais agressivos). Mesmo a seguir, temos que mencionar a poderosa inovação trazida pelo aspirador, e com ele, por toda uma gama de ferramentas mais ou menos electrónicas, mecânicas e automáticas (nunca se sabe se mais eficazes do que os equivalentes manuais). Dotados destas próteses tecnológicas e poderosas e, ainda mais, sustentados pelos cânones do progresso, baseados nos números e nas medidas certas, deveríamos pensar que não exista razão nenhuma para voltar a baixar-se “*de gatas*” e esfregar, ladrilhos após ladrilhos. As razões do progresso, todavia, nem sempre coincidem com as razões da vida.

Durante a conversa com a Senhora Teresa, embora eu pensasse que tivesse sido a mudança de pavimento a permitir deixar a escova tipo viola esquecida, surpreendi-me ao descobrir que, ainda hoje, de vez em quando, com muitos “se” e com muitas

⁴⁸ Apesar do ritmo mensal com que a Sr. Teresa costumava esfregar o chão, ela mesma sublinhou como, na realidade, algumas zonas da casa precisavam de um cuidado mais frequente e que eram limpos uma ou mais vezes por semana, como, por exemplo, as entradas e os corredores.

coincidências favoráveis como premissa (se tiver tempo, se tiver vontade, se a casa estiver vazia e se não estiver cansada), a Senhora Teresa ainda se baixa de joelhos para esfregar o chão, e, contrariamente ao que sucedia, gosta de o fazer, o que foi uma notícia ainda mais surpreendente, já que sabia que o ter começado a esfregar desde muito nova tinha constituído razão de muito sofrimento durante o período da sua infância e juventude. Todavia, as mudanças “estruturais” que permitem, agora sim, “gozar” essa actividade antigamente odiada, não são poucas: a escova tipo viola tradicional (cepo de madeira, cerda vegetal) foi substituída por uma escova de plástico com fibras sintéticas; o chão em questão é mosaico de cerâmica, superfície que acumula muito menos sujidade do que um qualquer soalho de madeira; o detergente tira-se mais facilmente com a esfregona do que com o pano. Contudo, além das muitas divergências técnicas, a mudança maior, reside sem dúvida na livre escolha atrás referida da decisão de se e quando cumprir a tarefa.

Intencionalmente, escolhemos não avançar uma investigação mais aprofundada a respeito das motivações que de vez em quando levam a Sra. Teresa a empunhar a escova e começar a esfregar, primariamente por razões éticas – deveria conhecer a minha informante muito melhor para poder avançar uma qualquer interpretação, além das meras opiniões - e enfim por falta de uma adequada preparação profissional – nomeadamente no seio de ciências sociais como a psicologia ou a sociologia dos processos mnemónicos e da reelaboração do passado. Limito-me a reportar o que foi a resposta dela, posta em frente a esta precisa dúvida:

INV: “Porque ainda o faz, apesar ter sido algo de traumático no seu passado?”

INF: “Pois, não sei, às vezes dá-me jeito. É uma limpeza mais profunda; cansa, dói um pouco nas costas, mas cheira bem, fica bem.”

Esta circunstância desafia abertamente o positivismo mecanicista que assegura aos indivíduos um lugar certo e comportamentos certos como consequências de determinados estímulos externos e que introduziu na esfera humana a formula pavloviana segundo a qual:

$$<< E - R = X >>$$

isto é: o resultado da relação Estimulo / Resposta dá sempre X, onde X é a meta onde as ciências exactas, e mais tarde os agentes de marketing, querem chegar por meio do estudo das características com que prefiguram o estímulo e o adaptam para que seja desejável aos olhos dos pacientes/consumidores. O exemplo da Senhora Teresa mostrou como, na realidade,

$$<< E - R = \infty >>.$$

Por um lado, sabemos que ∞ está circunscrito às possibilidades de acção derivadas de um determinado universo social, por outro, no interior deste mesmo universo, temos que considerar a história irreduzível de cada um dos seus membros, do seu carácter, da natureza das suas memórias, das suas emoções. No entanto, o símbolo ∞ , não se define como “infinito”, mas sim, como “*infinito numerável*”, produzido pelo número *finito* dos indivíduos que compõem uma sociedade, elevado às imprevisíveis formas, potencialmente *infinitas* nas nuances dos detalhes e dos pormenores, das suas respostas em frente ao mesmo estímulo. Nos dois ovais atados e indivisíveis que constituem o signo gráfico em questão, vemos os dois hemisférios atados e indivisíveis que moldam o indivíduo: a sociedade e a sua história pessoal.

Não podemos esquecer o ensinamento de Marcel Mauss (1936) e de Pierre Bourdieu (1979) ao enfatizarem a importância tanto do papel da educação (familiar e escolar) quanto da memória incorporada como factores de constituição e amadurecimento do *habitus*. Contudo, na vontade da Senhora Teresa de pegar na escova tipo viola e esfregar o pavimento da sua casa, que nada tem a ver com os antigos soalhos de madeira nos quais era necessário esfregar, lemos algo de mais profundo do que a simples repetição de um *habitus* já *demodé*. É aqui que vemos em acção o conceito de *hábito* como Kaufmann o tem entendido: algo que se encontra sedimentado no corpo sensível e que daí contribui para orientar as suas escolhas. Com certeza, o pavimento da nossa informante teria igualmente “ficado bem” recorrendo à esfregona, mas é na diferença intrínseca entre um “ficar bem” inculcado e aprendido desde miúda e um “ficar bem” mais novo e moderno que nós vemos o trabalho das sensações que Kaufmann quis incluir na sua teoria do corpo, e que ele eleva ao papel de elementos irrenunciáveis para qualquer compreensão de todos os gestos que a linha recta do progresso não pode explicar.

As emoções e as sensações, embora influenciadas pelos contextos sociais, não têm direcções totalmente preestabelecidas, e são de extrema utilidade para a análise da funcionalidade *real* dos objectos, isto é, dos objectos colocados e interpretados no momento em que se encontram em acção nas mãos das pessoas, e não nas explicações guiadas pelas suas características técnicas, nem quando aparecem colocados nas prateleira das lojas ou nos catálogos de venda: aí, ainda não se constituem como objectos reais, companheiros das mulheres, das crianças e dos homens que com eles vivem e constroem os seus universos de práticas e de significados. De facto, umas das dimensões irrenunciáveis com que se explica a funcionalidade das coisas, é sem dúvida o seu nível afectivo, e até mágico, como bem revelou Marcel Mauss afirmando: “acte technique, acte physique, acte magico - religieux sont confondus pour l’agent” (M. Mauss, 1950: 371).

Tornou-se claro que para compreender o gesto aparentemente irracional da Senhora Teresa de recusar a moderna tecnologia em favor duma fadiga antiga, temos que encarar a limpeza muito além da banalidade com que normalmente é entendida. A limpeza e a maneira de limpar são *experiências universais* que cada pessoa adapta ao seu próprio olhar, à gestão do seu tempo e do seu corpo, com o efeito de destinar para si e para os outros os resultados pessoais da sua fadiga. No acto de limpar o corpo está envolvido tanto a nível mecânico, isto é, pelos movimentos dos músculos e dos ossos, quanto num sentido mais emocional, que faz com que as posturas, os materiais, as cores, os cheiros, o brilho se tornem dados altamente ambíguos, definidos em tantas maneiras quanto os olhos que os examinam. Cada maneira de limpar constitui algo de não reproduzível, e o momento de limpar algo de irrepetível, *modalidades relativas* que procuram sensações às quais os corpos e as mentes se acostumaram, e nas quais, se identificam, porque “a forma das coisas”, afirma o antropólogo Franco La Cecla, “é uma categoria da experiência”⁴⁹.

A fim de indagar os aspectos mais íntimos das *técnicas do corpo*, o conceito de *hábito* proposto por Kaufmann parece mais eficaz do que o clássico *habitus* desenvolvido por Bourdieu, e todavia preferimos juntar os dois, dispondo assim de uma ferramenta multidimensional e completa de análise, capaz de reflectir quer sobre os condicionamentos sociais, quer sobre as formas individuais de as viver e perceber.

⁴⁹ La Cecla, Franco (1998) *Non é cosa. Vita afectiva dos objectos*, Milano, Eleuthera, pp. 41.

Enfim, retomando a formula da imprevisibilidade das respostas em frente ao mesmo estímulo, isto é, a do infinito numerável, podemos ulteriormente questionar a eficácia do progresso com um exemplo talvez menos profundo, mas sincero e até ligeiramente irónico, que nos reenvia à dúvida que temos posto em relação à libertação e às melhorias trazidas pelos objectos tecnológicos no contexto das tarefas domésticas. Uma amiga e vizinha da Sra. Alice, uma senhora bastante idosa de quem não chegámos a conhecer o nome, nos poucos minutos em que esteve presente na Vassouraria enquanto se discutia a diatribe entre esfregona e escova tipo viola, deu-nos uma grande aula de relativismo. As escadas do prédio onde ambas as amigas moram, são de madeira espessa, já muito velha, e que esta senhora ainda limpa “à antiga”, isto é, com a escova tipo viola e o sabão da roupa. A operação custa-lhe muita fadiga física mas não tem dúvidas na comparação entre escova tipo viola e esfregona: a primeira, afirma, <<limpa tudo muito melhor!>>. Ela, continuou, não gosta mesmo da esfregona: como é que se pode limpar se ao final o chão fica cheio de resíduos de algodão? Obriga a limpar outra vez, e o chão nunca ficará liberto do algodão. É uma “chatice”. Ainda mais, embora queira voltar a utilizar a escova tipo viola dentro casa, agora já não pode, porque <<os joelhos já não se dobram como dantes!>>, com o resultado de ser obrigada a utilizar o suposto objecto de “libertação feminina” que, contrariamente as expectativas, lhe causa insuportáveis dores nas costas. Se as dores de joelhos foram substituídas, de má vontade, pelas dores de costas, todavia, as primeiras, sempre foi acostumada, por isso, diz, preferiria continuar a esfregar “à Cinderella”⁵⁰.

⁵⁰ Conversa com a senhora Alice e a sua vizinha do segundo andar, Vassouraria da Esperança, dia 30 de Março de 2011.

VI. A limpeza publica: uma alquimia mal aproveitada. A delegação vertical.

"A impureza mesma é apenas uma representação, e ainda mais confusa num medo específico que bloqueia a reflexão. Com o impureza entramos no Reino do Terror ". (Paul Ricœur, 1970: 271)

“A qualidade deveria ser atribuída aos homens e não as coisas”. É assim que no *Quaderno 22* dedicado à análise do sistema fordista americano dos anos 20 do século passado, Antonio Gramsci responde contra a problemática evidência do distanciamento tanto económico quanto ainda mais moral das classes sociais dominantes face as dominadas⁵¹. O mesmo fenómeno passou através de não poucas mudanças, mas acabou por permanecer inalterado até aos nossos dias, testemunhado, como está a ser, pelos contínuos protestos e os pedidos de reformas (em alguns casos desaguados em verdadeiras rebeliões), avançados pelo povos de muitos países do mundo, separados, cada um no seu espaço local, e todavia em uníssono, no seio do partilhado espaço global. Na afirmação reportada por parte do naquela altura preso político italiano, podemos ver como, em poucas e incisivas palavras, se encontra resumido o caleidoscópico problema da delegação vertical, ao mesmo tempo em que é declarada, por negação, a sugestão certa para o resolver.

O objectivo deste capítulo não é traçar a evolução de oitenta anos de história socioeconómica mundial, desafio demasiadamente complexo e amplo para esta sede, mas antes encontrar alguns elementos decisivos através dos quais relacionar entre si muitas pequenas passagens inobservadas com grandes e evidentes mudanças ocorridas. Nos parágrafos que seguem, tentaremos desdobrar as muitas camadas implícitas que a citação gramsciana habilmente condensa, apresentando um percurso linear que se focaliza sobre a primeira e a última etapa do ciclo de produção: a ideologia político económica que o sustenta e, enfim, o lixo.

6.1. Qualidade e / ou Quantidade: que conjunção?

“Quando um cavalo defeca, cem pardais fazem o seu jantar”. (António Gramsci, 2007: 2143)

⁵¹ Gramsci, Antonio (1934) “Americanismo e fordismo”, pp.2159. António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 22, pp- 2137-2181.

O distanciamento económico e moral que Gramsci observava em 1934, baseia-se, segundo o autor, na mentirosa formula feita por “literatos mandriões e por políticos cuja demagogia consiste em construir castelos no ar” (A. Gramsci: 2007, 2159), perífrase com que o autor define o sistema de produção americano daquela altura, à qual a Europa se estava iniciando. O perigo da produção assente exclusivamente na qualidade, isto é em materiais especializados e destinados a poucos, consiste na mais do que provável possibilidade de se perder por completo o objectivo mesmo da produção, isto é, a satisfação das necessidades das populações, o qual, inversamente, obrigaria a basear os cálculos de produção em termos de quantidade, dado que supostamente *todos* deveriam ser postos nas condições básicas para se sustentar⁵². “Quantidade”, todavia, é uma expressão que sempre foi desprezada pelas classes dirigentes, enquanto sinonimo de *massa*, *plebe*, *vulgo*, *povo*, e que, curiosamente, a própria massa, isto é todos nós, aprendeu (aprendemos) a desprezar também. Como bem teoriza Raymond Williams, “as massas são sempre os outros”, isto é, ninguém vê a si mesmo como parte da massa de que fala, como se quem afirma a frase não estivesse envolvido no processo da sua formação⁵³. Explica o autor: “não considero massa meus parentes, amigos, vizinhos, colegas, conhecidos; nenhum de nós pode agir assim. As massas são sempre os outros, aqueles que não conhecemos e que não podemos conhecer (...) Massas são os outros. Na verdade, não há massas; há maneiras de ver os outros como massa” (Ibidem). A proposta de Williams, que utilizamos, é clara e pelos nossos fins extremamente importante: “a questão não é apenas de ressaltar esses factos objectivos”, afirma o autor, mas sim, de “investigar o efeito que esses modos de ver as outras pessoas tiveram sobre nossos hábitos pessoais e colectivos de pensar”, e continúa: “a realidade é que esse modo de ver os outros, que é característico do nosso tipo de sociedade, foi capitalizado para fins de exploração política e cultural. (...) No grau em que consideramos a fórmula inadequada a nós mesmos, devemos estender aos outros o benefício desse julgamento e reconhecermos os outros que desconhecemos” (R. Williams, 1969: 310).

⁵² Lembramos como os anos em que Gramsci escreve precedem o *boom* económico italiano dos anos 50, que abriu as portas aos consumos de massa, em que o padrão da qualidade vira-se para o da quantidade. Nos *Cadernos do cárcere*, escritos ao longo duma longa e extenuante detenção, o autor critica os objectivos produtivos que o novo sistema económico visava estabelecer, enquanto, no seu olhar, a prioridade do Estado deveria ter sido a adequação das condições de vida dos camponeses e das classes populares e não o favorecimento de produções de luxo das empresas privadas que poucos podiam apreciar.

⁵³ Williams, Raymond, (1969) *Cultura e sociedade*, São Paulo, Cia, Editora Nacional, pp 309. Ed. Original (1958) *Culture and society, 1780-1950*, Londres, Longman.

Combinadas às razões de ordem “político e cultural”, isto é burocráticas, em sentido lato, que permitiram a afirmação dessa formula de distanciamento com que todos nós começamos a nos percebermos distantes respeito à “massa social” que nos rodeia, e de que ilusoriamente não queremos fazer parte, podemos acrescentar os efeitos provocados pelo desenvolvimento numa linguagem mediática que mudou, coerentemente, com o mudar das estratégias e das características do sistema de produção.

Aos anos 50-70 do século passado correspondeu, de modo geral⁵⁴, uma primeira época de massificação do capitalismo, antes e durante a qual se verificou a necessidade de convencer *todos* da boa revolução dos consumos, sobretudo as classes sociais médias-baixas, representantes dos grupos mais populosos (isto é, a tão desprezada “massa”, da qual deriva o termo massificação). Estado e empresas criaram as condições para que os trabalhadores pudessem incrementar o seu poder de compra, com objectivo de aumentar a produtividade e, com ela, os consumos: junta à máquina económica nacional, activa-se igualmente a ideia de progresso e de bem estar geral. Uma vez que os objectivos em grande escala foram obtidos e a ilusão instaurada, a palavra de ordem “produzir” passou a ganhar um sentido mais amplo, pela qual a satisfação das necessidades nacionais cedeu o passo a uma política de fluxos mercantis sempre mais global, sofisticada e detalhada, em que os Estados, antes co-protagonistas da revolução, deixaram mais liberdade às empresas: a palavra de ordem já não era “produzir”, mas sim, “livre concorrência”, e com esta, “livres mercados”. A mais directa consequência da imponente viragem (já estamos nos anos 80 e 90), foi a afirmação numa política baseada na crescente diferenciação da oferta: o mercado desejava satisfazer, e, ao mesmo tempo criar, novos target de consumidores, não deixando atrás os mais jovens e os mais velhos. Por cada target de consumidores começaram a nascer subgrupos sempre mais específicos e detalhados, por meio dos quais os diferentes estilos de consumos se multiplicaram sempre mais. No processo de instauração deste novo mundo neo-liberal, o termo “massa”, anteriormente indispensável para a sua afirmação, foi rejeitado e definitivamente bandido, e com ele, qualquer referencia às políticas sociais, excluídas do jogo bastante cedo e actualmente

⁵⁴ Os dados são gerais. Para um tratamento mais específico do fenómeno devia-se considerar as diferenças históricas de cada país europeu. No que toca a situação italiana, pode-se dizer que o desenvolvimento industrial massificado e o consumismo de massa ocorreram, nas grandes cidades e especialmente no norte, a partir dos anos 50; em Portugal a economia capitalista de tipo neoliberal, baseada na livre concorrência a nível internacional, entrou em vigor só a partir dos meados dos anos 80, consequentemente as mudanças estruturais ocorridas depois da queda do regime em 1974.

incapazes de reafirmar a própria autoridade para o regulamentar. Ainda maias, as políticas de mercado já tinham afirmado a própria autonomia face às barreiras nacionais (tanto físicas quanto fiscais e normativas), percebidas como obstáculos aos tráficos das mercadorias, e começaram a funcionar através de regras próprias, auto-referenciais, tendo como resultado tornarem-se cada vez mais agressivas, competitivas e suportadas por aparatos fiscais e administrativo de tipo tecnológico notavelmente obscuros. A nova economia de mercado constitui a moeda que faz funcionar o mundo inteiro, apesar do seu papel ter ofuscado amplamente, e amplamente manipulado, a política, a ética e as normas que regulamentavam a vida dos trabalhadores: como nos lembra Charles Stafford, “if economic science seems a powerful way of explaining more or less everything in our world today it is precisely because the world it explains is something it helped to create”⁵⁵.

Este rápido e sumário esquema em que resumimos as grandes mudanças ocorridas à economia do capital pode ser lido, a nível empírico, através de um simples exemplo ilustrativo da diferença retórica, e mesmo estrutural, que estas mesmas mudanças têm vindo a assumir. Um slogan como “Comprar é o vosso futuro assegurado”⁵⁶, típico duma primeira fase ainda inicial do capitalismo, da qual dependia a sua afirmação e o seu sucesso, resulta, hoje em dia, completamente inadequado ao ouvido e ao bolso contemporâneo, treinados através de standards paradoxalmente individualistas⁵⁷ que caracterizam e regulamentam os consumos actuais. A *réclame* dos anos 2000 duma conhecida marca de produtos de beleza exprime perfeitamente esta mudança, recitando: “*Porque eu mereço*”⁵⁸. A diferença é substancial: quantidade e qualidade

⁵⁵ Stafford, Charles <<Living with the Economists>>, *Anthropology of this Century, Issue 1*, (Maio de 2011), <http://aotepress.com/articles/living-with-economists/>, consultado em 2 de Julho de 2011.

⁵⁶ Baudrillard, Jean (2009) *Il sistema degli oggetti*, Milano, Bompiani, pp. 204. Ed. or. (1968) *Le système des objets*, Paris, Éditions Gallimard. Itálico nosso.

⁵⁷ O paradoxo está na afirmação de um individualismo obtido através da permanência do objectivo produtivo: a massa.

⁵⁸ Nota-se como o slogan tem evoluído em muito poucos anos: o sucesso obtido com o slogan “Because I’m worth it” foi substituído, alguns anos mais tarde, com o “Because you’re worth it”, e no final de 2009 mudou ainda uma vez para o “Because we’re worth it”. Todas as mudanças ocorridas à mensagem publicitária derivam de estudos motivacionais e de psicologia do consumo. Uns dos mais citados colaboradores da grande multinacional francesa L’Oreal é Maxim Y. Titorenko, actual Director do *Centre for Consumer Motivations Research and Marketing Communications*, uma organização internacional com sede em Moscovo e São Petersburgo. O Dr. Titorenko é antropólogo e experto em psicologia e motivações do consumo, o que deveria fazer-nos reflectir. No site do Centro são apresentados uma serie de *case study*, entre os quais o seguinte exemplo: “What De-motivates People to Buy Cosmetics of Brand X? Psychological. Research Study of the Advertising Problems of Brand X”. Na apresentação do caso lê-se: “Celebrity endorsement and a captive slogan had been the key marketing tools to promote and sell the company’s branded products. (...) It was discovered that the slogan made consumers subconsciously feel unequal with the celebrities”. Eis a solução proposta para o caso da marca X, que sem dúvida nenhuma se refere ao caso da L’Oreal que temos tratado: “The brand had built its image and invested a lot in the slogan and celebrity scenario, the two had become very recognizable and had to be kept. Taking this into consideration, but following

são expressas de formas complementares e invertidas, enquanto que o convite a comprar e o tom de segurança não são precisos, porque já implícitos e activos nas motivações que a última mensagem publicitária veicula.

Para avaliarmos como e porquê as consequências da escolha dos termos “quantidade” e “qualidade” são tão importantes, apelamos mais uma vez aos ensinamentos de António Gramsci, citando alguns passos em que explica os diferentes efeitos práticos das duas palavras. No mundo da produção, quantidade e qualidade, afirma o autor sardo, correspondem respectivamente a “<<bom mercado>>” e “<<alto preço>>”, isto é, “satisfação ou não das necessidades elementares das classes populares e tendência a elevar ou deprimir o seu teor de vida” (A. Gramsci, 2007: 2158). Quantidade significa, portanto, “bom mercado”, que deverá corresponder tanto à natureza da oferta, quanto à natureza dos consumos, enquanto fenómenos essencialmente complementares e dependentes (não se pode ter bom mercado a mau preço). Transportando as teorias político-económicas dum intelectual de esquerda no seio da vida prática e contingente, vemos como estas coincidem com uma explicação muito mais terrena da gestão dos recursos de que os indivíduos e as famílias dispõem: as boas regras a nível nacional coincidem, em escala reduzida, às que são as boas regras vigentes nas casas bem administradas dos cidadãos. Com o inesperado auxílio do livrinho “*Economia domestica*”⁵⁹, vemos como para garantir as necessidades básicas dos indivíduos e das famílias não é preciso comprar muito e barato, privilegiando univocamente a quantidade, nem pouco e caro, escolhendo o princípio de qualidade: a virtude do comprar bem e sustentar todos os membros duma família consiste “em que os preços sejam reduzidos em relação à qualidade e utilidade dos géneros” (M. M. Calvet de Magalhães, 1946: 8). Resulta claro como qualidade e

our motivational discoveries the recommendation was to transform the slogan and, thus, equate celebrities and costumers as if both belonged to the same community. (...) - many people did not even rationally see the change in the slogan.” Fonte: <http://www.ccmrnc.com/practice/cases/>, consultado em 5 de Setembro de 2011.

⁵⁹ Deste manual recusam-se completamente os conteúdos ideológicos, tanto fascistas quanto machistas, que discutimos no capítulo precedente. Reconhecemos todavia a utilidade prática de muitos dos seus ensinamentos, que mereceriam uma atenta análise; seria, de facto, interessante, actuar uma comparação entre este livrinho e as publicações hodiernas, para vermos no concreto quanto e como a estruturação da nossa experiência do mundo (da “casa”, do “trabalho”, da “vida familiar e social”) se tenha vindo a mudar de forma a dizer pouco incomensurável. A obra *Economia doméstica*, publicada pelo FMI em 1946, contém muitas simples indicações sobre a manutenção e o cuidado da casa, da roupa, dos poucos objectos que constituíam o lar, indicações que parecem hoje em dia tanto banais quanto revolucionárias se lidas através dos olhos das novas gerações, educadas na ideologia do supérfluo e que não sabem tratar de tantas pequenas coisas essenciais. Objectivo do livro, no fundo, ideologia excluindo, é demonstrar como as necessidades básicas dos homens podem ser cumpridas de forma racional e com poucos recursos. O autor sabe muito bem que a maior parte das suas leitoras são jovens das classes mais baixas, e por isto muitas vezes avança soluções “criativas” para fazer frente às exigências que os poucos meios disponíveis podem não chegar a satisfazer: camas improvisadas com caixotes, troncos ou cilhas; canil feito com barril; cama de criança criada com dois cadeiras e uma almofada; garrafas que se tornam quebra-luz; jogos para crianças improvisados com materiais de descarto; etc.

quantidade são termos complementares que não se opõem um ao outro, ao contrário, equilibram-se, constituindo, juntos a utilidade - elemento já há muito esquecido -, a tríade ideal para a realização do bem estar geral.

A utilidade é, sem dúvida, o elemento mais problemático entre os três. O que é útil hoje em dia? Curiosos seriam os resultados duma hipotética sondagem realizadas entre diferentes gerações, para verificar que muitas coisas que formam o nosso mundo quotidiano resultam de uma utilidade imposta, ou seja, são úteis sem serem essenciais. Baudrillard reflecte sobre esta ambiguidade, e afirma: “O que não serve para nada, pode sempre servir *para nós*” (J. Baudrillard, 2009: 147).

É claro como os nossos hábitos estão moldados segundo os padrões individualistas do mercado de massa que se têm vindo a difundir através da ideia de qualidade, e todavia a actual conjuntura mundial, e a instável situação de Europa e Estados Unidos em particular, faz com que a ideia de quantidade esteja agora de volta, depois de várias décadas de exílio político forçado: a crise dos últimos tempos tem-na reintroduzido, tanto tempestiva quanto timidamente. O termo, de facto, voltou sem por isto ter autonomia própria: a este junta-se quase por obrigação o termo qualidade, agora irrenunciável para as orelhas viciadas que a essa se acostumaram. O novo binómio quantidade - qualidade que ouvimos nas novas publicidades parece garantir-nos o suficiente para todos, e todavia sabemos que na prática não é bem assim, e que isto é o resultado de um plano de emergência contingente e momentâneo. Só quando for a lógica do sistema económico, e não os recursos intempestivos cheios de mentirosa e corrupta piedade, a basear-se neste conjunto inseparável de conceitos, só então, estaremos assentes num bom mercado e num bom sistema.

O problema da não realização desse princípio elementar, é que ao longo dos anos que nos separam de Gramsci, muitas das desigualdades que já reinavam nessa altura não mudaram, e, muitas outras, entretanto, pioraram. À precariedade, à miséria dos camponeses, ao parasitismo dos proprietários fundiários e à fraudulenta administração do Estado que Gramsci considerava serem as chagas do seu tempo, vieram juntar-se: a submissão do Estado aos bancos e de ambos à economia financeira assente nos interesses dos grandes grupos privados; a saída do Estado dos planos sociais desenvolvidos desde o pós guerra e obtidos com as lutas culminadas no 68; a completa desregulamentação do mercado e das perspectivas laborais, a submissão do trabalho às lógicas de ganhos produtivos unilaterais; a falta de poder e de honestidade

de muitos sindicatos; a fluidificação dos contratos laborais que na realidade tem vindo incrementar a estagnação e a imobilidade social, etc..

Em três palavras, tudo isto pode ser resumido no princípio que David Harvey chama “accumulation by dispossession”⁶⁰ em que o capitalismo hodierno assenta, princípio directamente responsável da “polarização da riqueza”, que faz com que “the amassing of huge fortunes at the upper end of the class structure,” sejam compensadas por “the increasing impoverishment of many people and countries at the lower end” (S. Ortner, 2011). O resultado é a crescente produção de um sentimento que Sherry Ortner chama “a sense of abjection” e que define por meio da interpretação que o antropólogo James Ferguson tem dado ao fenómeno num seu texto de 2002. Escreve Sherry Ortner: “James Ferguson (...) moves beyond that to try to understand the larger sense of profound loss people are experiencing. He argues that, within the earlier discourse of <<modernization>>, people saw themselves and their nations as moving toward some kind of <<modern>> future, including a sense of joining a <<world society>> and connecting up with what Ferguson calls <<the grid of modernity>>. Now however they feel themselves disconnected from the grid, both literally and metaphorically, and with a sense of abjection or <<humiliating expulsion>> from the global modern community”⁶¹.

O princípio de qualidade do primeiro capitalismo, simbolizado pelos sistemas de Ford e Keynes, era todavia refreado pelo efeito de compensação que o pacto social era chamado a garantir, visando proteger tanto os empresários quanto os trabalhadores, através do estabelecimento de limites e regras que ambos deviam cumprir. Se idealmente as coisas eram assim, de facto, o pacto social não teve os efeitos esperados, dada a vida breve e tumultuosa que a caracterizou. Afastado o árbitro do jogo, inimigo mais do que o adversário, o último neo-liberalismo assentou novamente os seus pilares sobre o princípio de qualidade, baseada na privatização e mercadorização dos bens públicos, na especulação financeira e volátil dos recursos económicos, no incentivo, gestão e manipulação das situações de crise e de desastres e na falsa redistribuição estatal das riquezas, dirigidas de forma unidireccional às classes altas e já bem consolidadas da população (S. Ortner, 2011). Os pressupostos

60 Ortner, Sherry <<On Neoliberalism>>, *Anthropology of this Century, Issue 1*, (Maio de 2011), <http://aotcpres.com/articles/living-with-economists/>, consultado em 2 de Julho de 2011. A obra citada é: Harvey, David (2005) *A brief history of Neo-Liberalism*, Oxford, Oxford University Press, pp. 159-164.

61 Ortner, Sherry, obra cit. A obra citada é: Ferguson, James (2002) “Global Disconnect: Abjection and the Aftermath of Modernism”. In J.X. Inda and R. Rosaldo, eds., *The Anthropology of Globalization*, pp. 136-153. Malden, MA: Blackwell Publishing.

desta involução, estavam já esclarecidos na humorística (enfim dramática no sentido pirandelliano) e lúcida afirmação de Jean Baudrillard quando afirma: “hoje está a nascer uma nova moral” (J. Baudrillard, 2009: 204). Explica o autor: “precessão do consumo sobre a acumulação, fuga em frente, investimento forçado, consumo acelerado, inflação crónica (fazer economia torna-se um absurdo): o resultado é um sistema em que se compra antes, para recomprar depois graças ao trabalho. Com o sistema de crédito volta-se a uma situação propriamente feudal, isto é, a um sistema em que uma fracção do próprio trabalho é antecipadamente devida ao senhor” (Ibidem). À diferença do sistema feudal, todavia, a economia actual funda-se sobre uma cumplicidade: o consumidor moderno integra e assume espontaneamente esta obrigação sem fim, isto é, “compra para que a sociedade possa continuar a produzir, para que possa continuar a trabalhar para poder pagar o que tem comprado” (Ibidem: 205). Novamente inseridos em pólos opostos e incomunicantes feitos de senhores e plebes, castas que gozam do trabalho que delegam a outros, materializou-se a advertência antiga de António Gramsci, quando escrevia que “a política da qualidade determina quase sempre o seu oposto: uma quantidade desqualificada” (A. Gramsci, 2007: 2159).

O sistema global saudado com pessimismo misturado com esperança nos anos da sua primeira afirmação parece, hoje em dia, não deixar muito espaço a leituras serenas para o futuro. Enfim, o pessimismo parece ter vencido as esperanças e ter-se tornando em raiva, como os últimos acontecimento do verão de 2011 bem demonstram⁶². Voltando ao título deste parágrafo, *Qualidade e / ou Quantidade...*, concluímos que a escolha duma simples conjunção podia ter parecido uma tediosa questão banal, que só os literatos e os pedantes podiam perder tempo em resolver. Este trabalho, ao contrário, assenta na tese de que não existem coisas banais, e que uma pequena partícula gramatical (tanto quanto uma comum escova) é uma componente determinante dos nossos dias e das nossas escolhas pelo futuro, enquanto ferramenta cujo sentido reside muito além das suas meras concretizações. No significado

62 Londres, e à sua maneira Madrid, foram os sítios onde as televisões internacionais têm concentrado as maiores atenções, sedes de protestos mais ou menos violentos, signos duma rebeldia geral contra as irresponsabilidades da gestão económica, política, laboral e social dos Estados. Aos dois, todavia, deviam-se acrescentar os milhares de protestos surgidos em muitas localidades de nomes poucos familiares - porque nunca interpelados pelos mass media -, em que pequenos comerciantes, moradores e agricultores entre outros tentaram pequenas e todavia significativas mobilizações a fim de defender os seus direitos contra as muitas imposições desfavoráveis com que têm de lidar.

disjuntivo ou coordenativo dos pequenos elementos que estruturam a nossa linguagem podemos ver as consequências separadoras ou aglutinantes da suas utilizações.

6.2. O desembaraçar dum embaraço. A produção da vergonha e do risco.

“A grocer who dreams is offensive to the buyer, because such a grocer is not wholly a grocer. Society demands that he limits himself to his function as a grocer, just as the soldier at attention makes himself into a soldier-thing with a direct regard which does not see at all, which is no longer meant to see, since it is the rule and not the interest of the moment which determines the point he must fix his eyes on (the sight <<fixed at ten paces>>). There are indeed many precautions to imprison a man in what he is, as if we lived in perpetual fear that he might escape from it, that he might break away and suddenly elude his condition”. (Jean Paul Sartre, *Being and Nothingness*, 1957)

O nosso sistema produtivo e económico, tanto de “quantidade” quanto de “qualidade” (ver sub-capítulo precedente), tem vindo a instaurar a nova era do consumo. Com a era do consumo, o homem pós-moderno, tem entrado na era do lixo, uma recente e complexa invenção produzida pela contínua acumulação - e o relativo contínuo desfazer - do supérfluo. Este, é o resultado produzido pelas derivas do excesso que regulamentam a economia dos países desenvolvidos através de mecanismos perversivos que parecem imparáveis: “se durante os séculos passados eram as gerações humanas que se sucederam num ambiente estático de objectos que lhes sobreviveram, hoje são as gerações de objectos que se sucedem a um ritmo acelerado no âmbito duma mesma existência individual. (...) A tendência actual todavia não é a de resolver esta *incoerência* mas de responder à sucessão das necessidades com novos objectos. (...) O *inessencial* não é abandonado à causalidade da pergunta (...) mas é sempre reintegrado e sistematizado pela produção que assegura a própria finalidade graças a isso” (J. Baudrillard, 2009:11. Itálicos nossos).

O advento da massificação do supérfluo como estado perene de realidade, ao longo do último quarto de século, tem vindo a afirmar o lixo como elemento característico das nossas sociedades. Através da história do seu tratamento torna-se possível abordar em profundidade diferentes aspectos escondidos, ou melhor, não explicitados, da nossa sociedade sobre o que se baseiam as normais actividades dos nossos dias, aspectos aparentemente *banais* quanto igualmente *significantes*, manifestações idiossincráticas e contingentes que expressam um sistema de relações sociais mais

amplo e complexo. De facto, a história do lixo é a história das pessoas que o produzem e das sociedades que geram as condições tanto da sua criação quanto da sua eliminação, dois aspectos pequenos, inexplorados, que relevam a sua mentirosa banalidade somente em caso de eventos inesperados (escândalos administrativos, mau funcionamento do sistema de recolha, etc. como no clamoroso caso da cidade de Nápoles), mas que normalmente são vividos com espontaneidade e naturalidade através de mecanismos aprendidos, bastante automatizados, que constituem uma pequena parte, constante, inevitável, no interior dum mais amplo conjunto de actividades quotidianas. Através da iluminação destes automatismos e a explicação do seu funcionamento, torna-se possível clarificar as engrenagens do sistema em que vivemos, olhado através duma perspectiva holística, integrada, e, ao mesmo tempo, abre-se a possibilidade de reflectir, talvez de revelar, alguns pontos-chave característicos que o estruturam e o definem.

Como escreve Lawrence Wright, no seu livro *Limpo e decente*: “parece haver muito mais que aprender sobre as casas de banho dos povos do passado do que sobre as suas batalhas” (L. Wright, 1970: 10). A afirmação, embora não ortodoxa no seio da academia, não significa outra coisa do que o não esquecer da importância dos aspectos quotidianos: até quando considerados ridículos, simples, inúteis, sem importância, os elementos informais e comuns da “pequena história”⁶³ podem revelar significados e nós chave duma história humana concreta e real que raramente deixa traços nas páginas dos historiadores oficiais, mas cuja importância se esconde na ausência do seu testemunho. Esta história quotidiana, para a qual as revistas de costumes e os arquivos municipais constituem fontes privilegiadas, tem vindo a afirmar a sua importância no seio das ciências sociais pelo facto de poder enriquecer o conhecimento das sociedades enquanto, se for bem desenvolvida, ou seja se articulada como uma “história-problema” e não como uma “história puramente descritiva” (J. Le Goff, 1989: 94), tem o privilégio de encarar a temática das constantes e escondidas lutas sociais respeitando a perspectiva de quem todos os dias afronta a luta, a incorpora nos seus corpos e nas narrativas - nunca ouvidas - com que a lembra e a transmite num registo que não deixa marca. “The afflicted are not listened to” declara firmemente Simone Weil. “They are like someone whose tongue has been cut out and who occasionally forgets the fact. When they move their lips no ear perceives any

⁶³ Le Goff, Jacques (1989) “A história do quotidiano”. Ariès, Duby, Le Goff (eds.) *História e Nova história*, Lisboa, Teorema, pp. 87.

sound. And they themselves soon sink into impotence in the use of language, because of the certainty of not being heard. That is why there is no hope for the vagrant as he stands before the magistrate. Even if, through his stammering, he should utter a cry to pierce the soul, neither the magistrate nor the public will hear it. His cry is mute”⁶⁴. Embora destas lutas não haja testemunhos oficiais, Jacques Le Goff não tem dúvida e convida-nos para que se afrente este desafio, na certeza que é através das batalhas dos exércitos não profissionais que a “grande história” é dirigida.

Como o asilo, a prisão e o hospital de Michel Foucault⁶⁵, ou as medidas de superfície e de quantidade de Witold Kula⁶⁶ têm sido lugares privilegiados através dos quais compreender, em simultâneo, a grande e a pequena história, similarmente, o nosso intento é de considerar o lixo como charneira de conjugação das duas, olhando-o, ao mesmo tempo, como instrumento metodológico de investigação, através do qual abordar o ciclo da vida produtiva da sociedade, e como sitio último onde tudo acaba, e muitas vezes recomeça, em versão reciclada, assim desafiando e corrompendo o ponto limite onde aprendemos a ver o fim das coisas. Como Lázaro, a matéria que chamamos lixo pode ressuscitar, pode ser reaproveitada, mas tudo isto, na época contemporânea, assume uma forma nova e renovada respeito ao passado, encontrando-se imposta do alto das normas ecológicas - tanto locais quanto mundiais - às quais somos chamados a nos conformar, mas que até duas gerações atrás eram partilhadas e espontaneamente postas em acção sob a doutrina do bom sentido comum de não desperdiçar. Tudo era reaproveitado *in loco*. Hoje em dia temos que entregar a instituições criadas para o efeito tudo o que nos sobra. Uma parte do valor económico dos materiais dos quais nos livramos vem a ser doado gratuitamente para que outros possam beneficiar do seu poder residual, o que faz com que um novo ciclo produtivo venha a ser gerado, um ciclo de segundo grau se assim o podemos chamar, que serve para espremer, puxar ainda mais a capacidade das coisas de gerar outras coisas. Se por um lado este mecanismo de delegação e de entrega tem a ver com a complexidade dos materiais de última geração que não podem ser reaproveitados pelos utilizadores directos, por outro, habitua a não prolongar mais a vida das coisas, com o efeito de acostumar a um consumo reduzido, de primeiro grau, dos materiais.

⁶⁴ Weil, Simone (1977) “Human personality”, in George A. Panichas (eds.) *The Simone Weil reader*. New York: Davis McKay; citado em Les Back (2004) “Inscriptions of love”. Thomas, Helen and Ahmed Jamilah (eds.) *Cultural bodies. Ethnography and theory*, Oxford, Blackwell Publishing, pp. 33.

⁶⁵ Veja-se Michel Foucault, 1963 e 1975.

⁶⁶ Veja-se a obra do historiador polaco Witold Kula traduzida em castelhano em 1970, *Las medidas y los hombres*, Madrid, Madrid : Siglo XXI.

A inventiva que caracterizava a sociedade agro-pastoral, pobre de meios e de recursos, constituía a condição para que o lixo, praticamente, não existisse. Nos últimos 50 anos, essa mesma inventiva substituiu-se por um “pronto a consumir” sem criatividade e que não deixa imaginar em que ou como as coisas se poderiam tornar. Como vimos no capítulo dedicado à limpeza doméstica, apesar da existência do objecto “cabo”, a escova tipo viola nunca foi melhorada porque nunca se pensou inserir um cabo adicional que permitisse um desperdício menor de fadiga (a lógica do reaproveitamento que aplicamos às energias humanas é a mesma que aplicamos aos materiais). Isto leva muito a pensar: o facto de encontrarmos as coisas numa determinada forma *não* implica, em automático, o acto imaginativo de as poder mudar. Sem poder afrontar aqui a tão importante quanto difícil questão, seria interessante aventurar-nos numa pesquisa acerca da criatividade e dos seus mecanismos de funcionamento: o que é a criatividade e como se manifesta? Como acontece? A que condições obedece, etc.? Contrariamente à temática apenas sugerida, para que não temos espaço, retomamos o nosso terreno de reflexão de partida, e concluímos que não obstante a sua abundância, que parece mas não é sinónimo de liberdade de criação, os objectos que nos rodeiam, em vez de ser produtos espontâneos da fantasia dos indivíduos, tendem a reproduzir a ordem social na qual e a partir da qual tomam vida.

Pelas conclusões a que chegamos sobre o poder dos objectos, parece importante interrogar o lixo como lugar de fronteira ecológica e ideológica com que estabelecemos a barreira entre visível e aceite por um lado, e o inaceitável e o escondido por outro, sabendo que tanto o aceite quanto o inaceitável são categorias arbitrárias e temporárias por sua vez influenciadas pelas políticas de poder que regulamentam as sociedades: eis afirmada a importância do lixo tanto em sentido hermenêutico quanto antropológico e social. Por um lado as imundícies podem ser entendidas como medida de riqueza dos Estados, já que “já não se mede a riqueza de uma nação pelo que ela possui, mas sim pela quantidade de desperdícios que deita fora”⁶⁷, e, por outro, se as olhamos numa escala diferente, tanto contingente quanto simbólica, podemos ver que, com muita ironia e desconforto para alguém, de facto, o lixo representa o sítio último onde os degraus sociais se encontram destruídos,

⁶⁷ Maçarico, Luís Filipe (1991) *Lisboa: lixo e desperdício. Resíduos sólidos de Lisboa, um valor pouco aproveitado*, trabalho para a cadeira de Antropologia do Económico, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp, 18.

afirmando uma paridade elementar entre os homens, que muito faz reflectir sobre o valor das coisas que normalmente os distinguem. Nos montes de imundícies não há diferença nenhuma entre uma casca de banana do mais rico e uma do mais pobre; igualmente, o tecido de seda da camisa do banqueiro muito assemelha ao algodão do pano com que a criada limpava o pequeno vidro do seu único espelho. Tudo isto significa que se consideramos juntamente com os objectos as práticas com eles relacionados, será de grande utilidade interpretar tanto as “casas de banho” quanto as “batalhas” de Wright (isto é a grande história oficial das câmaras municipais e das organizações que tratam da reciclagem e a pequena história dos produtores de lixo e dos trabalhadores do lixo) à luz dos pressupostos básicos da etnografia, pelos quais, “em vez de supor que os bens sejam necessários essencialmente para o sustento e a exibição competitiva, consideramos a hipótese de que sejam necessários a fim de tornarem visíveis e estáveis as categorias da cultura”⁶⁸. É no respeito por estas recomendações que neste parágrafo considerar-se-ão alguns aspectos tanto *émicos* quanto *éticos* relativos à limpeza pública das ruas da capital portuguesa, com o objectivo de reflectir sobre a questão, tanto social quanto política, de explicar o que é o lixo e que efeitos produz no seio das relações sociais. Aproximamo-nos do mundo da manutenção pública numa óptica de reflexão pré-liminar com que se pretende preparar o terreno da futura pesquisa temática sobre o lixo e o mundo laboral com este relacionado.

Um supérfluo essencial

Em todas as actividades humanas está implícita a utilização, a transformação e a adaptação de materiais, processos com que se combinam diferentes interpretações morais relativas às substâncias e às técnicas por estas implicadas: de facto, tanto às primeiras quanto às segundas, são atribuídas determinadas categorias sociais. Para os fins duma pesquisa sobre o lixo no interior do nosso sistema cultural, será importante abordar as matérias descartáveis através de uma lente tanto prática quanto política e moral, contra a aparente e superficial leitura que atribui a boa parte do nosso sistema um valor racional, tecnológico ou científico. A semântica da descartagem, como veremos, configura-se muito antes da sua manifestação fenomenológica através de

⁶⁸ Douglas, Mary e Isherwood, Baron (1984) *Il mondo delle cose. Oggetti, valori, consumo*, Bologna, Il Mulino, pp. 66. Ed. or. (1979) *The world of goods*, New York, Basic Books.

carrinhos de rodas de madeira que dois séculos atrás transportavam as imundícies para o rio ou de contentores herméticos semi-automáticos dos modernos camiões.

Numa lista de elementos dissemelhantes como pode ser a que segue, em que se mencionam: a adopção ou a mudança de velhos e novos tabus do corpo e das suas funções, de novas regras higiénicas, sanitárias, estéticas e alimentares, o avanço de conhecimentos médicos, de engenharia e arquitectónicos, o desenvolvimento das cidades e a organização das zonas rurais, o desenvolvimento do sistema comercial e mercantil, dos estilos de vida, das tecnologias, das ambições públicas dos municípios, dos cidadãos e dos desejos privados dos indivíduos, as repercussões decorrentes das reformas das competências administrativas, da gestão centralizada dos recursos das comunidades, a afirmação de novos estilos familiares, a regulamentação laboral, etc., destaca-se, em formas mais ou menos directas ou indirectas, a presença dum fenómeno inevitável: a criação de material residual, detritos, imundícies, excessos, coisas que sobram e que já nem sempre se sabe como tratar. Muitas vezes, lembramos, os materiais de última geração parecem não obedecer mais às velhas regras de separação entre lixo orgânico e inorgânico, já totalmente inadequadas para os enquadrar. O lixo inorgânico, em particular, deu vida a uma série de novas categorias e subcategorias com que ligamos todos os dias, por meio de tabelas com cores e instruções para a utilização dos caixotes que revolucionaram o aspecto das nossas casas e das nossas cidades. Todavia, o lixo, nas suas múltiplas variantes e características, é um elemento compósito que desafia as nossas categorias mentais.

As imundícies são o que não sabemos como chamar, depois de terem sido objectos, lembranças, coisas específicas. Definível por meio duma palavra incapaz de o representar nas suas componentes constitutivas, o lixo, desprovido de uma melhor definição, provoca desconforto, desconfiança, afasta, até assusta, e não obstante isto não se sabe como o chamar, não se sabe o que é, e, como vimos, não se sabe até que ponto o lixo é lixo. Nesta mesma incompetência, todavia, assenta-se o que Franco La Cecla define como “o novo quinto elemento”, a par da água, do ar, do fogo e da terra, mas que, contrariamente a estes, tem um carácter embaraçante, omnipresente, arrogante, enquanto tem vindo a impor sua presença óbvia, volumosa e desconfortável (F. La Cecla, 1998: 97). Dantes “os objectos, os recursos, eram usados, transformados pelas mãos, pelos pés, pelos pensamentos de homens e mulheres, mas não se pensava que uma vez deitados no caixote do lixo ou nas lixeiras esses mudassem o seu estatuto, se tornassem párias, intocáveis para se esquecer. (...) O lixo, seria o remorso,

a sombra da nossa vida lúcida e colorida, seriam o necessário pecado que é preciso cumprir para que a máquina prossiga. (...) O lixo como mal necessário é tão presente que constitui montes, colinas, planaltos, lixeiras e montões. Esses são o remorso da cidade, o incôscio <<vergonhoso>>, as vergonhas, o perturbante demasiadamente familiar (exactamente no sentido do *unheimlich* freudiano) da vida civil. Por esta razão estes tornaram-se lugares do não tocado, não dito” (F. La Cecla, 1998: 98).

Ao destino destes montes vergonhosos, feitos de objectos abandonados, removidos, marginalizados, associa-se o destino igualmente vergonhoso de muitas pessoas que com eles ganham a sua vida, e, em muitos casos, sustentam e afirmam, através dele, as suas próprias existências. Sem aqui poder aprofundar o argumento, refere-se brevemente o embaraçante espectáculo (que aos olhos ocidentais provoca “nojo” antes do que embaraço) a que se assiste em muitos países do terceiro mundo, onde nos topos e nos vales destas montanhas mal cheirosas e insalubres se encontram milhares de pessoas que daí trazem a sua alimentação e o seu sustento quotidiano, multidões que enchem todos os dias os espectrais corredores dos fétidos centros comerciais destinados aos mais pobres dos pobres: as lixeiras. As pessoas que daí se nutrem, com o seu acto de comer o que nós considerámos imundície, deixam-nos soqueados e interditos perante uma compreensão invertida do mundo em que o *nosso* nojo inessencial, que considerávamos morto, se torna vivo, se torna vida, se torna a base das *suas* vidas, vidas nuas e despidas, e apesar de tudo não renunciadas e irrenunciáveis, tão fortes quanto oprimidas na sua própria fragilidade e invisibilidade, e, não obstante isto, poderosamente capazes de destruir as ordens mentais com que pensamos o mundo; pessoas, seres que não podemos olhar no momento em que redimem o supérfluo e o tornam essencial.

Uma ponte conceptual

Outras pessoas, no Primeiro Mundo da Abundância e do Bem Estar, mais nossas vizinhas do que os Outros mais distantes de quem falamos há pouco, trabalham todos os dias com os materiais terríveis que descartamos, que recusamos, e que a eles entregamos para que deles nos afastem, e que aqui começamos a conhecer melhor: os cantoneiros de limpeza, mais comumente conhecidos como “homens do lixo”, “almeidas”, “homens negros”, enfim, os encarregados da limpeza pública das nossas cidades. Seres estranhos estes, pessoas visíveis, como cada um de nós, e igualmente

não vistas, não notadas, vizinhas e ao mesmo tempo tanto distantes, porque distância é a palavra de ordem com que o lixo é encarado e com que acabam por ser identificados, com que partilham um destino muitas vezes mal entendido, no sentido de mal visto e mal compreendido que o torna embaraçante. “O desembaraço, que é a atitude ocidental nos confrontos da imundície, é uma remoção. Como se a única operação possível, em perfeita chave analítica, seja a do deslocamento para outro lugar, um algures que se queria esquecer” (Ibidem: 98). Como será fácil intuir, contrariamente aos objectos que se deitam fora, as pessoas que deles tratam, permanecem, desafiando o processo de deslocação com que os primeiros são regulamentados.

Se, como vimos, “a qualidade deveria ser atribuída aos homens e não as coisas” (A. Gramsci, 2007: 2159), todavia sabemos que, de facto, “o hábito faz o monge”, e que a qualidade das coisas torna-se sintomática da qualidade dos homens. Embora saibamos que “as aparências enganam”, estas, constituem a fonte primária com que entendemos e interpretamos os eventos à nossa volta. O que Ervin Goffman chama “personal front”, é o que corresponde às características relativamente invariáveis ou pouco variáveis de um indivíduo, isto é, as suas características físicas, étnicas, as suas maneiras de falar, de se pôr, mas também a sua farda de trabalho ou a roupa que veste, etc.. Este “front” constitui uma parte importante da leitura social que se pode fazer duma pessoa, pelo simples facto de a ver, o que confirma o primado visão-cêntrico do nosso sistema social⁶⁹. Acompanhado ao *personal front*, normalmente encontramos o “setting”, ou seja, a parte cénica que caracteriza o equipamento expressivo dum actor social (o contexto, o ambiente, os instrumentos de trabalho, a situação em que o actor social se encontra). Através da leitura do *setting* e do *personal front*, o público (que na linguagem dramatúrgica de Goffman corresponde aos actores sociais que olham para o actor ou os actores principais), deduz uma imagem do indivíduo que se completa com as informações que este expressa, mais ou menos voluntariamente, através da aparência (“appearance”) e das maneiras (“manners”), isto é tanto do seu status social - ou do seu status social temporário - , quanto dos seus comportamentos e das suas atitudes gerais.

O erro principal em que as leituras sociais dum indivíduo incorrem, deriva principalmente do hábito de se esperar uma correspondência certa entre o seu tal

⁶⁹ Goffman, Ervin (1959) *The presentation of Self in everydaylife*, London, Penguin Books, pp. 34.

personal front, a sua aparências e as suas maneiras (E. Goffman, 1959: 35). A facilidade com que atribuímos as etiquetas sociais, para o autor, é sinal da tendência com que os papéis sociais tendem a corresponderem às expectativas institucionalizados: eis, o “front” acaba por se tornar uma representação colectiva e um *facto* em si mesmo. Em termos práticos, qualquer pessoa olhada no desempenho dum determinado papel social, assume automaticamente as características específicas que deste são próprias e que lhe foram aditadas há tempos. Ainda mais, como Goffman sustenta “the socialization process not only transfigures, it fixes” (Ibidem: 64), ou seja, se um actor social tenta mudar o “front” que tem vindo a assumir “he is likely to find that there are already several well-established fronts among which he must choose. Thus, when a task is given a new front we seldom find that the front it is given is itself new. (...) Fronts tend to be selected, not created” (E. Goffman, 1959: 37).

Como os Bárbaros eram desprezados por meio do apelativo rude com que os Romanos os apelavam, embora a sua única culpa fosse não pertencerem ao povo deles, igualmente, a leitura da diferença até no interior da mesma população, passa muitas vezes por interpretações que denigram. É assim que aos olhos das elites sociais “os elementos dos grupos subalternos têm sempre algo de barbárico e de patológico”⁷⁰ Dadas as premissas, não surpreende o hábito das classes mais elevadas de imputarem aos representantes das mais baixas uma ideia de inferioridade, de falta de cultura, de meios civis e, não raramente, de mau aspecto e de más maneiras⁷¹. Normalmente, estas crenças, constituem as circunstâncias ideais para que os imputados de tantas culpas, venham a ser definidos como miseráveis (“piedosos”, “coitadinhos” ou “canalhas malandros”, como veremos, não mudam de substância), ou até, na pior das possibilidades, como inimigos contra os quais lutar. Observa-se que ao ordenamento social por classes corresponde uma pirâmide ocupada, no seu topo, por poucas pessoas identificadas com atributos de prestígio, responsabilidade e de poder, e, no fundo, uma multidão de pessoas anónimas, falsamente identificados com homens e mulheres sem grandes responsabilidades nem grande poder. É a pirâmide da nossa sociedade actual, moldada no desenho da americana descrita por Ervin Goffman já em 1959, como “an extreme example of wealth-oriented class

⁷⁰ Gramsci, Antonio (1934) “Ai margini della storia. Storia de i gruppi sociali subalterni”, pp.2279. António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 25, pp- 2276-2294.

⁷¹ Clássico é o exemplo reportado por George Vigarello em relação aos estilos estéticos perseguidos pelas classes nobres de França durante a renascença europeia, fundados sobre uma aberta oposição às maneiras e aos aspectos pouco refinados da plebe. Veja-se Georges Vigarello (2004) *Histoire de la beauté. Le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*, Éditions du Seuil, tr. it, (2007) *Storia della bellezza*, Roma, Donzelli Editore.

structure”, na qual “the most important piece of sign-equipment associated with social class consists of the status symbols through which material wealth is expressed” (E. Goffman, 1959: 46). Interrogamos este ordenamento, o seu funcionamento, e questionamos esta imagem comum que vê na ostentação da riqueza material do símbolo e do estatuto de poder, uma imagem que na realidade esconde e minimiza o facto de “algumas das classes que nos prestam os maiores serviços sociais (...), são relegadas para os bairros periféricos das cidades e das aldeias”⁷².

Estas não são palavras citadas pelas páginas dum moderno estudo sociológico sobre as novas discriminações laborais, embora pudessem ser: foi Gandhi a escrevê-las, em 1927, referindo-se às castas dos intocáveis para os quais tentou reabilitar a dignidade e os direitos. A citação, extraída dum texto da antropóloga Rosa Maria Perez, foi aqui cortada para sugerir um paralelismo voluntariamente procurado entre intocáveis hindus e os trabalhadores da limpeza que na nossa sociedade vivem e sofrem na sua pele o peso do (pré)juízo negativo e do embaraço normalmente reservado às matérias com que trabalham e com que são confundidos; citamo-las por inteiro, restituindo-lhes a dimensão do seu contexto histórico originário: “algumas das classes que nos prestam os maiores serviços sociais, mas que nós Hindus escolhemos encarar como <<intocáveis>>, são relegadas para os bairros periféricos das cidades e das aldeias, chamados *dhedvad* no Gujarate, tendo o nome adquirido uma conotação negativa (Gandhi, 1927: 40)”.

Se à primeira vista, o procurado paralelismo entre intocáveis da Índia e cantoneiros de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa parece um exagero, sublinha-se que as nossas motivações são, de facto, de ordem estritamente conceptual. Não se pretende comparar as duas realidades, mas sim, criar uma ponte de ideias que nos ajude a interpretar criticamente as dinâmicas que regulamentam a estrutura da nossa sociedade. O propósito é utilizar alguns elementos explícitos da estrutura das castas hindus a fim de pôr em relevo diferentes mas todavia semelhantes mecanismos de funcionamento da nossa escala social. Esta, enquanto lugar onde estamos activamente envolvidos e que todos os dias contribuímos para formar, torna-se um sistema em grande parte implícito, naturalizado, isto é, não devidamente interrogado nos seus princípios mais profundos, enfim, um sistema do qual podemos e devemos clarificar muitas das características não expressas, entre as quais a limpeza parece assumir um

72 Perez, Rosa Maria (1996) “Corpos impuros. Mulheres e intocáveis na Índia”, pp. 49. Miguel Vale de Almeida, (eds.) *Corpo presente. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, Oeiras: Celta., pp. 45-53.

papel extremamente relevante. Como veremos, e como em parte já vimos no capítulo anterior, a limpeza age como um importante marcador social, privilégio e condenação por quantos a ostentam e por quantos a produzem.

Pureza e impureza

Começamos a abordar a dimensão profunda dos dois conceitos-chave da sociedade hindu: a pureza e, o seu oposto, a impureza. Contrariamente à qualquer leitura superficial, estas duas condições não se aplicam univocamente à vida ritual conexas com a religião e a espiritualidade: estas, são, no concreto, uma verdadeira medida de hierarquização social, ocupada, no extremo mais elevado, pelos brâmanes, no outro, o mais baixo, pelos intocáveis (R. Perez, 1996: 45). A impureza é sempre sinónimo de poluição, e representa um estado altamente perigoso enquanto transmissível por contágio: por esta razão deve ser prevenida e evitada, por meio das regras sociais, ou corrigida, por meio de rituais de purificação. Todavia, as impurezas, não são reversíveis para todos: os intocáveis representam o estrato mais baixo da sociedade hindu, declarados em condição de poluição permanente. Só podem ser evitados, ou eventualmente, interpelados por intermediários.

Como nos explica Rosa Maria Perez, embora a impureza tenha diferentes qualidades para os diferentes grupos sociais, tem origem no elemento físico universal e inevitável do ser humano, ou seja, no seu corpo. Impuras são consideradas todas as substâncias fluidas emitidas pelo organismo, isto é, suor, lágrimas, urina, fezes, esperma, fluidos vaginais e leite, aos que se acrescenta tudo o que do corpo se pode destacar, como pele, unhas, cabelos, pelos, cílios, etc. (Ibidem). Assim definida, a condição poluente é um estado de incorporação na qual as mulheres hindus incorrem ciclicamente, nomeadamente durante o período menstrual e do parto (ambos altamente contaminantes), facto que condena o género feminino (qualquer que seja a sua casta) a viver um estado de impureza semi-permanente, rigidamente regulamentada através de bem definidas regras e tabus na gestão da água, dos alimentos e das relações sociais, tanto exogâmicas quanto endogâmicas⁷³. Vemos bem como as mulheres não

⁷³ Esta breve análise das principais características da poluição na Índia hinduísta deixa inevitavelmente breve espaço ao aprofundamento de outros elementos fundamentais para a compreensão do sistema das castas e dos aspectos rituais do puro e do impuro. Tentamos explicar melhor algumas características rituais do mundo feminino, que embora aqui acenado, não irá ser tratado. Reportamos alguns passos do texto de Rosa Perez: “Na Índia, como noutros contextos, dois rituais de passagem, nascimento e morte, expõem maximamente os seus

intocáveis, embora não formem uma casta propriamente dita, partilham muito mais elementos de marginalização sistémica com a casta dos intocáveis do que com as suas contrapartes masculinas no interior dos seus grupos de pertença. Mulheres e intocáveis, *dhedvad*, como os chamam no Gujarate, ou melhor, os “filhos de Deus”, como os costumava chamar o Mahatma, estão sujeitos a restrições que a literatura especializada não hesita em entender como regras de segregação (R. Perez, 1996: 45), estabelecidas tanto em termos espaciais quanto temporais⁷⁴.

Se as mulheres são definidas como impuras por causa de uma instância fundamentalmente biológica que lhe é própria, quais são as razões da impureza irreversível dos membros intocáveis? Homens e mulheres da casta Vankar consideram-se impuros por razões de ordem profissional, isto é: “são poluentes (...) pela sua especialização profissional em actividades que implicam o contacto regular com materiais resultantes da morte e da desagregação humana, animal e vegetal” (Ibidem). A intocabilidade dos Vankar, nome que designa a casta intocável, é herdada, o que assume os contornos de um estigma motivado por razões de origem social, regulamentado através de um conspícuo corpo legislativo e ritual com que desde a antiguidade e até 1950 (ano da abolição constitucional da intocabilidade), tem vindo traçar as características distintivas da sua desqualificação humana e social, entre as quais se destaca o contacto com o sujo e a sujidade, propriedades com que a vituperação dos membros intocáveis é afirmada: *dhed*, do que deriva o termo *dhedvad* utilizado no Gujarate, significa, de facto, sujo (Ibidem: 49).

6.3. O trabalho de Cantoneiro de Limpeza e a vergonha

A vituperação é uns dos mecanismos sociais mais utilizados para afirmar a desvalorização social dum individuo e a sua denegrição moral. Se pode assumir tons

participantes à poluição”. A mulher, “no período de cinco dias atribuído à menstruação, (...) ocupa um espaço separado dos outros membros da família e é-lhe impedido o acesso aos espaços mais sensíveis ao seu contacto, a cozinha e os pontos de provimento da água, e à personagem a ela mais vulnerável, o marido, cujo quarto nesse período ela não partilha. Da mesma forma, no parto, ela é compelida a uma segregação de cerca quarenta dias em que ocupará com o filho um espaço que lhe é expressamente reservado e deve observar o evitamento descrito”. R. Perez, 1996, texto cit., pp. 46. A impureza feminina no interno da casta dos intocáveis assume os contornos de uma impureza sobrecarregada nos momentos da menstruação e do parto: uma mulher Vankar, já que “intocável para as outras castas, é-o também para os membros da sua própria casta”. Texto cit., pp. 50.

⁷⁴ “A intocabilidade obriga à ocupação de um espaço diferenciado (e diferencial, já que funciona como um claro mecanismo de identificação)”. Tanto em meio rural quanto urbano, escreve Rosa Perez, é estabelecida uma efectiva distância física entre castas puras e impuras, e até nas zonas rurais se pode assistir à duplicação das aldeias para que a circulação dos puros não seja posta em perigo pela presença contaminante dos intocáveis. Como a autora sublinha, a intocabilidade é mais fraca no meio urbano, onde se assiste a um “crescente isomorfismo” e a relativa “perda da capacidade distintiva dos indicadores de estatuto social”. R. Peres, obra cit., pp. 47.

de brincadeira quando utilizada entre pares (grupo etários, de género, social), assume os tons mais ofensivos quando dirigida de cima para baixo segundo a lógica da pirâmide social, em que a ofensa age de forma não mitigada e pesa tanto pessoalmente quanto socialmente. Insultar ou até mimar os representantes das categorias mais elevadas da sociedade, de facto, é um gesto severamente censurável, que os membros das classes inferiores actuam quando os seus superiores não estão à vista. No caso dos cantoneiros da limpeza a vituperação assume um papel problemático, altamente ambíguo, por várias razões, concomitantes, que podem ser resumidas em hábitos sociais por um lado, e, por outro, em latentes conflitos de ordem institucional, que, apesar de tudo, com frequência chegam à superfície⁷⁵.

No que toca os hábitos sociais, é nas páginas do dossier “*Cantoneiros de Limpeza entre o <<monstro>> e o santo*” de autoria de Luís Maçarico e Maria A. Leandro Gomes⁷⁶ que aprendemos alguns dados relativos ao comportamento de uma parte de moradores de dois bairros da capital entre si muito diferentes por histórias e características sociais: Madragoa e Lapa⁷⁷. Nas ruas de Madragoa, bairro “difícil”, e até poucos anos atrás caracterizado por um nível abundante de pobreza, ao verem os cantoneiros limpar e varrer, alguns moradores não lhes poupavam o apelativo de “cheira mal”, “canalhas” e de “malandros” com que costumavam os chamar. Para estas pessoas, os cantoneiros de limpeza eram considerados trabalhadores demasiadamente privilegiados, já que todos os dias podiam gozar do ar puro,

⁷⁵ Não tendo sido efectuado um trabalho de campo focado nos trabalhadores das divisões da limpeza da Câmara Municipal de Lisboa, este e o próximo sub-capítulo referem-se a dados não actualizados, assentes nos documentos fornecidos e escritos por Luís Filipe Maçarico, nomeadamente um primeiro dossier de 1991, “*Lisboa: lixo e desperdício. Resíduos sólidos de Lisboa, um valor pouco aproveitado*”, e um segundo de autoria de Luís Filipe Maçarico e Maria Alexandra Gomes Leandro de 1993, “*Cantoneiros de Limpeza entre o <<monstro>> e o santo*”, ambos trabalhos finais de cadeira (Antropologia do Económico o primeiro e Etnologia Portuguesa II o segundo) realizados no âmbito do curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Nova de Lisboa, FCSH. Às informações dos dois dossiers, acrescentam-se os dados recolhidos durante o encontro com Luís Maçarico, em 13 de Abril de 2011. A necessidade de actualizar as informações exige um novo e mais aprofundado trabalho de campo. As muitas mudanças ocorridas na produção e gestão dos resíduos deverão supostamente reflectir-se no mundo do trabalho das divisões da limpeza, em que parece ter-se manifestado um amento considerável do número de mulheres empregadas. Supõe-se também ter ocorrido uma certa evolução no que toca a leitura social relativa aos trabalhadores da limpeza pública, cúmplice não somente a crise, que faz emergir necessário cada emprego, mas também a importância maior e a maior sensibilidade geral pelos temas ecológicos e ambientais.

⁷⁶ O dossier constitui um trabalho tanto analítico quanto crítico, onde, no respeito da perspectiva e da metodologia da antropologia, se insere a experiência profissional pessoal do primeiro autor, que trabalhou como cantoneiro de limpeza no sub-posto de limpeza da Travessa do Pasteleiro (Madragoa) entre 1978 e 1985.

⁷⁷ Os dados que os textos de Luís Maçarico fornecem, embora nem sempre explícitos, referem-se aos bairros de Madragoa e Lapa porque eram os dois bairros em que os trabalhadores do sub-posto de limpeza da Travessa do Pasteleiro desempenhavam as suas funções de limpeza, varredura e esvaziamento dos contentores do lixo. Vejam-se os Anexo nº 2 e nº 3 o mapa e o percurso de limpeza do cantão (conjunto de ruas para limpar atribuídas a cada cantoneiro) de São Domingos em 1978. As diferentes características dos dois bairros, não podem aqui ser resumidas, mas bastará saber que Lapa é o distrito onde surge a Assembleia da República, centro burocrático e diplomático do poder, e que o bairro adjacente de Madragoa, constitui um bairro popular conhecido pela sua mistura de gentes, entre as quais forasteiros, sobretudo africanos, pescadores e varinas.

passando pela cidade e por isso eram culpados de ganhar demasiado dinheiro pelo tipo de profissão de que eram encarregados (L. Maçarico e M A. Gomes Leandro, 1993: 33). À culpabilidade de ser sujos, sobre os encarregados da limpeza recai o estereótipo da pessoa preguiçosa e que falhou algo na sua vida para ser obrigada a trabalhar na recolha do que os outros deitam fora, com os restos da sociedade e as suas sujidades. Não obstante a leitura desfavorecida, não faltam opiniões opostas que reconhecem a grande utilidade desta profissão para a colectividade. Sintetizando eficazmente as duas posições, um testemunho afirma: “Há pessoas que dizem que este serviço devia ser mais bem pago. E outros que insultam, e dizem: vai trabalhar malandro!” (Ibidem: 40).

Muitas críticas e arrelias, de facto, justificam-se com base em meras opiniões que revelam o profundo desconhecimento duma parte da população a respeito do que é, na realidade, o trabalho da limpeza pública, profissão que como os mesmos encarregados afirmam não só é um trabalho ingrato, mas também é algo que os outros “nem imaginam”: a falta da criatividade, a repetição, as intempéries e os olhos pesados das pessoas constituem só uma primeira parte da imagem verdadeira deste emprego, a que se acrescenta a fadiga física e escasso ordenado, enfim, como quietamente escreve Maçarico: “mas eles nem imaginam como este trabalho é saturante” (L. Maçarico e M A. Gomes Leandro, 1993: 39).

Aos comportamentos irritantes e pouco amigáveis de muitos, correspondem os de misericórdia e caridade de outros. Sem dúvida, à primeira vista, poder-se-á dizer que estas últimas atitudes ajudam a suportar as primeiras, vindo a equilibrar uma visão social paradoxalmente distorcida, afirmada contra um trabalho útil e honesto, essencial para o bem estar da colectividade, e todavia, não é exactamente assim. “Pelo caminho”, anota Luís Maçarico numa espécie de “diário” de comentários e observações sobre os acontecimentos do dia a dia a varrer as ruas da cidade, “houve quem *insistisse* em nos pagar *bebidas*, quem oferecesse *fruta* ou simplesmente *palavras de simpatia*” (L. Maçarico e M A. Gomes Leandro, 1993: 30). Reportam-se alguns dos factos mais significativos:

_ rua de Buenos Aires: a porteira de prédio nº 5 vinha dar dinheiro ao Luís para o compensar pelo trabalho que ele tinha de realizar. Compensá-lo não só pelo facto de ser mal pago, necessitando, portanto, de constantes recompensas;

_ rua de Sant’Ana a Lapa / Travessa do Combro: nesta rua o gerente do supermercado Expresso colocava no carrinho-de-mão um saco de fruta;

_ rua de São Domingos: uma senhora muito bem vestida aborda o Luís, e gabou muito o seu trabalho; referindo-se aos comportamentos de degradação nocturna em que os jovens se metem, recriminou que era injusto e lamentável que outros jovens devessem apanhar as porcarias de que os primeiros são responsáveis (Ibidem: 58).

Juntas as atitudes, acompanham-se claramente as frases, as narrativas e os comentários que as pessoas dirigem aos cantoneiros. Se por um lado começamos a ver como existe uma parte de sociedade que expressa gratidão e demonstra reconhecer a grande utilidade pública do trabalho de cantoneiro de limpeza, por outro, estas atitudes reflectem problemáticamente os estereótipos sociais. As palavras “pobrezinhos, coitadinhos, desgraçados, etc.” são dirigidos aos cantoneiros de limpeza com a mesma frequência do que os insultos de que temos tratado. A situação é delicada, e se muitos podem ser levados a pensar que é melhor a caridade do que os insultos, será que a caridade, quando não pedida, se equivale a uma ofensa? Dos testemunhos reportados por Maçarico, vemos como os muitos cantoneiros de limpeza tentam recusar as ofertas, mas não podendo se desviar da ordem que os percursos de limpeza e varreduras impõem, depois de muitos “não obrigado”, acabam por aceitar as dádivas: caso contrário, aos insultos e à misericórdia se somaria o apelativo de ingratos e mal educados.

Sabemos que não é fácil sair das lógicas sobre as quais os estereótipos assentam, embora todos podemos imaginar como uma bebida oferecida por um amigo dê sempre muito prazer, mas que a mesma bebida oferecidas durante o serviço de trabalho por pessoas estranhas não possa fazer outra coisa que provocar uma reacção indesejada entre identidade pessoal e identidade profissional, em que a segunda prevalece, tornando-se um pedregulho. Dois casos extremos demonstram como o embaraço de receber ofertas indesejadas tem o efeito de deixar os cantoneiros de limpeza sem possibilidade nenhuma de replica: qualquer explicação por sua parte implicaria a complicada tentativa de desmontar os preconceitos mais comuns pedaço pedaço, mas os encontros fugazes com as pessoas não contemplam aulas de ciências sociais na lista dos seus rituais. Duas senhoras bastante idosas que moravam na Travessa Nova de Santos, até com premeditação, de vez em quando costumavam apresentar-se ao Luís com sacos de roupa. Diziam elas: “Tome lá coitadinho que é para não passar frio” (L. Maçarico e M A. Gomes Leandro, 1993: 34). Na rua Garcia da Orta, um alfarrabista vendeu ao Luís uma monografia sobre Alcântara pela simbólica quantia de 50 escudos, porque achou notável o facto de um “Almeida” se

ter dirigido a sua loja com o intuito de comprar um livro. Para este senhor era extremamente agradável ver que existia um cantoneiro que se interessava por livros (Ibidem).

Não obstante a vergonha dos primeiros dias com a vassoura e com a farda de trabalho que os exibem ainda mais, não obstante os insultos ou a misericórdia que todos os dias lhes lembram como é difícil trabalhar com o lixo e ser julgados pessoas como os outros, embora tudo isso, os cantoneiros de limpeza não renunciam a perder a sua dignidade; como um deles declarou: “há muitas pessoas que dizem bocas, mas eu não ligo. Dizem <<Olha o Almeida!>>. Não ligo porque elas não são mais do que eu” (L. Maçarico 2 M. A. Gomes Leandro, 1993: 55).

6.4. O trabalho de Cantoneiro de Limpeza e o risco

Acusados e atacados verbalmente por uma parte de moradores, ou então por eles tratados com compaixão, não raramente os cantoneiros da limpeza sofriam dos mesmos preconceitos por parte das hierarquias profissionais, como também por parte da polícia. Referem-se de seguida as posições piramidais com que o sector da limpeza publica era e é organizada: no topo da pirâmide encontramos o Chefe de Serviço de Limpeza, depois o Encarregado, o Capataz e, enfim, o Cantoneiro de Limpeza. Afirma Maçarico: “por parte dos cantoneiros, a distância em relação aos capatazes, embora exista, não se compara com aquelas que eles sentem e experienciam em relação aos seus chefes” (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 8). Enquanto o cargo de capataz é dado depois de ter prestado serviço como cantoneiro, entre os dois papéis permanece quase sempre uma ligação tanto concreta quanto simbólica assente na experiência comum, e que se afirma sobretudo na contraposição com a esfera mais alta da pirâmide laboral, com que os capatazes se devem todavia manter em bom contacto, acabando por constituir uma ponte delicada entre os dois mundos e prestar um bom serviço em ambos, não obstante os pedidos de uns e dos outros serem, às vezes, inconciliáveis. De facto, se o capataz pode ser designado, em termos goffmanianos, como um “mediator”, um “go-between” (E. Goffman, 1959: 148) entre cantoneiros e superiores, o chefe, ao contrário, fica identificado como uma sombra distante e poderosa, pois a sua é uma distância verdadeira, tanto burocrática quanto humana e física: a sua não manifestação concreta, através de um corpo e uma voz, faz com que seja entendido como “uma figura quase fantasmática que se faz sentir através

de Ordens de Serviço que publica e manda cumprir, apoiando-se na legislação vigente” (Ibidem). A distância humana e a dificuldade de relacionamento com o vértice hierárquico, percebido atrás das “armaduras legais” (Ibidem), fazem com que os cantoneiros da limpeza se sintam desprotegidos e marginalizados no interior do seu próprio âmbito de trabalho, e não apenas nas ruas, onde grava o peso da leitura social. Dado o nosso interesse pela burocracia performativa (veja-se cap. 2) será útil reflectir sobre os mecanismos das “armas legais” identificadas por Maçarico como primeira razão do difícil relacionamento com as hierarquias profissionais, traduzida em sentimentos de falta de protecção e de integração.

A partir de 1979, com base nalguns estudos (não especificados no texto a que nos referimos), defendeu-se a exigência de alteração do horário laboral: se até aquele ano a recolha do lixo, a varredura e a lavagem das ruas eram efectuados de manhã e durante uma parte da tarde, a partir daquele momento decidiu-se impor o regime nocturno como estratégia favorável de trabalho. Naquele momento, às intempéries do clima, um “tempo imposto” de tipo natural como o definem os autores, acrescenta-se um tempo imposto anti-natural, isto é, anti-biológico, que fragiliza ainda mais a saúde do cantoneiro e estabelece uma marginalização social ainda maior. “Se pudesse”, afirma um dos informantes do posto de limpeza da travessa do Pastelerio, “trabalhava de dia, porque a noite é feita para dormir”, mas explica que é o Serviço Nocturno a dar mais jeito, porque faz ganhar uma coroa a mais, enquanto que “o ordenado não é grande coisa” (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 21).

Escondidos no escuro da noite os trabalhadores da limpeza pública sofreram uma alteração nos seus contactos com os moradores que, até quando maus, podiam tornar-se um recurso precioso para a sensibilização e a educação nos hábitos de manutenção participada dos lugares públicos da cidade; ainda mais, o trabalho nocturno, veio impor uma vizinhança ainda mais estrita com a delinquência e a marginalidade social que os cantoneiros temem (Ibidem). É nesse contexto que a sensação de vulnerabilidade e de falta de protecção contempla o papel dos polícias, que, supostamente chamados a defender os desprotegidos, às vezes, em vez que aliados, se tornaram um obstáculo maior. Referimos alguns testemunhos⁷⁸: “na 24 de Julho, os jovens saem das boites, começam aos pontapés no lixo e a Polícia não faz nada (Camilo)”; “a noite, sou sincero, os drogados é que é perigoso. Temos que andar com

⁷⁸ Camilo e A. Augusto, como todas as vozes dos trabalhadores aqui reportadas, são dois cantoneiros da limpeza do sub-posto de limpeza da Tv. Do Pasteleiro, informantes de Luís Maçarico e de Maria A. Gomes Leandro.

muita atenção; os polícias desviam-se para não se meterem em trabalhos (A. Augusto)”; “houve um senhor que mandou um saquinho para a rua...estava um polícia ao pé, olhou para mim e começou a rir-se (Camilo)”; “meteram a carrinha em cima dos montes de folhas que eu estivera a varrer e subiram o passeio para o subchefe não molhar os pés....os polícias começaram-se a rir (Camilo)”. A não intervenção nos momentos desejados e os risos, constituem o resumo pior de factores que atribuem aos cantoneiros uma marginalidade social confirmada pelas autoridades, e que é vivida com sentimento de frustração, de impotência e de consciência da própria vulnerabilidade.

Se o corpo dos cantoneiros de limpeza equivale ao seu instrumento de trabalho, não surpreenderá como o medo de não ser protegidos se torne uma questão de não pouca importância. A falta de segurança, contudo, não é percebida unicamente nos confrontos das pessoas que encontram nos bairros que limpam, mas também constitui algo que se estabelece em relação aos instrumentos de trabalho, frequentemente sujeitos a carências tanto de qualidade quanto de quantidade. O corpo, enquanto “capital mais precioso”, obriga a um cuidado e uma manutenção constante “face a um igualmente constante perigo de contaminação”: a doença é, de facto, um factor fundamental da relação entre o cantoneiro de limpeza e o seu corpo (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 20). Os perigos para a saúde a que os cantoneiros de limpeza estão sujeitos durante o desempenho do seu trabalho podem surgir: 1) por contacto directo com superfícies ou materiais sem as devidas protecções, o que pode causar feridas, contusões, doenças de pele, de olhos, de mucosas, tétano e infecções; 2) por ingestão involuntária de materiais perigosos ou contaminados, o que causa infecções intestinais e intoxicações; 3) por inalação de fumos e poeiras, que leva a doenças respiratórias; 4) por contacto indirecto e involuntários com resíduos contaminantes, fonte de doenças e parasitas⁷⁹.

O esforço físico e o trabalho em condições atmosféricas que deterioram (chuva, vento, frio, calor) constituem outros factores de risco, a que se acrescentam: 1) as péssimas condições, paradoxalmente tanto higiénicas quanto estruturais em que com

⁷⁹ Maçarico, Luís Filipe (1991) *Obra cit*, pp. 25. Como o documento sublinha, os riscos provocados por uma má gestão do lixo não afecta apenas a saúde dos trabalhadores da limpeza pública, pois igualmente produz prejuízos estéticos. Aspecto repugnante, adulteração de paisagens, emanação de cheiros desagradáveis, produção de fumos e poeiras, espalhamento de papeis; prejuízos económicos: perigo de incêndios em casas de habitação e campos cultivados provocado pela autocombustão gerada em depósitos não controlados do lixo; perigos de desastre rodoviários; ocupação de áreas de solo arável por detritos; não recuperação de materiais com valor económico; baixa na produtividade de indivíduos psicologicamente afectados pela presença de lixo; danos ecológicos: poluição do ar; poluição da água; poluição do solo.

muita frequência os postos de trabalho se encontram, onde se torna difícil satisfazer necessidades importantes, como o mudar de roupa, tratar da higiene pessoal, comer, conviver com os colegas, etc. (do dossier de Maçarico, o sub-posto da Tv. De Pasteleiro, Madragoa, parece emergir como uns dos piores); 2) o desinteresse político das condições de trabalho de que os cantoneiros de limpeza dispõem: ao longo dos anos 80 as tarefas e os encargos aumentaram exponencialmente, mas contrariamente à lógica da melhoria e da implementação dos serviços e dos meios laborais, os quadros profissionais foram congelados, os equipamentos de salvaguarda (sapatos, luvas, mascaras, etc.) obrigados a durar mais por causa da dificuldade em receber os novos, não houve uma incrementação de mão-de-obra e em termos contratuais o emprego tornou-se mais precário e instável; e, enfim, 3) os frequentadores dos espaços públicos não sempre ficaram receptivos à sensibilização de participação e continuaram a perpetrar uma utilização dos mesmos que não ajuda, e até obstaculiza amplamente, a operação de manutenção e de limpeza por parte dos cantoneiros de limpeza, ao mesmo tempo criando várias dificuldades aos outros utentes (dado que estacionar mal o carro não somente impede a circulação da viatura de remoção de resíduos, mas igualmente obstaculiza o livre trânsito dos outros carros). “A Câmara”, afirma Camilo, “investe cada vez menos nesta profissão. (...) O pessoal é pouco e o serviço cada vez aumenta mais” (L. Maçarico e M. A. gomes Leandro, 1993: 23).

Ainda uma vez rebatemos como é necessária uma actualização dos dados aqui apresentados, para que o que chamamos o “paradoxo do limpo e da limpeza” (veja-se o subcapítulo 2.3.) possa tornar-se claro e desvelar os mecanismos retóricos e políticos que sustentam a sua forma paradoxal: a frente dum pedido social sempre mais exigente de medidas de salubridade, higiene e beleza dos espaços públicos, parece corresponder um investimento e uma disponibilidade administrativa sempre menor para o realizar⁸⁰.

⁸⁰ Interessante seria afrontar um estudo comparativo entre a capital portuguesa e as pequenas aldeias do País, tanto do Norte quanto do Sul. Que diferenças existem em termos de recurso? Que diferenças em termos de regulamentação e de visão social do trabalho de limpeza? Que diferenças de responsabilidade pessoal existe ente os cidadãos do centro e da periferia? Qual é a história do lixo periférico e como a sua gestão é condicionada pelas ordens que chegam do centro?

VII. Lixo: ouro <<sujo>>

Quase chegados à conclusão dum Trabalho que é um Projecto, a sensação é a de estar frente a um começo, e de ter ainda muitas coisas para dizer. Muitos dos caminhos aqui percorridos foram analisados parcialmente, e é na consciência desta parcialidade que reside a motivação para ir mais à frente, a fim de produzir novas interrogações e novas abordagens que possam enriquecer, adensar e aprofundar os passos percorridos. Afrontar-se-ão neste capítulo algumas considerações que ao longo do texto apresentado ficaram expostos à luz do silêncio, mas que é agora preciso explicitar, utilizando uma voz alta e clara para que a nossa análise respeite o apelo de Jacques Le Goff, e seja capaz de não se a ser uma descrição dos fenómenos, mas sim, uma arma de investigação para os questionar.

7.1. As riquezas da sujidade

Apesar da imagem humilhante que muita vezes acompanha a leitura social de alguns trabalhos, como Gandhi referiu, muitos deles prestam-nos os maiores serviços sociais, como é o caso até agora tratado dos cantoneiros da limpeza pública. O que agora tentamos fazer é propor uma leitura capaz de desdobrar, embora preliminarmente, os significados da grande ambiguidade que circunda o mundo destes trabalhadores anómalos, tanto úteis quanto pouco valorizados.

Se a limpeza tem a ver com a higiene, e a higiene com a salubridade, notamos como existe uma ideia geral de que estes domínios representam uma competência dos médicos e da medicina (quando não das figuras populares como feiticeiros e curandeiros), com as suas disciplinas como a biologia, a química, a bacteriologia e a fisiologia humana (ou, ao contrário, a magia). Estes saberes, todavia, não se deveriam limitar a ficar confinados dentro dos hospitais ou das clínicas especializadas, ao contrário, nas suas formas elementares, deveriam ser traduzidas em práticas e normas comportamentais, e até, em sentido comum, para que possam constituir uma ajuda quotidiana para fazer, ou não fazer, algumas operações, gestos e actos durante o normal dia a dia (como tratar dos alimentos, dos animais, dos materiais e do nosso corpo faz parte destes conhecimentos básicos da saúde).

Os estudos sobre as tentativas de melhorar as condições de vida dos cidadãos portugueses, demonstram como, por um lado, foi essencial a organização de equipas de especialistas, de médicos e enfermeiros distribuídos pelos território nacional, por outro, foi indispensável o empreender uma firme luta para a sensibilização das populações contra os muitos hábitos insalubres em vigor e dos quais não se tinha em conta os riscos consequentes, como, por exemplo, a importância das vilas e das cidades terem uma rede de esgotos adequada, de cuidar das águas impedindo a sua estagnação (razão primária de malária e outras doenças altamente mortíferas e contagiosas), de proibir de dormir com o gado (os animais eram utilizados como armas contra o frio durante o inverno), e outras importantes operações como a melhoria da salubridade e a organização das tarefas comuns para a manutenção dos recursos e o tratamento dos resíduos produzidos (H. J. Niny, 1941; J. Crespo, 1990). Tudo isto significa que a medicina confinada ao hospital não tem poder de salvar os pacientes até que os pacientes não percebam a importância de ser os primeiros conselheiros de si mesmos a fim de cuidar das condições da sua saúde de forma inteligente, autónoma e responsável.

Se comparados aos médicos, os cantoneiros de limpeza poderiam chegar a ser figuras públicas ainda mais prestigiadas da sociedade, pois não só desempenham funções básicas necessárias para a boa manutenção da salubridade do ambiente em que vivemos, controlando os riscos de doença, isto é, baixando as probabilidades das consultas médicas por razões genéricas (sem termos que pagar ou ser doentes para conversar com eles), como, ao mesmo tempo, tratam da matéria comparável ao novo petróleo no XXI século: o lixo. Afastar o lixo das nossas ruas significa permitir-nos desfrutar os lugares da nossa cidade, significa beneficiar da limpeza dos sítios em que caminhamos, um tipo de riqueza pouco reconhecida, sobretudo em tempo de abundância, quando a filosofia do reaproveitamento se torna *demodé* e a ostentação, um padrão comum. Como afirma Maçarico, é nos tempos de crise que as regras mudam, e com elas, os medos, porque é nas alturas da crise, quando podemos contar com o supérfluo, que o essencial se revela na sua banalidade quotidiana, e torna novamente a ser importante: “só quando param o trabalho, reivindicando melhores condições de vida (...) toda a gente sente os efeitos imediatos, e afirma-se que a saúde pública corre perigo e todos se sentem inseguros (...) então sim, os cantoneiros da limpeza são importantes e os seus habitantes egoístas” (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 58)

A riqueza derivada do lixo não se expressa só em forma de benefícios para a salubridade e o bem estar: será útil recordar como o lixo constitui um grande recurso económico, isto é, uma riqueza material que se deve começar a calcular. Para tentar uma reabilitação da imagem do lixo e dos trabalhadores da limpeza que o recolhem e o inserem no sistema da reciclagem, apresentam-se alguns dados relativos ao valor económico dos materiais descartados e reciclados. Do trabalho de Luís Maçarico *“Lisboa: lixo e desperdício. Resíduos de Lisboa, um valor pouco aproveitado”* (1991), lemos que em França, a actividade de recuperação das matérias rejeitadas constitui uma indústria de longa duração (o ano a que a informação se refere não é mencionado): esta “reagrupa 30.000 pessoas e realiza 10 biliões por ano em volume de negocio. As ferragens recuperadas fornecem cerca de 30% da produção do aço; a reciclagem dos metais não ferrosos, 50% do chumbo, 38% de cobre, 30% de zinco, 27% do alumínio consumido no país” (L. Maçarico, 1991: 2). Quando o tratamento de lixo começar a ser considerado necessário tanto pelos seus benefícios para a saúde quanto pelo seu valor económico que cada consumidor tem nas suas mãos, também o estatuto de cantoneiro de limpeza mudará. Com isto não se quer sugerir que se tornará um trabalho desejado ou melhor pago, mas só que os olhos da sociedade conseguirão ver homens e mulheres úteis para a colectividade, deixando para trás as velhas imagens depreciativas com que desde a antiguidade foram percebidos.

Não obstante seja uma questão urgente o apelo a um novo espírito cívico, mais liberto dos antigos preconceitos sociais, parece ser dificultada pelas lógicas com que a questão dos desperdícios está a ser encarada. Se por um lado, a fertilidade económica como capacidade que as imundícies têm quando bem aproveitadas, isto é, produzir riqueza a partir do lixo, é uma dimensão conceptual que desafia a moralidade da contaminação, por outro, não é difícil perceber como, de facto, quando não está a ser gerida pelas máfias, tem que se conformar a um sistema económico e político caracterizado por um estado social débil, em que pesa fortemente o problema da divisão do trabalho e da privatização dos serviços úteis para a colectividade. Igualmente a situação que Gramsci observava em 1934, o aumento da média de vida, a escassa natalidade e a exigência de fazer funcionar um sistema de produção muito rico e complexo, põem não poucos problemas de natureza nacional, e, no nosso caso actual, global. As suas palavras parecem actuais apesar dos 80 anos de distância que as separam de nós: “as velhas gerações situam-se numa relação cada vez mais anormal com as gerações mais jovens da mesma cultura nacional, e as massas de

trabalhadores misturam-se com elementos estrangeiros imigrados que modificam a base: verifica-se já, como nos Estados Unidos, uma certa divisão laboral”. Resumindo a precoce observação numa fórmula concisa, isto significa: “trabalhos qualificados para os nativos, além das funções de direcção e organização; trabalhos desqualificados para os imigrados” (A. Gramsci, 2007: 2149). Para o autor, a consequência mais evidente deste estado de coisas é a produção de formas de acumulação parasitárias e a criação de quadros sociais fechados (Ibidem: 2157), por sua vez responsáveis de uma fractura psicológica que acelera a cristalização e a saturação dos grupos sociais, tornando evidente a sua transformação em *castas*” (Ibidem: 2169; itálico nosso).

Se o lixo representa um bem material para as sociedades, este deveria pertencer de direito aos grupos humanos que o produzem. Isto significa que a riqueza derivada das operações de reciclagem deveria ser administrado como um investimento da colectividade para si própria, por exemplo, o cálculo de material reciclável que sai dos municípios para ser transformado, depois dos custos das operações de alteração, deveria voltar aos mesmos sob forma de energia, financiamentos, fundos monetários, investimentos na saúde, na educação pública ou outro. Não obstante os esforços de sensibilização, vimos, e ainda veremos, como a maior dificuldade, de facto, é a resistência moral às substâncias percebidas como contaminantes. Quais são as razões desta grande contradição e ambiguidade no que toca à salubridade, isto é, a prevenção das contaminações? A sociedade, por um lado, atribui-lhe uma grande importância para a comunidade, e, ao mesmo tempo, atribui pouco valor às pessoas que dela tratam. Uma das razões possíveis é a seguinte: contrariamente ao médico, o cantoneiro de limpeza, “representa não tanto um perigo para a sociedade que o rodeia, mas antes um alerta incómodo, isto é, como alguém que pode observar a sujidade dos munícipes, o seu grau de higiene e denunciar anomalias” (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 5). De facto, o cantoneiro de limpeza pode “observar a sujidade dos munícipes” nos seus comportamentos quotidianos, algo que o médico faz somente em circunstâncias particulares, durante as visitas ao domicílio, e que normalmente são antecipadas por uma rápida e sumária arrumação por parte dos inquilinos, que olham para o médico com sentido de estima e autoridade científica. Ainda, contrariamente ao médico, o cantoneiro de limpeza não anuncia a sua chegada. Ele surpreende, e colhe-nos “com as mãos nos sacos” (neste caso a expressão popular pode não ser figurada, entendendo com “saco” o saco do lixo).

“Onde há o sujo”, afirma Mary Douglas, “há o sistema” (M. Douglas, 1996:140). Explica a autora: “o sujo é o produto de um ordenamento e de uma classificação sistemática das coisas; ainda mais, Douglas, sublinha que “as ideias que exprimem como os homens influem sobre os outros homens não podem não reflectirem certas realidades políticas” (Ibidem). Com base nestas afirmações torna-se mais claro como a ideia de perigo inscrita na contaminação não está tanto na matéria desagradável, quanto mais no seu desafiar a regra de ordem que a moral, a religião e a sociedade requerem que seja cumprida a fim de criar bons cidadãos. “Uma pessoa responsável de contaminação está sempre em falha. Ela tem vindo a produzir condições de injustiça ou perigo por alguém, ou simplesmente tem ultrapassado os confins que não deveria ter passado” (Ibidem: 182). Não é um caso que a discriminação dos cantoneiros da limpeza venha a ser expressa através da recusa do seu corpo, olhado como sujo, portador de poluição: é com ele que os cantoneiros ultrapassam os confins do que é lícito ver (a limpeza, e ordem) e do que não é lícito (o sujo, a desordem). Ainda mais, o seus corpos obedecem, como todos os corpos, ao simbolismo da sociedade: é no corpo que podemos ler os perigos e os poderes sobre os quais assenta a sociedade, como fosse um mapa em miniatura do organismo da colectividade e das regras, dos seus valores e dos seus tabus (Ibidem: 186). Como vimos com Maçarico os insultos sobre cheirar mal, ou ser sujos, não são dirigidos univocamente aos cantoneiros da limpeza, cujo “setting “ e “back front” derivam do facto de recolher as imundícies de que os outros não querem saber, mas igualmente podem ser dirigidos por pessoas comuns entre si a fim de ofender e humilhar. A culpa de ser sujos, podemos concluir, é a culpa metaforizada de estar fora das regras.

Na nossa época actual, a fronteira do que é público e que é privado está a desaparecer, e tudo o que ficava nos bastidores (a “back region” de Goffman), está a tornar-se visível, exposto, olhado para ser julgado, apreciado ou recusado. O paradoxo do limpo está a acentuar ainda mais, ou melhor, a reformular, a forma com que as sociedades estabelecem e vivem estes confins, afirmando com mais rigor as regras da ordem, da moral, da limpeza aparente, ao mesmo tempo condenando, ainda mais firmemente, a sua transgressão. A recusa do sujo a favor do limpo, como veremos, parece-nos uma absurda tentativa de operar uma separação arbitrária, ou melhor, uma violência tanto simbólica quanto material absolutamente insustentável, e que de facto, está a produzir enormes e indesejáveis custos sociais. Talvez contra quaisquer expectativas iniciais, podemos agora afirmar sem dúvida nenhuma que uma grande

reflexão em torno da temática do supérfluo e do necessário, da economia, das discriminações e das regras laborais, mas sobretudo do respeito pelo outros, passa pelo meio das questões do limpo e do sujo, dos preceitos estruturais que eles definem e das interpretações que deles, e a partir deles, se podem (ou não) fazer.

7.2. A falta de reversibilidade

Propõem-se duas diferentes situações: o ritual da deusa da fertilidade hindu e a greve da recolha do lixo que se verificou em Lisboa ao longo duma semana no verão de 1977.

I. Contrariamente às normas hindus, durante o ritual da deusa, divindade da fertilidade, os oficiantes da prática religiosa são homens intocáveis e mulheres, isto é, como vimos, os dois representantes estruturalmente designados como altamente poluentes, e por isto normalmente relegados dentro de espaços diferenciais e submetidos ao respeito de regras que visam proteger os outros membros da sociedade de eventuais contágios, transmitidos directa ou indirectamente (por meio de contacto de objectos ou alimentos anteriormente tocados por eles ou por meio de directo contacto físico com eles). Contrariamente ao repúdio a que normalmente estão sujeitos, na altura do ritual tanto os intocáveis quanto as mulheres impuras são procurados por todas as outras castas da sociedade, de repente atraídos das suas qualidades contaminantes e desejosos de beneficiar dum toque dos seus corpos, desafiando os preceitos e as crenças com que a sociedade indiana é estruturada. A procura desta impureza ritual, explica-se com o desejo de fertilidade, “que uns e outras [intocáveis e mulheres] mais do que quaisquer personagens parecem especialmente aptos a assegurar” (M. R. Perez, 1996: 51).

II. Os acontecimentos do 25 de Abril divulgaram uma certa imagem da “vanguarda do proletariado”, que embora sem muita profundidade política e, sobretudo, moral, por um lado encontrava uma mentalidade demasiadamente fechada à sua recepção, mas por outro consegui trazer algumas novidades no mundo laboral dos cantoneiros da limpeza: é só depois de uma semana de greve na recolha do lixo, e a consequente explosão do caos geral, que a força sindical para a defesa dos trabalhadores, finalmente, veio a surgir. Todavia, não obstante a vaga de entusiasmo que torna o

operário e o proletário um herói, em vez de um “coitadinho”, o desprestígio que estes homens sofrem, por parte do público mantém-se (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 12). Por um lado, a vontade de muitos jovens de abraçar a farda de trabalho e tornar-se operários, encoraja-os para encontrar trabalho nas fábricas; por outro, D. Ilda, a única mulher do sub-posto de limpeza da Travessa do Pasteleiro, conta que um rapaz, agora médico, quis trabalhar como cantoneiro de limpeza nesse período de sucesso operário, mas que não obstante o entusiasmo proletário, acabou por pedir ao Chefe de Serviço de Limpeza que o deixasse trabalhar sem farda (Ibidem). Como afirma Maçarico, a razão do pedido era a vergonha, pois “existiria uma certa dificuldade de identificação com esta profissão vocacionada para o trabalho manual de apanhar o lixo” (Ibidem).

No primeiro caso apresentado, o da deusa hindu, o que parece fundamental sublinhar é que desta paradoxal e subversiva impura fertilidade, legítima e regulamentada ritualmente, parece depender a garantia de reprodutibilidade e continuidade social. A contaminação torna-se fertilidade pura, o sujo torna-se sacro, porque, tanto como a água, nas imundícies, tudo se dissolve (M. Douglas, 1996: 247). O ritual, faz nos lembrar dos carnavais medievais, nos quais o laxismo e o excesso funcionavam para as classes sociais inferiores e submetidas como válvula de saída da habitual repressão social, assegurando uma inversão temporal de papéis sociais, que, todavia remarcava indirectamente a sua validade e normatividade. Uma suspensão das hierarquias sociais, por pouco tempo esquecidas, que permitia um reequilíbrio dos pólos societários, isto é, da plebe e dos soberanos, numa encenação de uma fictícia assimetria invertida. No segundo caso da greve da recolha do lixo, ao contrário, vemos como a dificuldade maior está na mentalidade que não deixa liberta dos preconceitos mesmo as cabeças nem dos mais bem intencionados.

Dado que este trabalho se baseia sobre um paradoxo, isto é, o pedido sempre maior e mais exigente de “limpo” e “bonito” por um lado, e por outro, a marginalização social a que isto leva, será interessante, em primeira instância, lembrar como os mecanismos de inversão parecem ser fundamentais a fim de garantir um espaço de poder, legítimo ou ilegítimo, a todas as componentes sociais, enquanto que nas sociedades altamente hierarquizadas (como a nossa democrática está a voltar a ser), são os muitos escravos a suportar o peso da pirâmide estrutural que permite ao imperador vestir a coroa. Secundariamente, outro tanto útil será considerarmos alguns

pontos chave da reflexão que Mary Douglas faz sobre a contaminação e que Mike Davis desenvolve no seu trabalho sobre a “política dos muitos”. Escreve Mary Douglas: “a ameaça de contaminação para a comunidade toda, constitui uma arma de coerção recíproca” (M. Douglas, 1996: 11). Isto, significa que aumentar a sensação de perigo em frente ao “sujo” pode tornar-se, ao mesmo tempo, o princípio de uma hábil chantagem para afastar sempre mais quem pode parecer limpo e quem não pode, enquanto que os primeiros não querem perceber-se contaminados pelos outros: o jogo estrutural está em garantir protecção aos primeiros e vigiar os segundos para que não se insurjam. O mecanismo parece, para já, funcionar bastante bem: vemo-lo em excelente funcionamento nas estruturas turísticas do terceiro mundo, onde oásis imaculados surgem a devida distância das pobres habitações dos autóctones, aos quais é imposta a ordem de não se aproximar, e já o vimos em acção em muitas das nossas cidades, em que os espaços do turismo de luxo surgem em sítios particularmente distantes dos lugares mais humildes que a maior parte dos moradores partilham.

No texto “Planeta de bairros de lata: a involução urbana e o proletariado informal”, Mike Davis⁸¹, reflecte sobre a ligação entre urbanização, burocracia e pobreza. A urbanização, revolução sem precedentes na história do Homem, é definida por Davis como uma “explosão perversa” (M. Davis, 2011: 201), cujo preço, continua o autor, “será o incremento da desigualdade, quer dentro de cidades com diferentes tamanhos e especializações, quer entre elas” (Ibidem: 200). O fenómeno da “suburbanização”, já que não é um fenómeno controlado ou até controlável (apesar de o poder ser), como é fácil imaginar, gera uma alta concentração de degradação ambiental e de riscos devidos à dificuldade de ter acesso à água potável e aos serviços higiénicos sanitários. A crescente imigração dos campos para a cidade urbana, ditada pela procura de condições de vida melhores, na realidade, e contra as expectativas, em muitos casos acaba por gerar um descontrolo social que encontra a sua etapa final na aceitação (inicialmente temporária e depois aceite como definitiva) de condições de pobreza e miséria que caracterizam os *slums*, lugares em que a deslocação urbana dos indivíduos acaba, criando cidades dentro das cidades e espaços urbanos de serie *c*, *d*, *e*, dentro de espaços urbanos de serie *a* e *b*, planos urbanos discriminatórios que dão

81 Davis, Mike (2011) “Planeta de bairros de lata: a involução urbana e o proletariado informal”. Bruno Peixe Dias e José Neves (eds.) *A política dos muitos. Povo, classe e multidão*, Lisboa, Fundação EDP e Edições Tinta da China, pp. 197- 232.

vida às discriminações. Os *slums*, escreve Davis, são caracterizados por “habitações degradadas, excesso de gente, pobreza e vício” (M. Davis, 2011: 204), onde os velhos e os novos pobres partilharão o mesmo insalubre destino. Apesar do mau aspecto, em contra tendência às exigências do limpo e do saudável que a parte desenvolvida do mundo e das classes mais ricas requerem quase por direito natural, os bairros de lata, “por mais mortíferos e inseguros que sejam, (...) têm um futuro brilhante à sua frente” (M. Davis, 2011: 208). Para explicar o sucesso destas infames vivendas, Mike Davis cita a obra do escritor nigeriano Fidelis Odun Balogun, “*Adjusted Lives: Stories of Structural Adjustment*” (1995), em que se afirma que a causa primeira do aumento da pobreza deriva directamente das políticas económicas perpetradas pelo FMI e o Banco Mundial, responsáveis de ter introduzido no terceiro mundo, a partir dos anos 80, os mecanismos da privatização, da supressão de controlo das importações, do subsídio alimentar e da recuperação do investimento, assim afectando tanto a saúde quanto a educação e produzindo uma redução implacável do sector público. Não é preciso um grande sentido de comparação para ver como estas iniciativas são as que estão a ser utilizadas hoje em dia no primeiro mundo, próximo alvo dos bairros de lata estilo América latina, África ou Ásia (Ibidem: 210).

Depois de ter explicado com António Gramsci, Sherry Ortner e Charles Stafford os princípios base da hegemonia económica tanto do passado quanto do contemporâneo, é nas palavras de Ha-Joon Chang que encontramos descrita concisa e lucidamente, algo que até agora foi percebido, embora não explicitado, quase como se fosse um crime dizê-lo, pois afirmá-lo obrigaria a admitir a realidade e a desolada verdade que expressa: “a causa principal do crescimento da pobreza e da desigualdade durante os anos 80 e 90 do século XX foi a retirada do estado” (M. Davis, 2011: 210). A desolação, todavia, não é causada pelo fenómeno da saída do Estado em si mesmo, mas, ao contrário, pelas consequências e as alternativas a que isto leva, ou seja, a privatização desregulamentada e a capitalização dos bens colectivos. Nesta cena mundial, em que os salários reais da classe media desaparecem com ela, não surpreende encontrar “as empregadas de limpeza” e “as lavadeiras” entre a lista dos empregos “à peça”, isto é, o assim definido “sector informal”, que a crise laboral obriga a desempenhar. Na mesma linha das profissões do futuro destinadas aos mais desfavorecidos encontram-se o vendedor ambulante, o comerciante de bebidas alcoólicas e, enfim, a prostituta (M. Davis, 2011: 212).

A importância de analisar os mecanismos que regulamentam o vício de entregar e de delegar aos Outros tudo aquilo que nós consideramos como indesejado e indesejável, argumento de fundo deste trabalho sobre a limpeza, explica-se pela interpretação dos mesmos como reflexo duma tendência mais ampla e de difícil captação, responsável por estar a tornar as classes sociais das “democracias liberais” (ou melhor, neo-liberais, com tudo aquilo que o termo comporta) sempre mais semelhantes a conjuntos de castas fechadas, imóveis e incommunicantes entre si, uma tendência que paradoxalmente age sob a retórica da flexibilidade laboral (R. Sennet, 2000). Será que o *Nosso* desenvolvimento nos levará à pobreza mais miserável? Neste cenário, a tecnologia e as migrações (dois pontos chave que nesta abordagem foram só acenados mas que merecem uma grande reflexão conjunta), relevam a sua estrita ligação: até quando a “nossa superioridade” será calculada através da medida do *progresso*, e o progresso será medido com a bitola da *nossa qualidade* tecnológica, esta suposta superioridade irá constituir uma arma eficaz - talvez mais eficaz mais de que qualquer invasão militar -, capaz de garantir uma falsa ideia de preeminência de *Nós* sobre os *Outros*. Ao mesmo tempo, a esta hierarquização, acompanha-se uma ilusória, injustificada e injusta ideia de separação, garantidas através das novas fronteiras de “segurança” europeias, fonte de tensões e de protestos que não podemos ignorar.

Segundo as palavras do Capataz Tavares do sub-posto da Travessa de Pasteleiro, “a sociedade está a criar um desfazimento devido às pressas, está a induzir a ganância de se ganhar mais. Cria-se choques e a partir daí são as consequências. Os jovens acumulam dentro deles uma certa violência” (L. Maçarico e M. A. Gomes Leandro, 1993: 77). A violência, como temos tentado demonstrar, não é necessariamente expressa em termos de agressividade física e choque directo. Sem poder aprofundar o argumento, parece-nos interessante anotar como o conceito de diferenciação, ou esquimogenesis, de Gregory Bateson fornece-nos um guia estrutural para poder compreender os fenómenos de crise resultante do contacto entre culturas diferentes ou indivíduos com vontades diferentes no seio da mesma cultura. Teorizando várias escalas e tipologias de contacto, Bateson afirma que “as possibilidades de diferenciação dos grupos não são infinitas”⁸² e que se podem definir em duas categorias: 1) no caso de clãs, tribos, e no caos das nações europeias, a relação

82 Bateson, Gregory (2008[1972]) “Contatto tra culture e schismogenesi”. Gregory Bateson, *Verso un'ecologia della mente*, Milano, Adelphi, pp.102.

diferencial é de tipo simétrica, enquanto que 2) no caso de diferentes estratos sociais, a relação é de tipo complementar. Na primeira categoria, Bateson, inclui todas as entidades que partilham as mesmas aspirações e as mesmas estruturas de comportamento, mas diferem na orientação destas estruturas; na segunda, o autor coloca as entidades que não partilham nem as aspirações nem os comportamentos e as orientações, denotando uma diferença profunda entre eles (G. Bateson, 2008: 102). Apesar de poder avançar uma diferente interpretação no que toca as relações entre Nações europeias, já que nos tempos da crise actual, não parecem ser definidas por meio de simetria, mas ao contrario, de assimetria e complementaridade tanto de condições estruturais quanto de poder de decisão sobre o destino da “Comunidade”, parece importante sublinhar que as tensões derivadas das diferenças tanto de tipo simétrico quanto de tipo complementar, se não controladas e geridas com eficácia, podem conduzir a uma rivalidade e a uma hostilidade capazes de determinar o colapso do sistema. Só uma condição estrutural de reciprocidade não provoca esquismogenesis nenhuma, porquanto esta estrutura se funda sobre um equilíbrio e um mecanismo de compensação a que todos os membros se adequam de forma satisfatória (Ibidem: 103).

Relevante aos nossos fins é o convite de Bateson para que se tente um estudo dos factores que permitam bloquear a esquismogenesis (Ibidem: 104), que, lembramos, não poderá ser exclusivamente de tipo simétrico ou complementar: muito mais provável é que em cada esquismogenesis estejam presentes, ao mesmo tempo, elementos tanto de uma quanto da outra. O perigo, segundo o autor, é a possibilidade de manter o controlo das assimetrias e das diferenças por meio do desvio da atenção em direcção a circunstâncias externas. Referindo-se ao caso europeu, Bateson afirma que embora seja desejável que “os responsáveis da conduta das classes e das Nações se tornem conscientes dos processos com que estão a jogar, colaborando a fim de resolver as dificuldades”, todavia, escreve, “não é muito provável que isto aconteça, já que a antropologia e a psicologia social não têm o prestígio necessário para poder fornecer sugestões e conselhos. Sem tais conselhos, os governos continuarão a reagir às reacções dos outros, em vez de prestar cuidado às circunstâncias reais” (G. Bateson, 2008: 107).

Não obstante a proposta de Bateson seja uma grande ajuda conceptual que podemos adoptar para o questionamento da realidade, de facto, sabemos (e temos visto tanto com Raymond Williams quanto com Luís Maçarico), que o problema não se situa univocamente no domínio das instituições e parece mais complexo, colocando-se

directamente no domínio dos *habitus*, da educação e da moral no seio da sociedade comum. Como explica Ervin Goffman, “our activity, then, is largely concerned with moral matters, but as performers we don’t have a moral concern with them. As performers we are merchants of morality” (E. Goffman, 1959: 243). O paradoxo da limpeza age sobre o sentido de moralidade dos corpos, que devem parecer limpos e saudáveis apesar de esconder o princípio duma discriminação visual, induzida, profunda. Moralidade tem-se tornado uma palavra agarrada à superfície das coisas e das pessoas, porque é na superfície das coisas e das pessoas que a burocracia performativa insiste primariamente e maioritariamente (M. Herzfeld, 2001). Ao contrário do que sucedia, hoje em dia as revoluções têm a ver com o aspecto das coisas e não com a sua substância: o design dos objectos parece ter um carácter mais revolucionário do que os protestos das pessoas, cujas lutas não fazem notícias se não quando forem violentas, isto é, o momento ideal para serem culpadas de amoralidade. Continua Goffman: “the more the individual is concerned with the reality that is not available to perception, the more must he concentrate His attention on appearances. (...) Since the sources of impression used by the observing individual involve a multitude of standards pertaining to politeness and decorum, pertaining both to social intercourse and task-performance, we can appreciate afresh how daily life is enmeshed in moral lines of discrimination” (Ibidem: 242).

Conhecer e aprofundar ainda mais as problemáticas que o “paradoxo do limpo” e a “patrimonialização do limpo”⁸³ desenvolvem sob os nossos olhos inconscientes pode ser um caminho para os despertar. Lá onde haja um tabu sabemos que está escondido algo que é preciso proteger (M. Douglas, 1996: 7). Quem o quer proteger, de quem e de que coisa são as perguntas que é preciso formular para que o perigo de não incomodar os protectores não se torne o perigo de proteger os culpados. E, apesar de tudo, permanece a dúvida: que será do sujo se formos procurando só exclusivamente a aparência de limpo? Limpo e sujo podem ser divididos?

Com Bateson e Davis temos tentado observar o fenómeno dum ponto de vista estrutural, e a resposta à pergunta, não nos parece positiva. Com Mary Douglas,

⁸³ Di Chiazza, Sara (2011) “A patrimonialização do limpo e a memória do sujo. Reflexões acerca do limpar entre vivências, mercados e museus”, artigo em curso de publicação, escrito para o Colóquio “Usos da Memória e Práticas do Património”, no âmbito do programa de IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional - da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 16 e 17 de Junho de 2011.

tentamos agora a estrada simbólica, com que avançar um caminho de mudança e de aceitação mais profundo. Escreve a autora:

"Em qualquer imposição de ordem, tanto na mente quanto no mundo exterior, a atitude em relação aos pedaços rejeitados desenvolve-se por duas fases: no primeiro, eles estão claramente fora do lugar, constituem uma ameaça à boa ordem e, portanto, são considerados uma causa de ruído e são vigorosamente rejeitados. Nesta fase eles têm uma certa identidade: podem ser vistos como fragmentos indesejados de uma coisa (...). Esta é a fase em que são perigosos. (...) Mas um longo processo de pulverização, dissolução e putrefacção aguarda inevitavelmente todas aquelas matérias físicas que foram reconhecidos como sujas, e, ao final, cada uma daquelas identidade desaparece. A origem dos diferentes pedaços perdeu-se e eles entraram na massa geral de lixo" (M. Douglas, 1996: 246)

É assim, que podemos aprender como, na realidade, o lixo não é outra coisa que matéria indiferenciada, e que "onde não há diferenciação também não há contaminação (Ibidem).

Terceira Parte: conclusões e reflexões finais

VIII. Onde começa e onde acaba a limpeza

Se é verdade que a limpeza pode ser considerada um <<<facto social total>>>, temos que considerar a liminaridade dos seus confins: em qualquer lugar, no concreto, em cada discurso, no abstracto, em alguns comportamentos, há e não há o limpo, há e não há o sujo. Limpo e sujo são categorias mentais, são atitudes, as suas manifestações são o resultado último de *habitus* e *hábitos* que incorporamos através da educação, dos gostos, dos sentidos e dos desejos. Como a vida e a morte representam um ciclo, que todas as coisas cumprem, e que todos os homens cumprem com elas. Como a vida e a morte podemos reconhecê-los no acto clamoroso da sua realização pontual, sendo que as etapas que tornam limpo o sujo passam inobservadas, exactamente como acontece aos discursos comuns e banais em que limpo e sujo constituem, em sentido lato, a estrutura semântica profunda, apesar das palavras de superfície serem destinadas a outros argumentos mais leves. A única certeza irrefutável é a da limpeza começar a partir da sujidade e a sujidade começar a partir da limpeza: sair desta viagem de ida e volta constante só parece uma tentativa louca de interromper um mecanismo binário com que a ordem e a desordem se manifestam.

Como veremos, sem poder delimitar os domínios de limpo e sujo, se temos podido começar a tratar da limpeza falando de vassouras acreditamos seja possível acabar com uma poesia.

8.1. Limpo e sujo não existem

<<Pureza>> e <<perigo>> são termos concatenados, arremessados com ardor contra os adversários em todos os diálogos de cada comunidade sobre o próprio pacto constitutivo". (M. Douglas, 1996: 21)

Resulta claro que, contrariamente as intenções declaradas, as temáticas aqui apresentadas, em particular a da limpeza doméstica feminina e da limpeza pública geralmente de domínio masculino, não podem ser entendidos como exemplos de uma fenomenologia da limpeza e do limpo. O limpo é o resultado secundário de uma primeira omissão operada sobre os elementos; é o que se manifesta depois de algo que aí estava ter sido removido; é o calculo, talvez o arrebatamento, de uma subtracção. A matéria assim requisitada (roubada, na lógica exposta no capítulo 7), é o sujo,

entidade de mais difícil definição. Aqui está a razão pela qual a análise de qualquer actividade que invoque o limpo, sob as suas mil formas, deverá obrigatoriamente começar pelos mecanismo de remoção do sujo. Precisamente de forma oposta a quanto foi prometido, estamos em frente de uma fenomenologia do sujo, embora introdutória e fragmentária, que esperamos continuar a pesquisar.

A inversão de termos apenas sugerida obriga-nos a aprofundar uma questão a que parece não termos devidamente respondido: o que é o sujo? Tendo em mente os dados recolhidos e as conclusões a que foi possível chegar, podemos dizer que o sujo, antes de tudo (ou seja antes de se tornar “lixo”, “imundície”, “restos decompostos”, “nojo” e “fedor”), é uma dimensão profética e mistificadora, que entra em campo pela acção nunca neutral dos apologistas do bem e da moral social, que defendem o limpo como fonte de ordem, harmonia e paz. Devido a quanto foi afirmado, as respostas certas desaparecem, porque, como sabemos, e como temos tentado demonstrar, limpo e sujo não existem: eles só tomam vida na óptica (nos *hábitus* e nos *hábitos*) do observador. (M. Douglas, 1996: 32).

Concretamente, perguntar-se-á, através de que lente interpretar os grandiosos esforços feitos para o sucessivo afastamento da incivilidade dos detritos e das sujidades? A pergunta, nada imediata, requer muita cautela tanto na utilização dos termos quanto nos significados que lhes atribuímos. As maneiras com que o afastamento é actuado e as personagens que o actuam, também deverão entrar no conjunto de factores determinantes que não podemos deixar de tomar em consideração a fim de fornecer uma resposta. Isto, embora numa forma bastante desestruturada, é o principio de uma serie de interrogações de ordem ético e político, dois factores normalmente evitados pelos antropólogos, mas que Mary Douglas, em contra-tendência, designa como os elementos mais importantes da análise social, porquanto é através deles que os homens e as mulheres de todos os tempos e todos os lugares interpretam os seus universos (Ibidem: 9). Um dado igualmente importante a ter em conta é, sem dúvida, a economia, que como recitava um dito popular, é “o prato que faz funcionar a balança”. Infelizmente, umas das verdades sempre mais evidentes, é que a balança de sempre mais países do mundo está fora do peso, com um prato a ficar perenemente mais em baixo do que o outro, até deformar e perverter de forma dramática tanto a funcionalidade própria do objecto balança, quanto a própria ideia de pesagem justa.

Resumindo, temos um trinómio composto por economia, política e ética, e um facto social total, a limpeza e a gestão do sujo. O objectivo do trabalho era começar a fornecer algumas pistas de investigação férteis para demonstrar a importância da limpeza em todas as actividades humanas, isto é, tanto na ética, quanto na política, na economia e nas práticas que dessas derivam. De acordo com as histórias dos informantes e com uma ampla gama de autores, temos tentado iluminar como limpo e sujo são categorias extremamente vulneráveis enquanto directamente postas em contacto com as partes mais intimas dos indivíduos e das sociedades, tanto em termos materiais quanto imateriais (com Rosa Maria Perez vimos como qualquer impureza começa no corpo orgânico, que contamina e se contamina em contacto com outras substâncias poluentes; com Luís Maçarico vimos como os insultos em matéria de limpeza são considerados particularmente eficazes na sua intenção de ofender, e também como a vergonha dos primeiros dias a varrer as ruas era fomentada pela piedade ou a ironia de muitos moradores). A vulnerabilidade, sabemos, quase sempre é sinónimo de algo de extremamente manipulável.

Embora o que aqui concluímos seja um trabalho introdutório, achamos ter explicitado algumas trajectórias importantes no que toca a vulnerabilidade do limpo e do sujo, enquanto que muitos outros elementos relacionados com a sua manipulação ficaram inexplorados. Os dados recolhidos durante os breves dois meses de trabalho de campo são muitos, e merecem novas e mais detidas atenções nesta frente, sobretudo no que toca as mudanças de hábito quanto à higiene e beleza, aos consumos domésticos e às novas necessidades individuais e familiares; igualmente seria estimulante continuar a pesquisar o mundo produtivo das fábricas, graças as quais muito temos aprendido no que toca ao mundo escondido do mercado e da economia⁸⁴; enfim, os media, sobretudo a publicidade nas suas muitas formas, mereceriam uma cuidadosa e aprofundada análise, dado que, como refere Susan Sellers, algumas técnicas de marketing conjugadas com a psicologia e aplicadas à publicidade, trabalham segundo estratégias delineadas para estimular as falsas necessidades dos

84 Sem dúvida, umas das surpresas mais relevantes, até chocante, foi a descoberta do sistema produtivo e comercial dos sacos de plástico para o lixo, um mercado em crescimento, baseado em altíssima tecnologia, que sofre dos instáveis fluxos do mercado de acções do plástico e requer uma mão de obra informatizada instruída pelos técnicos e os engenheiros da empresa produtora das máquinas de fabrico. Os custos para comprar as máquinas e sobretudo para as manter em actividade são enormes, e só podem ser sustentados por grandes companhias. Uma grande e atenta reflexão acerca dos materiais que nós rodeiam mereceria um espaço importante nos debates sobre o famigerado desenvolvimento, para finalmente reconsiderar sob uma nova luz todo o que normalmente vem considerado supérfluo, mas que de facto se torna irrenunciável, banal, e apesar de tudo profundamente influente.

consumidores antes, e para concretizar os produtos finais depois (S. Sellers, 2003: 179), assegurando uma “cadeia de montagem” consumista funcional para o grande mercado e as grandes corporações internacionais, as únicas que podem investir tanto dinheiro em sponsorização. Estas últimas são as protagonistas não só do aumento dos consumos, da produção sem travão, de inúmeros danos contra o ambiente e as populações, mas são também as entidades que geram, regulamentem e desfrutam o mercado do desperdício e do lixo, que já se tornou uma nova Amazónia da era neo-colonial⁸⁵.

Uma consequência pouco evidente deste mesmo “civil afastamento” das sujeiras, tem tido o efeito de criar uma forma sempre mais exigente e de recusa do sujo (tanto simbólica quanto material) e de desejo de libertação do sujo (liberdade que André Leroi-Gourhan define como <<frágil elemento do edifício humano>> e que se fundamenta na imaginação, sendo por esta mesma razão uma liberdade inevitavelmente ilusória⁸⁶), que têm vindo a estabelecer um sistema de organização da sua remoção e do seu tratamento nos quais se encontram envolvidas as categorias sociais mais vulneráveis da sociedade. Como acontece aos materiais, também essas pessoas adquirem o estatuto de inferioridade que distingue os primeiros, sejam eles mulheres, cantoneiros de limpeza ou imigrados, categorias particularmente vulneráveis neste horizonte de crise do sistema neoliberal.

A temática da inferioridade, parece-nos ter uma relevância particularmente importante à luz da actual revisão histórica e da instabilidade tanto monetária quanto moral que as classes médias e baixas parecem partilhar no mundo inteiro. Lembramos como, com muita frequência, a categoria de mulher de limpeza ou de cantoneiro de limpeza vem a ser ocupada, e encarnada, pelos migrantes, frequentemente destinados aos últimos e mais baixos lugares da hierarquia social que os autóctones recusam ocupar, em favor da crença na profecia do progresso social que o capitalismo introduziu como ideologia, aparentemente materializada no bem estar geral dos anos 90, da qual agora pagamos o preço depois do colapso e da degeneração dos mitos da famigerada escalada social. Lembramos também que os imigrados não são apenas os *Últimos*, mas também os *Diversos*, os *Outros*, isto é, pessoas a vários títulos distantes dos padrões estéticos e de bem estar que regulamentam as esferas mais altas do actual

⁸⁵ Veja-se o interessante e não menos problemático documentário de 2010, “*Waste Land*”, dirigido por Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley, Almega Project, 02 film production, London - Brazil. Note-se o evocativo título português do filme: “*Lixo Extraordinário*”.

⁸⁶ Leroi Gourhan, André (2002) *O gesto e a palavra*, vol. 2, Memória e ritmos, Lisboa, Edições 70, pp. 219.

mundo “desenvolvido”. Ao mesmo tempo, os imigrantes, são portadores de técnicas do corpo diferentes, isto é, de *habitus* e *hábitos* higiénicos, alimentares e sociais diferentes, que, enquanto minoritários e nem sempre bem vistos, constituem ancoras concretas às quais a marginalização e a discriminação se agarram para sustentarem a sua fundamentação ideológica⁸⁷.

A nossa intenção, tem sido (e, esperamos, será) interrogar o funcionamento das categorias que suportam e constroem as instâncias com que orientamos as nossas escolhas e compreendemos a realidade, questionando os mecanismos com que se afirmam e se tornam aceites e interrogando as engrenagens através dos quais lhes é garantida a aceitação social. Como se estabelece a moral? Quando é percebido o bem e o mal? Que tabus regulamentam as nossas acções? Como passam as informações e por que meios? Quantas e que interpretações são possíveis a partir do mesmo fenómeno, e como se justifica o sucesso e o insucesso de uma ou outra?

Uma provável resposta a estas perguntas, sugerimos, deverá ser pesquisada no cruzamento de factores entre si divergentes e heterogéneos: o bem, o mal, a moral, os tabus, etc., encontram as suas realizações em forma de pequenos gestos cumpridos durante o nosso dia a dia, como, para exemplo, o lavar o chão ou o deitar o lixo fora. Isto significa que antes de se tornarem práticas-objectos-corpos-e-lugares concretos, estas acções, já sofreram o efeito condicionante dos padrões de regulamentação que definem as suas características, variavelmente presentes tanto na mente de quem as realiza, quanto nas mensagens de quem as incentiva. Isto significa que todas estas *pequenas* acções (pequenas sempre no sentido de Le Goff⁸⁸), tiveram que ser elaboradas nos campos intermédios da tecnologia, da ciência, das comunicações, dos transportes, do comercio, etc., sectores onde se investem as tentativas de afirmação e regulamentação dos padrões que definem o que são e como devem ser os corpos, os lugares, as casas, , etc., e onde se produz o efeito de normalização e incorporação das normas.

87 No que toca o contexto da publicidade e da influência das imagens por esta veiculadas, considerem-se as muitas polémicas e os muitos processos que viram envolvidas muitas grandes marcas internacionais (a L’Oreal entre outras), acusadas de difundir estereótipos raciais e de fomentar a discriminação social. Em relação a esta temática, veja-se também o artigo, não publicado, de Matteo Vergani (2006) *Lo straniero nella comunicazione pubblicitaria per immagini della metropoli milanese*, disponível em formato pdf no site http://www.piercingthereality.org/articles_33.html, consultado em 27 de Março de 2011.

88 Le Goff, Jacques (1989) “A história do quotidiano”, pp. 87. Philippe Ariès, Georges Duby, Jacques Le Goff, Leroy La Durie (eds) *História e nova história*, Lisboa, Teorema, pp. 85-96.

8.2. Civilizados e primitivos: outra vez?

"As formas adquiridas de ver as coisas perpetuam uma ordem que desaprovamos; se o queremos mudar, temos que reescrever a nossa história para justificar a mudança".

(W. Sussman, 1984: 3).

As razões do título deste sub capítulo final, amplamente inspirado, bem como sustentado, pelas teorias desenvolvidas em *Purity and danger*, da antropóloga inglesa Mary Douglas, referem-se ao escopo que ela mesma tem vindo a atribuir à célebre obra, editada pela primeira vez em 1966. Nas palavras da autora lemos que a intenção que a tinha animado a escrever, foi a vontade de “defender os chamados primitivos da acusação de ter uma lógica ou um modo de pensar diferente” (1996:7). Todavia, na “Introdução à nova edição”, escrita mais de duas décadas depois do ano de lançamento da obra, a autora afirma claramente que aquela mesma vontade precisava agora de ser re-contextualizada: é exactamente nas breves e densas páginas dessa nova introdução ao texto que os domínios da pureza e do perigo vêm a ganhar novas brilhantes dimensões, às quais muitíssimo devemos, nomeadamente o ter vindo a relevar a importância dos mecanismos políticos e económicos atrás dos mais básicos comportamentos sociais.

Se fôssemos chamados a explicitar as intenções deste trabalho, em que temos proposto algumas ligações entre a esfera do limpo e do sujo e os mecanismos de formação e de funcionamento das categorias que dividem a sociedade em camadas superiores e inferiores, notámos, pelos menos, três coisas. Em primeiro lugar, as próprias intenções não foram intencionais desde o começo: vieram a formar-se, moldar-se e explicitar-se de forma crescente ao longo do processo de preparação e de escrita do texto. A uma primeira intuição sem forma, foram-se acrescentando as ideias, e com estas os conceitos, as palavras, as dúvidas. Os caminhos para as nossas intenções são acidentados e imprevisíveis, outras vezes lógicos e seguros, sem saída ou com muitos desenvolvimentos possíveis. Caminha-se, mas nunca se sabe com certeza onde e quando se acabará, pois o ponto de chegada parece sempre ser distante do ponto que tínhamos imaginado. Ainda mais, qualquer que seja o lugar onde chegarmos, este, torna-se sempre uma nova partida desde onde repartir, sem que nunca nos deixe parar.

Em segundo lugar, resulta claro como a desconstrução do nosso facto social total que é a limpeza, comportou descer até aos dois átomos iniciais do discurso, isto é, o puro e o impuro, duas noções que normalmente fomos habituados a atribuir aos rituais exóticos e misteriosos dos Outros (das tribos, dos hindus, etc.), e que só recentemente têm vindo a encher os slogans publicitários das nossas revistas, onde se encontram relacionadas tanto com a estética e a saúde do corpo (de domínio farmacêutico ou das terapias naturais) quanto com as modas das disciplinas orientais (e, aqui está, com os seus rituais). De repente, pureza e impureza, afastaram-se do mundo primitivo e incompreensível dos outros para vir a sustentar as nossas ideias de progresso e bem estar. Aos *seus* rituais de purificação, juntaram-se os *nossos*: civilizados (nós) e primitivos (outros) partilham o mesmo horizonte conceptual, não existem diferenças de pensamento. Finalmente, parece possível afirmar que: os civilizados são como os primitivos!

Não obstante a ingénua e aparente conquista⁸⁹, suspeitamos poder ir muito mais longe. A separar os dois grupos, hoje mais do que nunca, impõe-se o primado da tecnologia, aliada da retórica do progresso, ambas representantes dum contexto político e económico das democracias neo-liberais sob o escudo do qual afirmamos a superioridade dos nossos sistemas, reificando, ainda uma vez, a mesma antiga distinção entre civilidade e barbárie, embora de forma renovada. A prévia similitude, já caiu sem deixar benefícios nenhuns, e, como se não bastasse, temos visto como no interior do “nosso” próprio grupo, uma certa distinção de tipo positivista (quando não até evolucionista) é utilizada para separar e manter separadas as diferentes classes, com o resultado de existirem os *nós-civilizados* e os *nós-primitivos*.

Contra as promessas retóricas da tecnologia e da ciência com as quais sonhámos um mundo melhor, temos que constatar que, na realidade, “a ciência não tem produzido uma categoria de pessoas sem ambições de domínio sobre os outros”, e, igualmente, “a industrialização não tem produzido uma raça de seres humanos cautos quanto à possibilidade de utilizarem o perigo a fim de defender o bem de todos” (M. Douglas, 1996: 16). Infelizmente devemos admitir que tudo isto nos leva a uma conclusão que

⁸⁹ Embora típica duma certa antropologia, ingenuamente mas tenazmente direccionada contra o evolucionismo, esta abordagem superficial, ambígua e contraproducente, se encontra em boa saúde nos actuais circuitos de iniciativas *pseudo* culturais da indústria do lazer e do turismo ecológico em que as diferenças são olhadas sob a lente duma amigável igualdade expressa através da troca de musica, danças, tradições culinárias, etc. Focando-se sobre a igualdade, essas práticas, embora fascinantes, não deixam muito espaço ao questionamento crítico das razões à base das diferenças, muitas vezes reduzidas para serem mais facilmente absorvidas nos novos contextos de lazer.

não esperávamos, embora tenhamos conquistado uma primeira esperança. O *nosso* progresso e a *nostra* superioridade tecnológica multiplicaram exponencialmente as discrepâncias sociais, produzindo diferentes grupos de neo-civilizados e diferentes inúmeros grupos de neo-primitivos. Esta é a conclusão a que chegamos depois de uma leitura feita a partir das categorias positivistas com que se tinha orientado o discurso, pelo que o “progresso” e a “ciência”, os “Nós” e os “Outros”, constituem as palavras-chave mais poderosas e cativantes. Nesse caso, e de acordo com os primeiros propósitos de Mary Douglas, defender os novos e velhos primitivos seria o que deveríamos fazer. Todavia, temos a possibilidade de reconstituir um novo patamar com que abordar a mesma realidade e os mesmos actores sociais através de novos olhos, explicando as diferenças como resultados de políticas e de práticas sociais, tanto dos grupos quanto das nações, tirando delas a arrogância dos atributos de valores, e, sobretudo, pondo em séria questão a suposta e muitas vezes cega equivalência entre ciência, progresso e tecnologia por um lado, e, por outro, bem estar colectivo, paz, harmonia e justo desenvolvimento. Estas conquistas não se realizam utilizando a tecnologia aplicada às guerras, nem com a ciência aplicada à ghettização das cidades e tão pouco com o progresso simbolizado por uma sempre crescente necessidade de consumo. Não é comparando a quantidade ou a qualidade dos bens possuídos que se expressa a moral ou se compreende a diferença. A política da diferença não leva necessariamente ao conflito, como muita literatura tem vindo a afirmar nos últimos anos⁹⁰. O que está em jogo, esta vez, não é o esforço contraproducente de lutar em favor de uma paridade entre dois concorrentes, mas é a urgência de acabarmos de fundar o nosso pensamento sobre a dualidade da diferença, e ainda mais, sobre a diferença em si própria olhada como explicação dos problemas sociais. Começamos, desde já, a reflectir sobre as necessidades humanas, comuns, através de um conceito que a matemática ensina na segunda classe: o mínimo comum denominador. A partir daí, a diferença poderá ser olhada mais como um valor acrescentado, algo que não temos que amar ou odiar, mas, antes de tudo, tomar em consideração como elemento irreprimível dos grupos humanos.

⁹⁰ A referência mais flagrante é a obra de Samuel P. Huntington de 1996, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, em que uma das teses centrais do autor é que as grandes divisões da humanidade e a fonte principal de conflito serão ligadas à cultura e não à economia ou à política, esquecendo que a cultura não é um produto isolado de crenças, mitos e práticas mas, ao contrario, funda-se num determinado contexto ambiental onde os indivíduos visam organizar e coordenar os recursos naturais quanto demográficos. É exactamente nessa mesma acção de gestão e organização das possibilidades de vida dos grupos que vemos como, na realidade, política, economia e cultura formam um único conjunto indivisível.

Afinal das contas, temos visto que, em sentido lato, querer ser mais limpos, porque é no limpo que lemos os signos de civilidade, não nos afasta do sujo, com que temos igualmente de lidar, e não porque seja sinonimo de incivilidade mas sim porque representa um estado temporal e inevitável das coisas, e não as qualidades das pessoas. Como afirma Mary Douglas, “tornou-se evidente que a ligação antiga entre risco e moral não derivava da falta de conhecimento. O conhecimento é sempre escasso. Se se quer atribuir uma culpa, sempre há escapatórias que permitem interpretar os dados na maneira que se prefere”. A questão, portanto, recai sobre as maneiras de nos utilizarmos os instrumentos de que dispomos (sejam estes as ciências, o progresso, a limpeza ou não), nenhum dos quais será capaz de nos garantir a bondade das suas acções em virtude do nome que leva consigo. Rebatemos com a autora, que o ponto central da utilização dos nossos conhecimentos (científicos ou não, progressistas ou não, etc.), não está nas suas qualidades, que ainda quando muitas, ou ainda quando excelentes, sempre são e sempre serão insuficientes e parciais. O que importa, antes de tudo, é a imagem que a partir das nossas sempre lábeis certezas poderemos e queremos criar, ou mais, “da comunidade que somos capazes de criar, ou ainda melhor, daquela comunidade que a tecnologia nos permite criar” (M. Douglas, 1996: 15).

Contra o individualismo metodológico, tanto do pesquisador quanto do indivíduo, ambos autores e leitores do fenómeno social, acreditamos que seja importante ler, reler e questionar o difícil texto dos nossos caminhos, para criar visões participadas de futuro. No fundo, são os livros mais difíceis, os que lemos cem vezes e que levam os signos das nossas mãos, dos nossos olhos que neles se afundaram, que se tornam quase sempre os livros mais amados.

Partindo duma vassoura chagámos a uma proposta de um humanismo feito de olhos capazes de se despir dos juízos rápidos com que normalmente olham, a fim de ver as necessidades dos homens antes das panóplias das suas categorias. Acreditamos podê-lo realizar, vassourada após vassourada.

8.3. Melhores do que os antropólogos, os Poetas e os Cantoneiros de Limpeza

O trabalho dos antropólogos assenta nas informações que conseguem obter pelos seus informantes, muitas vezes, pessoas que têm uma experiência directa no âmbito do assunto da pesquisa. Luís Maçarico foi e não foi um informante. Ele foi mais um orientador. Temos estado em contacto muito pouco. Só uma vez trocámos impressões, sugestões, pontos de vista. Um encontro, um só, foi suficiente para me abrir os olhos sobre uma vastidão de interrogações teóricas, metodológicas, civis, humanas, e não menos importantes, poéticas e emocionais.

Depois das palavras e dos paradigmas académicos, é agora preciso resumir tudo isso, e ao mesmo tempo esquecer tudo isso, deixando espaço ao peso da experiência directa de quem bem conhece o que significa tornar limpo o sujo. Fazêmo-lo com Luís Maçarico e a beleza exorcizadora e a maciça leveza que as suas palavras ousam, embora nos falem da pena e da solidão que os alquimistas sabem, quando andam a transformar as pedras em ouro puro. Através das palavras do poeta uruguaio Eduardo Galeano, e do poeta e cantor italiano Fabrizio De André, concluímos com uma reflexão sobre o ciclo das coisas, e da vida, a partir dum curioso inventário de....imundícies⁹¹.

*“Os cantoneiros”*⁹²

Os cantoneiros estão cheios
De folhas secas, cascas de
Fruta, batatas podres e
Papeis usados.

Os carrinhos de mão
Chiam de tanto peso.

⁹¹ Agradeço a Professora Paula Godinho por me ter iniciado à obra do poeta Eduardo Galeano, só uma das preciosas sugestões que me deu fora do âmbito da literatura antropológica.

⁹² Maçarico, Luís Filipe (2000) *Lisboa: pegadas de luz*, Lisboa, Câmara Municipal.

Estes homens calmos
Varreram passeios
Fizeram achegos
Apanharam o lixo
Com pá, suaram
E ninguém notou
A sua presença
Importante.

Que belo sabor o
Da mistura branca
Naquela tasquita
Diz um deles,
Quando ao fim da
Tarde se cruzam
Cansados e discretos
Antes de seguirem
Para casa.

Amanhã os cantoneiros
Voltarão para embelezar
As paredes da cidade
Que só acorda depois
De suas mãos hábeis
Terem penteado
A madrugada.

Luís Maçarico

“*Inventario general do mundo*”⁹³

Arthur Bispo do Rosário fue negro, pobre, marineiro, boxeador y artista por cuenta de Dios. Vivió en el manicomio de Río de Janeiro. Allí, los siete ángeles azules le transmitieron la orden divina: Dios le mandó hacer un inventario general del mundo. Monumental era la misión encomendada. Arthur trabajó noche y día, cada día, cada noche, basta que el invierno de 1989, cuando estaba en plena tarea, la muerte lo agarró de los pelos y se lo llevó.

El inventario, inconcluso, estaba hecho de chatarras,
vidrios rotos,
escobas calvas,
zapatillas caminadas,
botellas bebidas,
sábanas dormidas,
ruedas viajadas,
velas navegadas,
banderas vencidas,
cartas leídas,
palabras olvidadas y
aguas llovidas.

Arthur había trabalhado com basura. Porque toda basura era vida vivida, y de la basura venía todo lo que en el mundo era o había sido. Nada de lo intacto merecía figurar. Lo intacto había muerto sin nascer. La vida solo latía en lo que tenía cicatrices.

Eduardo Galeano

“A partir dos diamantes não nasce nada, a partir do estrume nascem as flores”

Fabrizio de André⁹⁴

⁹³ Galeano, Eduardo (2008) *Espéjos: Una historia casi universal*, Madrid, Siglo XXI Editores.

⁹⁴ A frase é trazida da canção “Via del Campo”, do álbum “*Fabrizio De André Volume I*”, de 1967.

Anexos

Anexo nº 1

. Nota 1

Ver imagens 6 a 19. Nos dados recolhidos durante as primeiras fases de estudo e estruturação da Colecção de Escovaria (Isabel Matias, 2005), tanto quanto no sucessivo trabalho de campo que efectuamos em 2011, não foi possível estabelecer com certeza uma serie de indicações acerca da identificação dos nomes e das funções de alguns objectos. Muitas destas dúvidas não se encontram até agora resolvidas: por uma lado a especificidade, por outro o prolongado desuso de muitas das peças, tornaram a pesquisa (conduzida por meio de amostra de fotografias e de deslocação aos sítios mais adequados aos diferentes objectivos) uma luta conduzida tanto contra ao esquecimento como quanto à divergência das opiniões fornecidas pelos informantes. No que toca a escova chapuz, diferentes elementos de incerteza sumam-se: 1) a definição do termo chapuz: um informante referiu que “chapuz” é o nome com que na marinha se designam as paredes divisórias dos navios, supostamente lavadas com a escova chapuz; no dicionário da marinha “chapuz” designa o chumaço por baixo das curvas do navio; a expressão “de chapuz” está a significar, simplesmente, “de cabeça para baixo”; 2) a identificação das escovas BD 207, BD 208, BD 209 e BD 210 (Anexo nº 1, imagens 6 a 9) por parte de vários informantes não teve sucesso: alguém referiu que a escova era utilizada para lavar o gado, outros afirmaram que era semelhante as velhas escovas que os carpinteiros utilizavam para a limpeza das estradas depois das obras civis; 3) a falta de coerência dos dados museológicos: a Colecção de Escovaria consta de 9 escovas chapuz, a que correspondem 2 funções diferentes. As informações disponíveis no relatório de Isabel Matias afirmam que de BD 207 a BD 212 são “escovas chapuz para a limpeza dos navios”; de BD 213 a BD 215 são “escovas chapuz para esfregar o chão” (I. Matis, 2005); 4) a informação relativa a função de limpar os navios é dada por um informante da Isabel Matias. Durante o trabalho de campo efectuado em 2011, todavia, esta informação não tem sido verificada, enquanto além dalgumas pesquisas na biblioteca do museu da Marinha, em Lisboa, não foram contactados marinheiros directamente envolvidos no conhecimento da vida marítima. Clarificados estes quatros pontos, nós avançamos algumas acerca desta interpretação, com base no seguinte convencimento: as 4 peças correspondentes aos números de inventário BD 207, BD 208, BD 209 e BD 210, são diferentes das outras 5, embora todas 9 estejam designadas com a mesma definição de “escova chapuz”. As outras 5 escovas lembram, tanto pela forma quanto pelo nome, as escovas chapuz actualmente em comercio (embora estas sejam mais pequenas), caracterizadas por dimensões menores do que as outras 4 e por ter cerda rija de curto tamanho, normalmente empregadas para limpeza doméstica dos exteriores (escadas, quintais, marquises, terraços, etc.). Diferenciando as primeiras 4 (de BD 207 a BD 210) das últimas 5 (de BD 211 a BD 215), todavia, surge um outro problema, relativo à designação das peças: tanto as primeiras 4, quanto as primeiras 2 do segundo grupo identificado (BD 211 e BD 212) 211 a BD 215), partilham não só a mesma designação (comum às 9), mas também a mesma função, nomeadamente a “limpeza dos navios”. Acreditamos que não possa ser. Para simplificar, como mostrado pelas fotografias em Anexo, propomos a seguinte interpretação dos objectos: as escovas BD 207 a BD 210 (imagens 6 a 9), não sabemos se sejam escovas para a limpeza de navios, mas, com muita probabilidade eram escovam utilizadas para a limpeza das ruas depois das obras civis,

de domínio tipicamente masculino, e são as escovas a que nos referimos neste capítulo. Motivamos a nossa interpretação por meio da seguinte comparação: estas primeiras 4 escovas chapuz parecem semelhantes as peças BD 217, “escova para lavar depósitos e tanques” (imagem 18), e BD 216, “escova para lavar os exteriores de carruagens” (imagem 17): o tamanho das cerdas e o feitio dos moldes de madeira assemelham-se muito, o que leva a pensar que a uma semelhança ergonómica possa seguir uma semelhança funcional. As escovas BD 211, BD 212, BD 214 e BD 215, ao contrário, são escovas para esfregar o chão que também as mulheres podiam utilizar, mas cuja função era reduzida para a limpeza de espaços externos à casa, e é na diferença entre espaço interno e externo do lar que podemos afirmar a reprodução dos mecanismos sociais de poder que os objectos ajudam a perpetrar. Embora todas estas escovas tenham o mesmo nome, concluímos, são de facto dois produtos diferentes, pertencente a dois mundos distintos e separados por regras de género, isto é, de estatuto social, e que as posições dos corpos que limpam (“à Cinderella” ou de pé) contribuem a evidenciar. Quando perguntei à Sra. Alice da Vassouraria da Esperança porque nunca tinha pensado esfregar o soalho de madeira dos quartos com uma escova tipo viola dotada de cabo, já que existiam escovas semelhantes, ela, limitou-se a sorrir, exclamando “Pois, é verdade!”, e que nunca tinha pensado nisto, apesar das dores de joelhos e da fadiga que o esfregar “de gatas” lhe produzia. Conversa com a Sr. Alice, Vassouraria da Esperança, 29 de Março de 2011

. Imagens

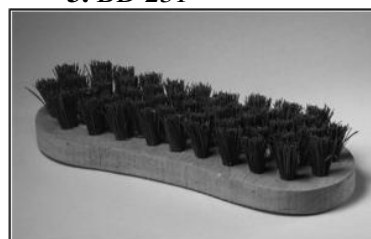
1. BD 288 a



2. BD 288 b



3. BD 231



. **Imagens 1 e 2** :Escova tipo viola BD 228 a e b (MNE)

. **Imagem 3**: Escova tipo viola BD 231 (MNE)



. **Imagem 4**: Escova para esfregar o chão com pega BD 237 (MNE)

. **Imagem 5**: Escova para esfregar o chão com pega BD 238 (MNE)

6. BD 207



7. BD 208



Imagens 6, 7, 8, 9: BD 207, BD 208, BD 209, BD 210 (MNE).

Escovas chapuz “para a limpeza dos navios” (Isabel Matias, 2005) e que nós temos interpretado como vassouras para a limpeza de espaços abertos, por exemplo para a limpeza das ruas depois das obras civis., de domínio normalmente masculino (veja-se cap. 4.)



8. BD 209



9. BD 210



Imagem 10.

BD 211 (MNE).

Escova chapuz “para a limpeza dos navios” (Isabel Matias, 2005). Comparada com as primeiras escovas (imagens 6,7, 8, 9) o cepo de madeira desta escova é trabalhado de outra forma e as cerdas são mais curtas. Esta escova chapuz parece diferente das primeiras quatro: esta e aquelas podem ser, de facto, dois objectos diferentes, embora semelhantes. À uma primeira interpretação baseada na diversidade dos objectos, podemos até avançar uma hipótese de existir uma diferença temporal entre os dois tipos, sem existir diferença de função: as primeiras 4 podem ser escovas mais antigas (consideramos que os informantes não conseguiram reconhecê-las), e esta, a BD 211, mais recente, indicada por alguém como escova de uso externo. Sem dúvida, todavia, podemos afirmar que a escova BD 211 é muito parecida com as modernas escovas chapuz para esfregar o chão. Qualquer que seja a resposta à pergunta, não podemos não notar a diferença entre o primeiro grupo de vassouras e o seguinte, entre os quais a escova BD 211 parece figurar como uma ponte de ligação. Com respeito às primeiras é mais leve, mas continua a ser de tamanho maior respeito as segundas, e portanto mais pesada que elas. A hipótese que avançamos é que esta escova não é uma escova “para a limpeza dos navios”, mas sim um instrumento de trabalho para a limpeza das ruas depois das obras, a limpeza de zonas industriais ou a limpeza de grandes quintais, terraços e marisques.

Imagens 11, 12, 13, 14: BD 212, BD 213, BD 214, BD 215 (MNE).

Isabel Matias (2005) classifica a escova BD 212 como “escova chapuz “para a limpeza dos navios”, tal como as anteriores (imagens 6, 7, 8, 9, 10), enquanto que as escovas BD 213, BD 214 e BD 215 são designadas como: “escovas chapuz para esfregar o chão” (Ibidem).

11. BD 212



12. BD 213



13. BD 214



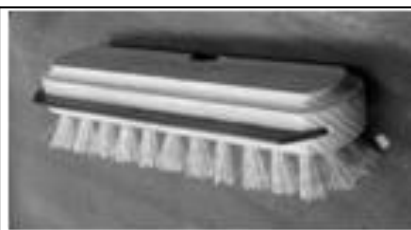
14. BD 215

Como para a escova BD 211 (imagem 10), acreditamos que a “escova chapuz” BD 212 (imagem 11) é, na realidade uma “escova chapuz para esfregar o chão”, tal e qual as outras aqui mostradas (imagens 12, 13, 14, 15). Apresentando juntas estas 4 escovas a fim de sublinhar a semelhança de fabrico, da qual se pode deduzir a função, continuamos a duvidar dos dados com que foram designadas e identificadas de maneiras tão diferente. Contrariamente às primeiras 5 escovas (imagens 6 a 10), embora todas partilhem a mesma designação, é evidente que não pertencem ao mesmo tipo de utilização. Estas últimas quatro escovas, segundo a nossa proposta, são todas escovas para esfregar o chão, função típica das escovas com cerdas curtas e cepo baixo, destinadas à limpeza domestica de espaços externos à casa (escadas, quintais, etc.), tarefa de domínio tanto feminino quanto masculino.

15.



16.



Escovas chapuz contemporâneas para esfregar o chão de espaços externos à casa como escadas, quintais, etc. (Vassouraria da Esperança).

- . **Imagem 15:** escova chapuz simples, com cerdas vegetais, cepo e cabo de madeira.
- . **Imagem 16:** escova chapuz com rodo de borracha, com cerdas sintéticas e cepo de madeira



Imagem17.

Escova camarária contemporânea (Vassouraria da Esperança).

Comparamos as escovas das imagens 6, 7, 8 e 9 com esta, das quais, segundo a nossa interpretação, seria a evolução moderna. Como as antigas escovas para a limpeza das obras civis, esta escova cumpre hoje em dia a mesma função. Entretanto as técnicas de fabrico mudaram completamente: já não são manuais, e se produzem com máquinas mecânicas e semi-automatizadas; às antigas cerdas naturais (de mato ou de piaçaba) se substituíram as de plástico e dos seus derivados; igualmente, os antigos buracos diagonais já não são muito comuns: para a inserção do cabo utiliza-se uma garra de metal a que o cabo é agarrado, com a vantagem de poupar trabalho na fase de realização dos cepos e de a garra poder ser reutilizável.



18. BD 216



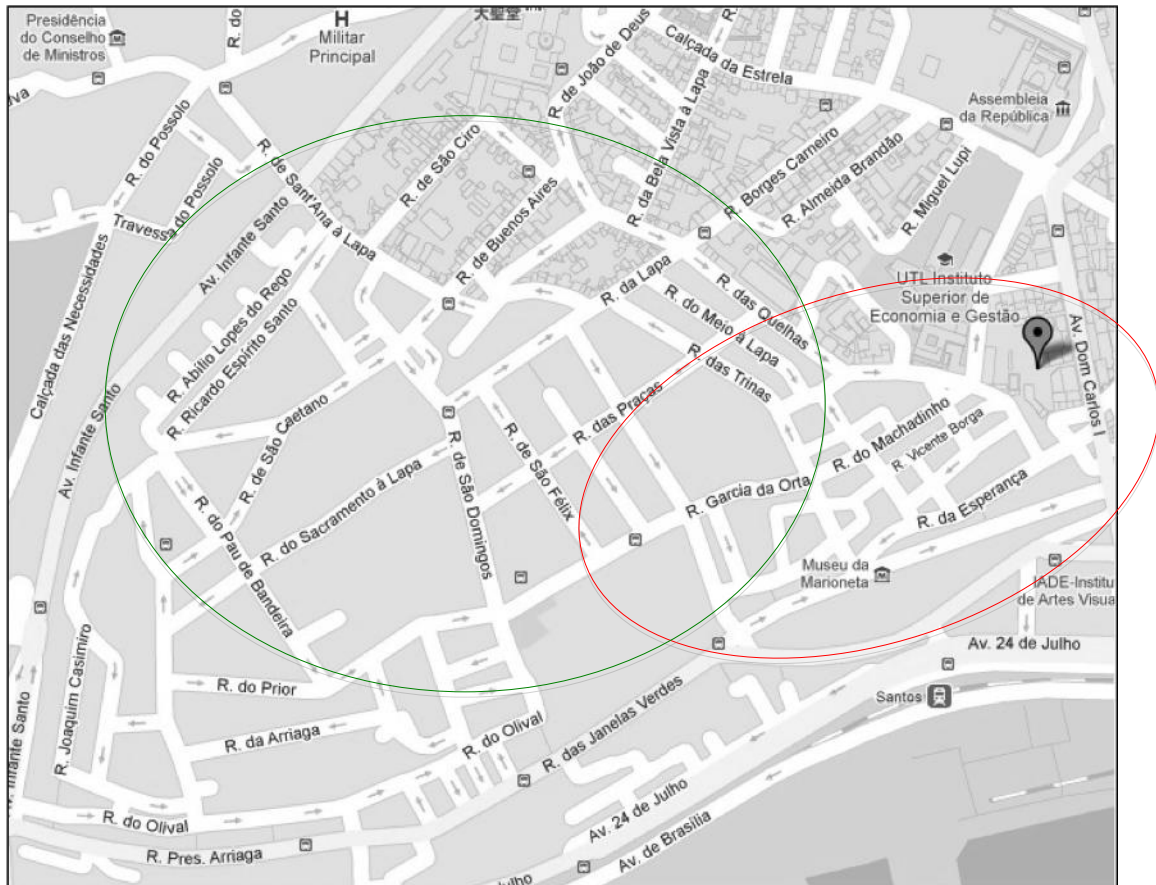
19. BD 217

- . **Imagem 18:** BD 216 (MNE) Escova para lavar os exteriores de carruagens
- . **Imagem 19:** BD 217 (MNE) Escova para lavar depósitos e tanques

Propomos estas escovas, velhas e gastas, para suportar a hipótese de as escovas BD 207, BD 208, BD 209 e BD 210 serem mais semelhantes as ferramentas que se utilizavam para as obras e os grandes trabalhos de manutenção, exactamente como estas duas.

Mapa da zona de trabalho dos funcionários do sub-posto de limpeza da Travessa do Pasteleiro, Lisboa.

Mapa do perímetro dos bairros de Lapa (verde) e Madragoa (vermelho)



Anexo nº 3

Exemplo de percurso de varredura, lavadura e arrumação das estradas desempenhado pelos cantoneiros de limpeza em 1978.

Cantão de São Domingo – Percurso em 1978⁹⁵

- 1) DA RUA DOS NAVEGANTES ATÉ A TRAVESSA DO COMBRO
- 2) LIMPEZA DA TRAVESSA DO COMBRO, ONDE SE DEIXAVA O CARRINHO-DE-MÃO PELA PRIMEIRA VEZ
- 3) DE VOLTA A RUA DOS NAVEGANTES, PARA CIMA ATÉ RUA DE BUENOS AIRES
- 4) RUA DE BUENOS AIRES ATÉ A TRAVESSA DOS FERREIROS A LAPA
- 5) TRAVESSA DOS FERREIROS A LAPA
- 6) DE VOLTA A TRAVESSA DO COMBRO, PARA ACABAR DE A LIMPAR
- 7) RUA DE SANT'ANA A LAPA, ATÉ LA BAIXO
- 8) RUA DE SANT'ANA A LAPA, NUMA PARTE DESTA RUA QUE DA PARA UM BECO SEM SAIDA
- 9) CONTINUAÇÃO PELA RUA DE SANT'ANAA LAPA ATÉ A RUA DE BUENOS AIRES
- 10) FINALIZAÇÃO DA LIMPEZA DA RUA DE BUENOS AIRES E CHEGADA A RUA DE SÃO DOMINGOS
- 11) LIMPEZA DA RUA DE SÃO DOMINGOS ATÉ AO BECO DO NORTE A LAPA
- 12) RETORNO A RUA DE SÃO DOMINGOS, E LIMPEZA DESTA ATÉ A RUA DA LAPA
- 13) LIMPEZA DA RUA DA LAPA ATÉ A ARVORE, E RETORNO A RUA DE SÃO DOMINGOS
- 14) DESCIDA A RUA DE SÃO DOMINGOS ATÉ A RUA GARCIA DE ORTA

TRANSIÇÃO ENTRE A LAPA E A MADRAGOA: 15) LIMPEZA DA RUA DE SÃO DOMINGOS ATÉ AO EDIFÍCIO DA MARINHA

- 16) VIRAGEM PARA A RUA DE SÃO JOÃO DA MATA, E LIMPEZA DESTA ATÉ METADE, PARA BAIXO
- 17) RETORNO A RUA GARCIA DA HORTA, E LIMPEZA DESTA ATÉ A RUA DAS TRINAS
- 18) DESCIDA DA RUA GARCIA DA HORTA, FINALIZANDO A SUA LIMPEZA, E VIRAGEM PARA A TRAVESSA NOVA DE SANTOS
- 19) CHEGADA A RUA DO GUARDA-MOR, E FINALIZAÇÃO DA LIMPEZA DA RUA DE SÃO JOÃO DA MATA
- 20) RETORNO A RUA DO GUARDA-MOR, E FINALIZAÇÃO DA SUA LIMPEZA (ATÉ A RUA DAS TRINAS OU ATÉ A RUA DA CURA?)

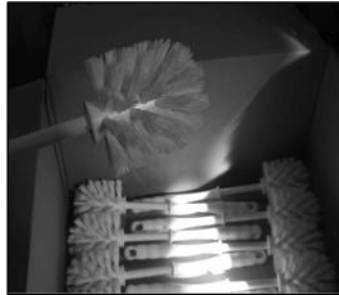
⁹⁵ Maçarico, Luís Filipe e Gomes Leandro, Maria A. (1993) *Cantoneiros de limpeza entre o “monstro” e o santo*, documento não publicado, pp. 35.

Anexo nº 4

Exemplo de comparação entre objectos do passado e do presente.



20.



21.

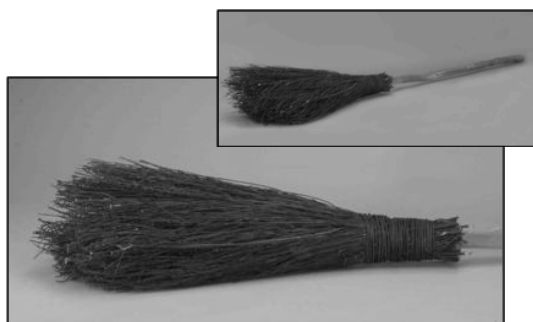


22.

- . **Imagem 20:** BD 484 (MNE) antiga escova sanitária com cerdas de piaçaba atadas com arame de metal e cabo de madeira, comumente chamada “piaçá”.
- . **Imagem 21:** escova sanitária hodierna, de tipo comum, com cerdas e cabo de plástico de cor branca.
- . **Imagem 22:** escova sanitária de luxo, cujo preço (69.95 euros) justifica-se pelo design das formas e dos materiais (liga de metal ligeiro).

Anexo nº 5

Comparação entre vassoura de limpeza de estradas do passado e do presente.



23.



24.

- . **Imagem 23:** BK 406 (MNE) vassoura de mato, antigamente utilizada para a limpeza das estradas pelos cantoneiros de limpeza, fabricada com matérias primas derivadas das florestas adjacentes da capital (madeira e ramos sem folhas).
- . **Imagem 24:** vassoura para a limpeza das estrada actualmente utilizada pelos cantoneiros de limpeza, realizada em plástico de cor verde aceso, aqui retráída junta ao outro equipamento fundamental: o carrinho de mão.

Anexo nº 6

Cantoneiros de limpeza que trabalham.



25.



26.

- . **Imagem 25:** cantoneiro de limpeza mulher, Praça do Rossio, 15 de Fevereiro de 201, Lisboa
- . **Imagem 26:** cantoneiro de limpeza perto da ilha ecológica de Praça das Flores, 28 de Fevereiro de 2011, Lisboa

Anexo nº 7

Exemplos de caixotes domésticos e públicos para a recolha do lixo.



27



28

- . **Imagem 27:** caixote de lixo com três diferentes secções para a divisão de plástico, papel e vidro
- . **Imagem 28:** caixote para o lixo numa rua de Xabregas, Lisboa

Anexo nº 8

Trabalho de limpeza ocasional



29.

A Sra. Saturnina, empregada ocasional de limpeza, imigrada de origem africana. Rua de São Bento, 24 de Março de 2011, Lisboa.

Anexo nº 9

Antigas fabricas de vassouras, escovas e pincéis de Lisboa: a *Manuel Lourenço Ribeiro* e a *Vassouraria da Esperança*



30a.



30b.



31.



32.

- . **Imagem 30a:** entrada da Fabbrica Manuel Lourenço Ribeiro, após da venda por leilão e a sua aquisição por parte de novos donos. Calçada Dom Gastão, pátio 4, porta 45, Beato, Lisboa.
- . **Imagem 30b:** particular sobre a porta de entrada da fabrica, marcada por uma grande vassoura pendurada, a significar o tio de produção aí exercida.
- . **Imagem 31:** entrada da Vassouraria da Esperança, Avenida Dom Carlos I nº 98, Santos, Lisboa.
- . **Imagem 32:** interior da Vassouraria da Esperança com a Sra. Alice e o Sr. Hermógenes Rosa, preciosos informantes durante os meses de trabalho de campo.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun (1986) “Introduction”. Arjun Appadurai (eds), *The social life of things. Commodities in cultural perspective*, Cambridge University Press, 3-63.

APPADURAI, Arjun (1996) “Here and now”; “Disjuncture and difference in the Global Cultural Economy”. Arjun Appadurai, *Modernity at large. Cultural dimension of globalization*, University of Minnesota Press, pp. 1-47.

BAUDRILLARD, Jean (2009) *Il sistema degli oggetti*, Milano, Bompiani; ed. or. (1968) *Le système des objets*, Gallimard, Paris.

BÁRTOLO, José Manuel (2005) “Espaço, design e poder. Notas sobre a tecnologia do quotidiano”, *Revista de Comunicação e Linguagem*, nº 34 e 35: 279-292.

BATESON, Gregory (2008)(1972) “Contatto tra culture e schismogenesi”. Gregory Bateson, *Verso un’ecologia della mente*, Milano, Adelphi, pp.95-107.

BOURDIEU, Pierre (2001) *La distinzione. Critica sociale del gusto*, Bologna, Il Mulino; ed. or. (1979) *La distinction*, Paris, Les éditions de Minuit.

BORJA-SANTOS, Romana, <<As bodas de ouro da esfregona>>, *Público* (2/04/2008), http://www.publico.pt/Sociedade/as-bodas-de-ouro-da-esfregona_1324586, notícias em “Sociedade”, consultado em 12 de Fevereiro de 2011.

BRITO, Joaquim Pais de (1996) *Retrato de aldeia com espelho. Ensaio sobre Rio de Onor*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

BRITO, Joaquim Pais de (2011) “Les objets, le regard”, Fabienne Wateau (eds.) *Profils d’objets. Approches d’anthropologues et d’archéologues*, Maison René-Ginouvès, Paris, De Boccard.

CALVET DE MIGALHÃS, Manuel Maria (1946), *Economia doméstica*, Cadernos do Povo, FMI, Lisboa, Oficinas Gráficas Casa Portuguesa.

CERTEAU, Michel de (1990) “A beleza do morto: o conceito de <<cultura popular>>” Jacques Revel, et al, *A invenção da Sociedade*, Lisboa, Difel, 45-75.

COSTA PINTO, António (2004), “Portugal Contemporâneo: uma introdução”. António Costa Pinto (eds), *Portugal contemporâneo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 11-50.

CRESPO, Jorge (1990) *História do Corpo*, Lisboa: Difel.

DAVIS, Mike (2010) “Planeta de bairros de lata: a involução urbana e o proletariado informal. Bruno Peixe Dias e José Neves (eds.) *A política dos muitos. Povo, classe e multidão*, Lisboa, Fundação EDP e Edições Tinta da China, pp. 197- 232.

DI CHIAZZA, Sara (2010), *Primeiro Relatório de percurso. Abordagem e liminaridade: verificação e controlo do estado actual da Colecção de Escovaria*, Outubro de 2010, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, (relatório interno não publicado).

DI CHIAZZA, Sara (2010), *Segundo Relatório de percurso. Pós-liminaridade: cinco anos depois. Transformações da Colecção de Escovaria entre ontem e hoje*, Dezembro de 2010, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, (relatório interno não publicado).

DOUGLAS, Mary (1996) *Purezza e pericolo. Un'analisi dei concetti di contaminazione e tabù*, Bologna: Il Mulino; ed. or. (1966) *Purity and danger. An analysis of concepts of pollution and Taboo*, Harmondsworth, Penguin Books.

DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD Baron (1984) *Il mondo delle cose. Oggetti, valori, consumo*, Bologna, Il Mulino, pp. 66. Ed. or. (1979) *The world of goods*, New York, Basic Books.

EDENSOR, Tim (2010) "Introduction: thinking about rhythm and space". Tim Edensor (eds.) *Geographies of rhythm. Nature, place, mobilities and body*, England, Ashgate, pp. 1-18.

FAGAN, Colette (2010) *Men and gender equality. Tackling gender, segregated family roles and social care jobs. Analysis note*, EGGE-European Network of Experts on Employment and Gender Equality issues -, Fondazione Giacomo Brodolini, disponível em formato PDF no site ec.europa.eu/social/BlobServlet?docId=5532&langId=en.

FUSASCHI, Michela (2008) *Corporalmente corretto. Note di antropologia*, Roma, Meltemi.

GALIMBERTI, Umberto (2002) (1983) *Il corpo*, Milano, Feltrinelli.

GALIMBERTI, Umberto (2009) *I miti del nostro tempo*, Milano, Feltrinelli.

GODINHO, Paula (2010) *Festas de Inverno no Nordeste de Portugal. Património, mercantilização e aporias da "cultura popular"*, Castro Verde, 100 Luz.

GOFFMAN, Ervin (1959) *The presentation of Self in everyday life*, London, Penguin Books.

GRAMSCI, António (1934) "Americanismo e fordismo". António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 22, pp- 2137-2181.

GRAMSCI, António (1934) "Ai margini della storia (Storia dei gruppi sociali subalterni)". António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 25, pp- 2277-2294.

- GRAMSCI, António (1934) “Osservazioni sul <<Folclore>>”. António Gramsci (2007) *Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, Vol. 3, Quaderno 27, pp- 2309-2217.
- HALL, Stuart (1996) “Introduction: who needs identity?”. Stuart Hall & Paul du Gay (eds) *Questions of cultural identity*, London, Sage, pp. 1-17.
- HERZFELD, Michael (2001) “Displays of order”. Michael Herzfeld, *Anthropology. Theoretical practice in culture and society*, Malden, Massachussets, Blackwell Publishers, 254-277.
- LA CECLA, Franco (1998) *Non é cosa. Vita affettiva degli oggetti*, Milano, Elèuthera.
- LEDDY, Thomas (1995) “Everyday surface aesthetic qualities: <<neat>>, <<messy>>, <<clean>>, <<dirty>>”, *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, vol. 53, nº 3, pp. 259-268.
- LE GOFF, Jacques (1989) “A história do quotidiano”. Philippe Ariès, Georges Duby, Jacques Le Goff, Leroy La Durie (eds) *História e nova história*, Lisboa, Teorema, pp. 85-96.
- LEROI-GOURHAN, André (2002) *O gesto e a palavra*, vol. 2, Memória e ritmos, Lisboa, Edições 70; ed. or. (1965) *Le geste et la parole – la mémoire et les rythmes*, Éditions Albin Michel.
- MAÇARICO, Luís Filipe (1991) *Lisboa: lixo e desperdício. Resíduos sólidos de Lisboa, um valor pouco aproveitado*, documento não publicado.
- MAÇARICO, Luís Filipe e GOMES LEANDRO, Maria A. (1993) *Cantoneiros de limpeza entre o “monstro” e o santo*, documento não publicado.
- MAÇARICO, Luís Filipe (2000) *Lisboa: pegadas de luz*, Lisboa, Câmara Municipal.
- MATIAS, Isabel (2005) *Fábrica de escovas, pincéis e vassouras Raul Torres Brito, Coleção de Escovaria*, Setembro de 2005, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia (relatório interno não publicado).
- MAUSS, Marcel (1936) “Les techniques du corps”. Marcel Mauss (1950) *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF, pp. 363-386.
- MINER, Horace (1956) “Body ritual among the Nacirema”, *American Anthropologist*, nº 58: 503-507. Sourcetext as PDF: <<http://www.aaanet.org/pubs/bodyrit.pdf>>, consultado em Abril de 2011.
- MÓNICA, Maria Filomena (1996) *Os costumes em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Público.
- NINY, Henrique Jorge (1941) *Inquérito Habitacional*, Lisboa, Direcção Geral de Saúde Publica - Inspeção de Sanidade Terrestre -, Instituto Nacional de Estatística, Ministério do Interior.

ORTNER, Sherry <<On Neoliberalism>>, *Anthropology of this Century, Issue 1*, (Maio de 2011), <http://aotcpress.com/articles/living-with-economists/>, consultado em 2 de Julho de 2011.

PEIXE DIAS, Bruno e NEVES José (2010) *A política dos muitos. Povo, classe e multidão*, Lisboa, Fundação EDP e Edições Tinta da China.

ROSALES, Marta (2001) *Temos o que procura. O discurso publicitário enquanto recurso identitário nas sociedades contemporâneas*, Coimbra, Minerva.

SÁ, Elisabete de, <<O sabão azul e branco já tem 150 anos e continua a vender 6 mil toneladas>>, *Jornal de Negócios* de 23.09.2009, <http://www.jornaldenegocios.pt/home.pho?template=SHOWNEWSV2&id=387833>, consultado em 23 Maio de 2001.

SAID, Edward W. (1998) *Cultura e imperialismo. Letteratura e consenso nel progetto coloniale dell'Occidente*, Roma, Gamberetti Editrice; ed. or. (1993) *Culture and imperialism*, New York, Alfred A. Knopf, Inc.

SCHECHNER, Richard (1994) "Ritual and performance". Tim Ingold (eds.) *Companion Encyclopedia of Anthropology. Humanity, Culture and Social Life*, London & New York, Routledge, pp. 613-647.

SEGALEN, Martine (1992) *Riti e rituali contemporanei*, Bologna, Il Mulino; ed. or. (1998) *Rites et rituels contemporains*, Paris, Editions Nathan.

SELLERS, Susan (2003) "Spouse meccaniche". Raimonda Riccini (eds.) *Imparare dalle cose. La cultura materiale nei musei*, Bologna, Clueb.

SENNET, Richard (2009) *L'uomo artigiano*, Milano, Feltrinelli; ed. or. (2008) *The craftsman*, Yale University Press, New Haven & London.

SENNETT, Richard (2000) *A corrosão do carácter. As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Lisboa, Terramar; ed. or. (1998) *The corrosion of character. The personal consequences of work in the New Capitalism*, New York, W. W. Norton & Company.

STAFFORD, Charles <<Living with the Economists>>, *Anthropology of this Century, Issue 1*, (Maio de 2011), <http://aotcpress.com/articles/living-with-economists/>, consultado em 2 de Julho de 2011.

STIEGLER, Bernard (2010) *Le design de nos existences. À l'époque de l'innovation ascendante*, Paris, Centre Pompidou.

THOMAS, Helen & AHMED, Jamilah (2004) *Cultural bodies. Ethnography and theory*, Oxford, Blackwell Publishing.

TURNER, Victor (1986) *Dal rito al teatro*, Bologna, Il Mulino; ed. or. (1982) *From ritual to theatre. The human seriousness of Play*, New York, Performing Arts Journal Publications.

TURNER, Victor (1993) *Antropologia della performance*, Bologna, Il Mulino; ed. or. (1986) *The Anthropology of performance*, New York, Paj Publications.

VALE DE ALMEIDA, Miguel (1996) *Corpo Presente. Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*, Oeiras: Celta.

VERGANI, Matteo (2006) *Lo straniero nella comunicazione pubblicitaria per immagini della metropoli milanese*, documento não publicado, disponível em formato PDF no site http://www.piercingthereality.org/articles_33.html, consultado em 27 de Março de 2011.

VIGARELLO, Georges (2007) *Storia della bellezza. Il corpo e l'arte di abbellirsi dal Rinascimento a oggi*, Roma, Donzelli Editore; ed. or. (2004) *Histoire de la beauté. Le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*, Éditions du Seuil.

WARNIER, Jean-Pierre (2005) *La cultura materiale*, Roma, Meltemi; ed. or. (1999) *Construire la culture matérielle. L'homme qui pensait avec ses doigts*, Paris, Presses Universitaires de France.

WILLIAMS, Raymond (1969) *Cultura e sociedade, 1780-1950*, São Paulo, Cia, Editora Nacional; ed. or. (1958) *Culture and society, 1780-1950*, Londres, Longman.

WILLIAMS, Raymond (2008) “La cultura es algo de ordinario”, in *Histórias y culturas comun*, Madrid, Catarata, 36-61.

WRIGHT, Lawrance (1970) *Limpo e decente: ou a divertida história do quarto de banho e da retrete*, Lisboa, Meridiano; ed. or. (1960) *Clean and decent: the fascinating history of the bathroom & the water closet and of sundry habits, fashions & accessories of the toilet principally in Great Britain, France, & America*, London : Routledge & Kegan Paul.

WRIGHT, Susan (2004) La politización de la <<cultura>>. Maurício Boivin et al, *Constructores de otredad*, Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 128-141.

Filme

WALKER, Lucy, JARDIM, João e HARLEY, Karen (2010) *Waste Land*, London-Brazil, Almega Project, 02 Film Production.

Sitos

<http://aotcpress.com/articles/living-with-economists>

<http://www.ccmrmc.com/practice/cases/>

http://www.piercingthereality.org/articles_33.html

<http://www.publico.pt>

Dedico este trabalho a quem acompanhou, na distância e na proximidade, cada um dos meus passos; a eles, vai a minha imensa gratidão, o meu amor e os meus melhores augúrios de serem sempre tão luzentes. Foi com eles que descobri o calor das mais pequenas luzes e aprendi a não temer a escuridão das sombras. Os nomes são muitos, antes de tudo, os da minha família, para a qual aprendi a verdadeira *Saudade de Casa*. Este trabalho é para a minha mãe, Daniela, a que agradeço a sua força transparente, o encanto do seu coragem doce, os seus olhos que falam sem palavras; para o meu pai Stefano, do qual admiro a curiosidade ardente pelas coisas do mundo, o seu foco mágico, que aquece sem queimar, as suas paixões das quais eu atingi as minhas. Enfim, para os meus pais, a melhor equipa que eu conheça, minhas constantes guias que muito estimo e muito amo. Para os meus avós todos, Nonna Norina (o nome da milanese) e Nonno Gaetano (Tanuchià para quem sabe), Nonna Paola (com dois aniversários por cada ano) e Nonno Tino (Attilio em verdade, cuja escova de cabelo ainda conservo), dos quais apanhei os olhos como testemunho dos ensinamentos que nunca esqueço, e que dia cada dia redescubro e aprendo; para os meus primos: Diana, Massimiliano; Salvatore e Davide; para as minhas tias e os meus tios, a Zia Patty, a Zia Bruna, a Zia Francesca e o Zio Salvatore (os “cesatesi” do sul), o Zio Franco e a Zia Rosanna (os verdadeiros sicilianos!). Muitos nomes faltam, ocupariam demais páginas, os resumo por regiões de Itália: à família Sant’angiolina (Lodi) e à família Ciancianesa (Agrigento), responsáveis da exportação no mundo do apelido Di Chiazza.

Ainda, este trabalho é dedicado aos muitos companheiros de viagem que encontrei ao longo do meu caminho, em todas as partes do mundo:

ao Dinis, ao calor da Sibéria que todos os dias me surpreende e que aprendo a conhecer, à *folie de Babel* que só o *Strange Animal* conhece, à noite de dia e às aventuras do Pirata, à *Uma Carta e Uma Cidade Invisível* que todos os dias habit(u)amos; ao exército global-lisboeta: Gaspar, o Senhor das Conchas, ao qual devo a hospitalidade numa casa encantada, no extremo ocidental do Mundo Antigo; Pedro dos Reis (alfacinha como ninguém, e o primeiro da primeira cozinha), Oana Ciubanu (amiga romena já italiana), Chiara Dalla Libera (cioé, come si dice?), Jean-Christophe Larribe (viva as crepes da grand-mère, o calendário de dança e a velha tradição dominical), Beatriz Sílvia Pedrosa (mulher única), Ísis Faria (linda flor), Carlos Caballini e Manuel Pires de Oliveira (ídolos brasileiros), Matteo Taiana (stellino!), as alemãs Nele Fiedler (quanta alegria) e Susanne Malorny (quantos projectos!), Nitin Shukla (à sua Índia que tanto quero visitar); ao exército global-italianos, tanto longes quanto sempre Contini dentro dos meus olhos: Nicoletta e Janice Diamantino e as *Tre Giganti* que sempre seremos, Angiolina delle Meraviglie, António Tucci, Francesca Possenti, Daniele Bonomi, Michela Volonté, Cláudio Così, Alberto De Marco, Stefano Borella e todos os amigos do Parchetto de Saronno, de Torino, de Bolzano, de Bologna, de Busto Arsizio, de Cesate, e ainda de Istambul, Moscovo, São Petersburgo...

....Obrigada.

